



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS TRANÇADEIRAS
COMO CAMINHO METODOLÓGICO PARA UMA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DO
ESPAÇO E DA SOCIEDADE.**

Paloma da Silveira da Silva

NOVA IGUAÇU

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E VIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS TRANÇADEIRAS
COMO CAMINHO METODOLÓGICO PARA UMA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DO
ESPAÇO E DA SOCIEDADE**

PALOMA DA SILVEIRA DA SILVA

Sob a orientação da Professora
Roberta Arruzzo Carvalho

E co-orientação da Professora
Geny Ferreira Guimarães

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Território, Ambiente e Ensino de Geografia.

NOVA IGUAÇU
2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Paloma da Silveira da, 1995-
Memória, ancestralidade e vivências de mulheres
negras trançadeiras como caminho metodológico para uma
interpretação geográfica do espaço e da sociedade /
Paloma da Silveira da Silva. - Nova Iguaçu, 2023.
100 f.

Orientadora: Roberta Carvalho Arruzzo.
Coorientadora: Geny Ferreira Guimarães .
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Geografia, 2023.

1. Geografias Negras. 2. Trançadeiras. 3. Mulheres
negras . I. Carvalho Arruzzo, Roberta , 1980-,
orient. II. Ferreira Guimarães , Geny , 1970-,
coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Geografia. IV. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 6/2024 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.006094/2024-39

**Seropédica-RJ, 08 de fevereiro
de 2024.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS /
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

PALOMA DA SILVEIRA DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21/11/2023.

Identificar membros da banca:

Roberta Carvalho Arruzzo. Dra.

UFRRJ (Orientadora- presidente
da banca)

Geny Ferreira Guimarães. Dra.

UFRRJ (Coorientadora)

Luane Bento dos Santos. Dra. Secretária de Estado de Educação do
Rio de Janeiro (membro da banca)

Priscilla Pinto Ferreira Vaz. Dra. Rutgers/The State University of
New Jersey (membro da banca)

(Assinado digitalmente em
28/02/2024 17:26)

GENY FERREIRA GUIMARAES

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CTUR (12.28.01.30)
Matrícula: ###532#2

(Assinado digitalmente em 16/02/2024 13:52)

ROBERTA CARVALHO ARRUIZZO

PROFESSOR DO MAGISTERIO

SUPERIOR DeGEOIM

(12.28.01.00.00.87)

Matrícula: ###467#4

(Assinado digitalmente em
09/02/2024 11:42)

LUANE BENTO DOS SANTOS

ASSINANTE

EXTERNO

CPF:

###.###.397-

##

(Assinado digitalmente em 18/02/2024 13:01)

PRISCILLA PINTO FERREIRA VAZ

ASSINANTE EXTERNO

Passaporte: ###039#1

Visualize o documento original em
[https://sipac.ufrj.br/public/documentos/ind
ex.jsp](https://sipac.ufrj.br/public/documentos/ind
ex.jsp) informando seu número: **6**, ano: **2024**,
tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE**
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, data
de emissão: **08/02/2024** e o código de
verificação: **6e3fdb85b8**

“Por cima do medo, coragem...”

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Agradeço ao movimento, à dinâmica que transforma a vida com respeito ao representante da palavra, Laroye!

São muitos agradecimentos, a muitas forças e pessoas, mas minha gratidão maior está em me permitir construir amor por mim, como resultado da busca de coragem para superar as barreiras e as dores. Estou viva!

Um agradecimento carinhoso para as mulheres negras trançadeiras, as da minha vida e as que seguem enfrentando suas lutas em nome do amor.

Agradeço ao Coletivo Preto Dandaras da Baixada por ser a organização que acolheu minhas inquietações e dores na construção da luta diária, seja na rua ou no espaço acadêmico. Nessa, estiveram comigo os meus irmãos Cátia Regina, Luciano Marks, Carolina Nascimento, Macaulay Pereira Bandeira, Marlon Pereira, Jessyca Liris, Gilmar, Miguel Brum, Camily Goes, Rayssa, Milena, Peterson, Karla e Marília.

À irmã do Complexo do Alemão, Dona Zilda Chaves, por sempre acreditar no meu potencial, por alimentar sonhos que hoje tornam-se realidade. Obrigada por compartilhar a luta! Vida longa à Escola Quilombista Dandara dos Palmares!

Às irmãs e irmãos que nunca soltaram a minha mão, Mariana da Costa, Mariana Stoco, Vivian Nascimento, Carolina Nascimento, Macaulay Bandeira, Cátia Regina, João Amani, Luane Bento dos Santos e o Grupo de Pesquisa Linhagem dos Cabelos.

À minha Yalorixá Vanilda Rosário, por cuidar do meu Orí, por me ajudar a caminhar.

Aos que estiveram em partes dessa trajetória de pesquisa e contribuíram para o seu alcance, Liziane Neves.

Às minhas orientadoras Roberta Arruzzo e Geny Guimarães por seus esforços e paciência acolhedora.

Ao luto que esteve presente em todo o tempo de formação nesta etapa inicial da pós-graduação. Foram muitos choros e resiliência. Atravessei um oceano inteiro, hoje já consigo respirar.

Aos meus orixás pela proteção.

À pombagira pelos bons ventos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas de oralidade de mulheres negras trançadeiras. Além disso, as investigações, aqui, apresentadas fazem parte do que se compreende como Geografias Negras (GUIMARÃES, 2018), uma vez que propõe enunciar trajetórias de negras como elemento metodológico dentro do campo científico da Geografia. Como prática metodológica utilizei o conceito de escrituras (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2020) afim de apresentar as trajetórias socioespaciais de mulheres negras, assim como ouvir e sentir a memória dessas mulheres como ferramenta para construir uma Geografia por caminhos ancestrais e interdisciplinares, desde de dentro (WALKER, 2018) da sociabilidade das trançadeiras. Para isto, conta-se como fundamentação teórica a elaboração de uma narrativa negra que nasça do olhar do negro sobre si (GOMES, 2019; NASCIMENTO e RATTIS, 2006; SANTOS, 2022) afim de interromper processos de violência colonial que se atualiza por meio do reforço do lugar do negro na sociedade. Concluo, deste modo, que esta pesquisa conta com narrativas da trajetória de mulheres negras trançadeiras assim como uma série de registros fotográficos que traduzem sentidos socioculturais africanos, afro diaspóricos e afro brasileiros.

ABSTRACT

This research aims to analyze the oral narratives of black women braiders. furthermore, the investigations presented here are part of what is understood as Black Geographies (GUIMARÃES, 2018), as they propose to enunciate trajectories of black women as a methodological element within the scientific field of Geography. As a methodological practice, I used the concept of writing (CONCEAÇÃO EVARISTO, 2020) in order to present the socio-spatial trajectories of black women, as well as listening and feeling the memory of these women as a tool to build a Geography along ancestral and interdisciplinary paths, from within (WALKER , 2018) of the sociability of braiders. For this, the theoretical foundation is the elaboration of a black narrative that is born from the black people's perspective on themselves (GOMES, 2019; NASCIMENTO and RATTTS, 2006; SANTOS, 2022) in order to interrupt processes of colonial violence that are actualized through strengthening the place of black people in society. I conclude, therefore, that this research includes narratives of the trajectory of black women braiders as well as a series of photographic records that translate African, Afro-diasporic and Afro-Brazilian sociocultural meanings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Arte feita com registros pessoais, entre eles o EECUN e trabalho realizado com Erykah Badu.

Figura 2 - Registros pessoais de viagem, foto campanha Trança Nagô e logomarca.

Figura 3- Registro de trança feita em Thuanny Reis, este penteado é uma criação autoral realizada em estilo livre, com tranças feitas em quatro tempos-partes, tendo o meio como ponto de partida, criando a possibilidade de criar o que nomeio de técnica espelho, onde o movimento das tranças são reproduzidos na outra metade da cabeça, oferecendo uma sensação espelhada, com continuidade e profundidade.

Figura 4- Registro de trança feita em Raquel Rosário Monáyò, mãe-ekedi, cliente e amiga que os ancestrais proporcionaram encontrar e trocar. Nos conhecemos no salão que atendia em Madureira, na ocasião da gravidez de seu filho Gael, que hoje também é trançado por mim. Sutil como energia mágica e desafiadora como escolha de amor radical, me torno filha espiritual da casa de candomblé em que Raquel é nascida e criada, família que me acolhe e permite experimentar espaços-tempos de memórias, presentes nos rituais para os ancestrais de origem africana.

Figura 5- Desenho realizado como parte do processo criativo desta pesquisa, como recurso de transpor a vivência para a escrita.

Figura 6 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada.

Figura 7 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada.

Figura 8 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada.

Figura 9 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada

Figura 10 - Logomarca Monay Tranças desenhada e projetada por Rebeca Síntique.

Figura 11 - Logomarca Monay Tranças desenhada e projetada por Rebeca Síntique.

Figura 12 - Registro de penteado trançado realizado em Zilda Chaves e registro de viagem à Salvador em ocasião da Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro organizada pela Reaja ou será morto, reaja ou será morta em 2016.

Figura 13 - Registro de trança realizada em Thuanny Reis, este modelo de trança foi realizado em estilo livre e teve inspiração em espiral, seguindo uma ordem espontânea e criativa, que não apresenta uma ordem pré-estabelecida.

Figura 14 - Registro de trança feita em Caroline Silva, minha prima mais nova e da família paterna.

Figura 15 - Registro de penteado trançado em Thayane, no ano de 2011.

Figura 16 - Registro de penteados trançados nas irmãs Luciene e Daniele.

Figura 17 - Registro de aula no curso de tranças Esponja Magic em Madureira em 2019.

Figura 18 - Registro da formatura do curso de trancista Esponja Magic em Madureira 2019.

Figura 19 - Registro de aula no curso de tranças Esponja Magic em Madureira em 2019.

Figura 20 - Registro da preparação dos cabelos para realização do penteado trançado. A técnica utilizada é “*blowout hair*”, o termo “*blowout*” vem do inglês, e é usado para referir-se ao uso do secador e de uma escova rígida. A técnica não requer que você “alise” os fios e, sim, use os acessórios para alcançar um cabelo mais volumoso e menos definido, onde os fios ficam alinhados.

Figura 21 - Registro de penteado trançado em Ana Cláudia, cliente e professora da rede estadual do Rio de Janeiro. Resultado Nagô Afro Puff.

Figura 22 - Registro de penteado trançado em Cida Nogueira, maquiadora na empresa *Farm Rio* há 15 anos e responsável por articular equipes de beleza formadas por profissionais negras. Este penteado foi realizado em estilo livre, em harmonia com as referências e proposições da própria cliente e amiga.

Figura 23 - Registro do espaço de atendimento onde realizo os penteados, dentro de uma perspectiva de acolhimento e elaboração de possibilidades de materializar um cotidiano de atendimentos longos, que em muitas ocasiões atravessam o dia.

Figura 24 - Registro de penteado trançado em Solange Miguel, referência e cuidadora de minha infância.

Figura 25 - Registro de penteado trançado em Simone, amiga de juventude da minha mãe, minha tia e cuidadora na infância.

Figura 26 - Registro do Workshop Flat Twist organizado pelo Trança Terapia, em ocasião em que Helen ministrou parte do curso.

Figura 27 - Registro de Flat twist realizado em Sigourney Pereira em ocasião de treino e prática da técnica pesquisada. O workshop foi responsável por proporcionar que eu pudesse me recordar dos movimentos que já eram lógicos, mas a troca de fato foi fundamental.

Figura 28 - Arte em comemoração aos mil seguidores na rede social Instagram.

Figura 29 - Live organizada pelo Coletivo Preto Dandaras da Baixada.

Figura 30 - Arte criada para divulgação na rede social Instagram.

Figura 31 - Registro de oficina de tranças ministrada durante aula no curso de Letras da UFRRJ IM.

Figura 32 - Arte feita para divulgação da livre realizada em decorrência da contemplação do edital Cultura Presente nas Redes do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 33 - Arte produzida inspirada no atendimento para Ionata, médica negra, de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ionata atuou intensamente nos plantões de combate a COVID-19 e é tem um sorriso que embeleza a alma

Figura 34 - Registro de penteado trançado em Caroline Lourenço, realizado em estilo livre, teve inspiração no Adinkra Sankofa.

Figura 35 - Registro de penteado trançado em Erykah Badu no Rio Janeiro de 2023. Este evento foi responsável por proporcionar uma avalanche de bons caminhos profissionais, além de me proporcionar uma sensação de conexão real com os caminhos que a ancestralidade tem me proporcionado percorrer.

Figura 36 - Mapa dos deslocamentos para atendimentos no município do Rio de Janeiro e região metropolitana.

Figura 37 - Registro de penteado trançado em Mariana Costa, realizado pela trançadeira Karla Raymundo, em evento cultural organizado por mim em São João de Meriti em 2017.

Figura 38 - Registro Karla Raymundo trançando no Rolêzinho Panafricanista, evento cultural em São João de Meriti.

Figura 39 - Registro de penteado trançado em Geny Guimarães durante apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.

Figura 40- Registro de penteado trançado em Geny Guimarães durante apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.

Figura 41 - Registro de penteado trançado durante apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.

Figura 42 - Registro de trança feita em Ana Paula Patrocínio, amiga e companheira de luta negra universitária, produtora cultural e modelo internacional, são muitas travessias e carinho dessa troca que nasce nos anseios e embalos da juventude e caminham para o amadurecimento dos movimentos em sankofa que escolhemos retornar. Aninha capoeira, dona de uma beleza encantadora e responsável por desenvolver um trabalho comprometido com a organização panafricanista de Capoeira Angola - Kubata.

Figura 43 - Ação para mulheres atendidas pelo CRAS Nova Iguaçu.

Figura 44 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na Améfrica trançada, Casa Ewa, Botafogo, Rio de Janeiro.

Figura 45 - Ação para crianças atendidas pelo projeto de educação desenvolvido pela professora de Geografia Caroline Macedo, moradora da Vila Ruth, São João de Meriti.

Figura 46 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada, Jornada Pedagógica do Colégio Estadual Guadalajara, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEGASE – Departamento Geral de Ações Sócio Educativas

CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

EAD – Educação a Distância

EECUN – Encontro de Estudantes e Coletivos Universitários Negros

PET – Programa de Educação Tutorial

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. METODOLOGIA	8
2. JUSTIFICATIVA	11
2.1 Estrutura dos capítulos.....	13
3. CAMINHANDO DESDE DENTRO DAS GEOGRAFIAS NEGRAS: TRAMANDO PERSPECTIVAS - CAPÍTULO 1	16
3.1 Corpo mapa documento: caminhar desde dentro das geografias negras.....	21
4. AMAR RADICALMENTE A NEGRITUDE - CAPÍTULO 2	30
4.1 O epistemicídio como afluente do racismo e do projeto colonial.....	34
5. MONAY TRANÇAS - LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS REGISTRADAS - CAPÍTULO 3	52
6. RESULTADO DAS TRAVESSIAS, DOS AMORES E DAS BUSCAS: AÇÃO-RESISTÊNCIA DE TRANÇAR JUNTO - CAPÍTULO 4	77
8. CONCLUSÃO	90
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
10. APÊNDICE	98
10.1 Roteiro de entrevista.....	98
10.2 Formulário.....	100

INTRODUÇÃO

Figura 1- Arte feita com registros pessoais, entre eles o EECUN¹ e trabalho realizado com Erykah Badu.



escrevivência

s.m.

Como um ato de libertação, minha primeira ação foi cortar meus cabelos, no instante eu também não sabia exatamente o por que de aquele momento ser tão importante, e com o primeiro corte da tesoura me desfiz, em lágrimas e nos sonhos que eu cresci projetando ao futuro. O que me resta? Naquele momento me restou seguir. Diante de um novo sonho, eu tinha um universo inteiro para descobrir, fui a terreiros de candomblé como o Ilê Omiojuaro e tive a honra de ouvir Mãe Beata de Yemanjá falando sobre cultura e religião de matriz africana a estudantes que participavam de um intercâmbio vindo de Barbados, fui a quilombos onde aprendi com tantos griôs, em destaque especialmente o Quilombo do Campinho, fui pra favela tentar construir emancipação por meio de ações pedagógicas, construí coletivo preto com proposta de acolhimento universitário que ocasionou em um evento que ocorreu na UFRJ em 2016, o EECUN. (Escrevivência Paloma Silveira 2023)

Fonte: Arquivo pessoal.

¹ O Encontro de Estudantes e Coletivos Universitários Negros foi um evento nacional realizado em 2016 por estudantes negros de todo o país. O EECUN obteve assembleias pré-organizativas em diferentes lugares: um Quilombo em Minas Gerais, São Carlos, São Paulo, e no Rio de Janeiro. Foi reunido no espaço acadêmico um dos maiores públicos de estudantes negros que vi juntos, cerca de 1000 e 1300 estudantes negros durante 4 dias de evento. Somaram na organização mais de 20 organizações e coletivos, totalizando um pouco mais de 50 pessoas – sendo o Coletivo Negro Carolina de Jesus da UFRJ o anfitrião. Enquanto membro e parte da organização do Coletivo Preto Dandaras da Baixada, estive presente como representante do coletivo cuja semente foi plantada por meio de lutas, reivindicações e que na época foi percorrido territórios fundamentais para alimentar em nossas memórias a compreensão da necessidade de seguir fazendo aquele movimento.

Figura 2 - Registros pessoais de viagem, foto campanha Trança Nagô e logomarca.



Fonte: Arquivo pessoal.

Escrever sobre trajetória é desafiador, sobretudo, quando o interesse é entendê-la enquanto possibilidade de compreensão da realidade em sua interação com o espaço. A nossa trajetória revela que o caminho que escolhemos e os que se apresentam durante a vida podem ser cheios de meandros; visto que nos conduzem socialmente, economicamente, emocionalmente, subjetivamente e espiritualmente. Nessa trama que é a vida, o sonho semeado é o de poder atravessar a vida por vias de felicidades e realizações. Deste lugar, gostaria de destacar como a trajetória socioespacial de mulheres negras que trançam poderiam contribuir para a Geografia, considerando suas ancestralidades e memórias. Este anseio me colocou diante de muitas interrogações, principalmente, por conta das experiências que me formaram como pessoa. Passei a me questionar então: o que é trajetória? Como as vivências das trançadeiras podem contribuir para pensar uma dimensão racial do espaço? E, o principal, o que isso tem a ver comigo? Qual a minha trajetória?

Como um ato de autoamor revolucionário, quero narrar a pesquisa da forma como sinto. Desde que me compreendi politicamente enquanto uma pessoa negra, passei a organizar a minha vida em torno de estudos étnico-raciais e da militância, o que parece ser uma relação intrínseca a qualquer pessoa negra que aprende a reconhecer as interferências do racismo na estrutura de formação social, que atravessam as existências. Naquele momento de descoberta, dura e dolorosa, aos vinte anos de idade, decidi que iria caminhar sobre os passos de um povo que segue em luta. Eu não imaginava quantas descobertas faria no trajeto, quantas transformações poderiam acontecer ao me dedicar à escuta dos meus mais velhos e dos meus mais novos. Como um ato de libertação, minha primeira ação foi cortar meus cabelos. No

instante, eu não sabia exatamente o porquê daquele momento ser tão importante. Com o primeiro corte da tesoura, eu me desfiz em lágrimas e nos sonhos que eu cresci projetando o futuro. O que me resta? Naquele momento, restou-me seguir. Diante de um novo sonho, eu tinha um universo inteiro para descobrir. Fui a terreiros de candomblé, como o Ilê Omiojuaro, e tive a honra de ouvir Mãe Beata de Yemanjá falando sobre cultura e religião de matriz africana a estudantes que participavam de um intercâmbio vindo de Barbados. Conheci quilombos, onde aprendi com tantos griôs – e, aqui, destaco, especialmente, o Quilombo do Campinho. Em paralelo, fui também para a favela tentar construir emancipação por meio de ações pedagógicas.

Em 2015, construí, ao lado de outros estudantes, o Coletivo Preto Dandaras da Baixada com a proposta de acolhimento universitário. O coletivo nasce a partir da organização do EECUN, evento realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Caminhei pelo Departamento Geral de Ações Sócio Educativas (DEGASE), pelas escolas e praças públicas a fim de plantar a sementinha de um amor crescente. Esse amor me oportunizou deslocar de um lugar de desconhecimento e inadequação para lugares onde eu conseguia me ver, sentir aceita e acolhida sem ser diferente; ou, pelo menos, que essa diferença não me colocasse diante de violações da minha subjetividade e integridade física.

Por todos os lugares que passei trouxe mudas para plantar no meu jardim. Narrar a trajetória de mulheres negras me apresentou um desafio, porque, para começar, foi fundamental que eu conseguisse olhar e acolher a minha caminhada. Quando decidi ser o sujeito que fala, estava o fazendo bem da forma como existo: preta! Cresci em um lar de família interracial, onde a maior parte dos familiares paternos são brancos e os maternos são negros. Meu pai, um homem branco nordestino, sem o ensino básico completo e que viveu parte da infância e adolescência em um orfanato para que minha avó pudesse trabalhar, exerceu várias funções profissionais, dentre elas a que ocupa atualmente, a de faxineiro em supermercado. Ele sempre fez parte das nossas vidas, mesmo que a presença não fosse constante devido às jornadas de trabalho.

Minha mãe sempre trabalhou muito em várias “casas de família” desde muito nova. Teve dois filhos, eu e meu irmão mais velho Rafael. É a minha primeira referência para existir, dedicou toda sua juventude e vitalidade para outros lares e filhos de outras mulheres, as quais precisei aprender a conviver. Das cozinhas em que eu brincava, vi muitas vezes uma mulher exausta de não lutar os seus sonhos, cansada do cotidiano. Das casas que eu podia frequentar, o quarto nunca era o meu lugar. Brincar com as amigas, filhas da patroa, só na cozinha e com os brinquedos que, eventualmente, minha mãe usava para limpar. Isso sempre me causou

revolta, a qual eu não sabia nomear. Ao voltarmos para casa, minha mãe tinha o velho costume de sempre pentear os meus cabelos, ela os mantinha sempre com muitos cachinhos, preso em “Marias-Chiquinhas”. Essa era uma expressão de amor e cuidado muito forte na minha infância, porque mesmo sendo a “filha da empregada”, eu estava sempre muito bem cuidada e arrumada. Hoje, acredito que essa foi uma estratégia da minha mãezinha para se proteger do insubordinado lugar social da mulher: trabalhe e dê conta de seus filhos. Minha primeira referência de vida é uma mulher negra que terminou o ensino básico aos 50 anos de idade, que tem sobrevivido ao racismo estrutural e cotidiano das relações, que sofreu violência doméstica e que me ensinou que sua forma de amar era expressada a partir do cuidado que fosse possível.

A minha trajetória enquanto trançadeira começa com a experiência de cuidado vivenciada com minha mãe ao arrumar os meus cabelos na infância com tanta disciplina e presença, marcou a minha realidade em lidar com o meu próprio cabelo com o avançar da idade e com o cabelo de outras pessoas. Eu era muito nova quando, aos 14 anos, mais ou menos, passo a trançar meus cabelos, o de algumas amigas na escola e de outras pessoas do meu bairro. Na época, algumas delas me pagavam por esse serviço de maneira voluntária. Nesse momento, mexer no cabelo das pessoas era muito mais uma expressão do que eu gostava de fazer, do que me trazia uma sensação de bem-estar e de entender que possibilidades poderiam vir. Era uma ação muito espontânea de ser e de viver em uma família em que as minhas referências eram primas e primos – cabeleireiros e barbeiros.

Por assim dizer, ainda no início da adolescência, criei uma certa resistência em projetar o futuro e pensar a minha trajetória a partir desse lugar, em aceitar que eu poderia trabalhar com cabelos. Não fazia muito sentido escolher o mesmo modelo de vida – sem possibilidade de planejamento e sem uma estabilidade financeira que pudesse me trazer a realização dos sonhos. Então, logo paro de fazer tranças e caminho em busca de outras possibilidades, outros dons, outros desejos. Na escola, início às aulas de teatro, de dança, de circo... tudo na direção de procurar outra realização, que também fizesse sentido. Aos 18 anos, concluo o ensino básico e ingresso em um pré-vestibular social, o Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cederj), momento em que me dedico à disputa de uma vaga em universidades públicas e particulares por meio do ProUni e do Sisu. Nessa tentativa de entrar para a universidade, o primeiro emprego surgiu como necessidade de continuar, foi-me apresentado pela minha tia Simone, que trabalhava em um salão de beleza na zona sul do Rio de Janeiro. Ela é responsável por me apresentar um espaço de trabalho diferente dos que eu havia tido acesso na Baixada Fluminense.

Em busca de entrar na universidade, trabalhei como recepcionista por apenas seis meses. Quando inicio a graduação sem auxílio para permanência estudantil, dedico o meu tempo exclusivamente à universidade, o que me leva a voltar a mexer em cabelos. Espontaneamente, também volto a trançar minhas colegas de turma, o que gerou uma movimentação. Alguns colegas começaram a pedir as tranças com os cabelos naturais para eventos específicos; mas também fazia, assim, na sala de aula. Neste momento, eu também interrompo o processo de compartilhar esse saber, porque fui para a universidade em busca de uma profissionalização e da materialização de um caminho mais seguro, diferente da instabilidade que vivi na infância. Eu me fecho novamente à proposta de trançar os cabelos e, na universidade, me dedico somente aos grupos de pesquisa e organização estudantil preta.

Fui bolsista no Programa de Educação Tutorial – Conexões de Saberes (PET) orientado na época pelo professor Otair Fernandes e posteriormente pela professora Fernanda Felisberto. Nesse programa, eu aprendi muito sobre a dinâmica burocrática da universidade, principalmente, porque a proposta do grupo era multidisciplinar, uma vez que buscava trabalhar com estudantes de todos os 11 cursos de formação do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ – IM). Aprendemos sobre a organização de eventos, sobre a realização de cursos, encontros e debates. Todos esses ensinamentos foram muito importantes para minha formação enquanto pesquisadora das relações étnico-raciais. Eles deram a mim, estrutura para construir uma autoestima em torno desse lugar da pesquisa feita por pessoas negras, com sentidos negros de ser e estar no mundo, de viver e experimentar a realidade da negritude.

Também, na universidade, conheço diversos estudantes negros e passo a me organizar em torno do Coletivo Preto Dandaras da Baixada, que me ensina, sobretudo, da precisão de uma organização política dentro de um espaço institucional, a fim de proporcionar um acolhimento a estudantes negros, ingressantes das ações afirmativas. Isto é, dentro de um espaço onde haviam inúmeras burocracias que impediram e impedem estudantes negros de acessarem espaços de produção do conhecimento de maneira plena. Era vivo o debate sobre o que queremos enquanto estudantes negros, não é apenas sobre o acesso às instituições públicas de ensino, nós queremos o direito de permanecer na instituição, de poder concluir nossos cursos de maneira digna. Em muitos momentos, havia-se e ainda se tem que lutar pelo direito de comer e de garantir que mães e pais pudessem levar suas crianças para os espaços em segurança. Nós queremos ter a garantia que a política de reparação e ações afirmativas possam garantir que tenhamos um emprego remunerado após a formação. Então, passamos a lutar, coletivamente,

pelos direitos que não nos eram garantidos na prática, na realidade da Universidade Pública, na Baixada Fluminense.

Eu acredito que esses dois grandes formadores, o PET Conexões de Saberes e o Coletivo Preto Dandaras da Baixada, contribuíram muito para que eu pudesse estabelecer uma relação de mais possibilidades na universidade, elaboração de uma narrativa e uma compreensão de que o meu interesse de pesquisa estava imbricado e relacionado com o que faz sentido na minha existência. Na universidade, não havia possibilidade de fazer pesquisa sem que essa experiência pudesse estar, de maneira relacional, construindo o conhecimento. Caminhei por muitos interesses de pesquisa até chegar na experiência das mulheres negras que trançam, mas foi no PET Conexões de Saberes onde esbocei meus primeiros passos metodológicos a partir da “Escrevivência” – conceito criado pela professora Conceição Evaristo.

Os nossos constantes exercícios eram sobre podermos escrever a partir das nossas experiências negras na universidade e no território, bem como sobre nossas impressões com base nos conhecimentos que tínhamos interesse em debater. Nós líamos e debatíamos muitos autores que estudam relações raciais, bem como trazíamos muitos pesquisadores para debater as temáticas relacionadas aos nossos interesses dentro da universidade. Foram realizados muitos encontros ricos de sabedorias e pesquisas escritas por mãos negras.

Aprender que era possível produzir pesquisa a partir da escrevivência foi compreender que a bagagem de saberes que eu já trazia comigo era fundamental para a formação do meu eu pesquisadora. A escrevivência oportunizou que eu escrevesse a monografia “Entrançando caminhos! Encruzilhada de saberes ancestrais: Madureira enquanto território negro educador” (2019) pensando num saber-fazer, nas narrativas de mulheres negras trançadeiras e como suas práticas produziam sentido ao território de Madureira.

Ao final da graduação, caminhar com mais independência financeira transformou o trançado em oportunidade de fazer renda em um cenário de incerteza. Dedicar-me aos cuidados de cabelos crespos por meio da técnica de trançar me reconectou a uma rede de pessoas negras, em que muitas são parte da caminhada que eu escolhi fazer durante a graduação. Posso afirmar que esse caminho foi construído por meio de reconhecimento, valorização e acolhimento. Ao passo que essa rede me abraçou, me possibilitando atender como trançadeira, obtenho, finalmente, a oportunidade de concluir a graduação e adquirir recursos para me manter.

Em 2019, dou início ao curso profissionalizante de tranças e passo a atender num salão de beleza, no qual trabalhei como trançadeira por um ano e 11 meses. Foram tempos de muito aprendizado e quando tive contato, de fato, com outras mulheres negras. Mergulhei,

definitivamente, no universo de pesquisas com mulheres negras trançadeiras, justamente, porque aquele cotidiano me alimentava de inspiração, o suficiente para construir um trabalho que fosse consistente. Ir para Madureira e trabalhar para concluir a graduação se materializava na minha vida de uma maneira muito intensa. Então, fiz um trabalho de reconhecer a realidade do espaço, no qual eu estava imersa. Era a minha metodologia de pesquisa reconhecer também a fala, a narrativa dessas mulheres e a história de vida das mulheres negras trançadeiras como uma possibilidade de compreensão do território de Madureira. Por que Madureira é um território negro? A existência da mulher negra que trança e a minha me ajudaram a dar conta de compreender e explicar um pouco dessa dimensão racial do espaço – de Madureira desde dentro, de onde eu atendo, nos domicílios e na sala da minha casa.

Ao entrar no universo da pós-graduação, o interesse de pesquisa se volta para entender o que dessa trajetória é valioso para a Geografia e como ela pode nos ajudar a compreender o que é essa dimensão racial do espaço a partir da trajetória das trançadeiras. Além disso, apropriarmos dessa compreensão, buscando entender as nuances de disputas complexas, pode nos auxiliar a pensar em políticas públicas que sejam direcionadas a mulheres negras. Em outras palavras, pensar nessas mulheres que estão fazendo um movimento muito importante – seja econômico, afetivo ou educacional – é propor uma transformação em várias ordens; sobretudo, de identidade, de autoafirmação e de autoconhecimento.

Continuamente, pensar em como reconhecer e validar as trajetórias de mulheres negras pode nos ajudar a caminhar para ações efetivas que valorizem essas iniciativas que são tão importantes para reforçar um cotidiano de luta e de organização preta contra uma colonialidade vigente e uma estrutura racializada. Ademais, uma estrutura muito bem compreendida se nós olharmos a partir da perspectiva da violência. Acredito, portanto, que a trajetória de mulheres negras pode nos ajudar a compreender a dimensão das experiências pretas no espaço e nos territórios a partir de outras categorias, uma vez que são muito importantes para a compreensão da sociedade e para elaborar conhecimentos a partir da realidade.

1. METODOLOGIA

Pesquisa com mulheres negras é um universo imenso de infinitas possibilidades. Este esforço é a tentativa de ler mais uma parte de tantas reflexões que surgem quando escolhemos caminhar pela via das nossas potencialidades. O principal interesse é despertar o desejo por aprender a olhar para as trajetórias, bem como escutar e sentir. Além disso, elaborar sobre as trajetórias como possibilidade de compreensão do mundo e da realidade, tanto quanto do espaço e de suas dimensões de análise. O esforço é interpretar as trajetórias, porque acreditamos que elas podem nos ajudar a compreender uma dimensão sócio-espacial forjada numa lógica de divisão racial dos indivíduos da sociedade. Sendo assim, a trajetória sócio-espacial de mulheres negras trançadeiras pode nos informar sobre a produção racial do espaço, de outras categorias que são importantes para apreensão da vida e compreensão do mundo, como também para a organização em torno da justiça que precisa ser reparada aos povos que foram duramente violentados pelos processos de colonização e escravização.

Por entender que a pesquisa não se encerra com a defesa da redação final de graduação, a finalidade deste trabalho é poder criar apontamentos iniciais em torno do acúmulo das experiências de mulheres negras trançadeiras. Além disso, promover futuros esforços que olhem para a trajetória sócio-espacial dessas mulheres como metodologia de análises das dinâmicas de produção do espaço, transformação das narrativas e imagens sociais da negritude. Espero, portanto, que esta pesquisa possa inspirar e possibilitar novas investigações em diferentes sentidos; sobretudo, porque ela nasce, para mim, de uma interpretação particular de todo um percurso de militância e lutas por reivindicações de direitos institucionais básicos.

A fim de apontar para metodologia aplicada neste trabalho, eu inicio apresentando a minha escrevivência, justamente, porque esse modo de olhar para o mundo e de interpretá-lo não só me inspira, como também me possibilita construir, organicamente, uma pesquisa com mulheres negras que trançam. A minha trajetória de aprendizado como trançadeira é fruto da escuta das histórias de vida de outras mulheres e da observação dos seus conhecimentos no cotidiano, das suas práticas com finanças e suas formas de atendimento.

Então, a primeira ferramenta incorporada neste trabalho é a que auxilia mulheres negras a nomear e organizar suas emoções e anseios, escrever sobre suas vivências, escolhas e os caminhos percorridos. As diferentes narrativas incorporadas nesta pesquisa são resultado das entrevistas semiestruturadas, da busca por referenciais teóricos em livros, artigos e notícias, além de contar com o apoio de materiais disponíveis em redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*. É importante ressaltar que pensar em metodologia é pensar que estamos a construir

um caminho que é feito durante a própria caminhada. Então, observando o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, é fundamental ressaltar o caráter interdisciplinar, multidisciplinar e até transdisciplinar deste estudo. Para isto, a pesquisa conta com o conhecimento e os esforços de investigação de pesquisadores oriundos de diferentes áreas do conhecimento e com as memórias que nos buscamos e aqui mergulhamos.

Proponho localizar a escrevivência como o primeiro recurso para apresentar a metodologia do trabalho, porque é esta a ferramenta que tem me possibilitado construir uma narrativa sobre autoafirmação e autoconhecimento. Além disso, a escrevivência me motiva a alcançar os sonhos que aprendi a construir ao longo desses anos que tenho me dedicado na luta contra o racismo. Insistir, portanto, na escrevivência me oportuniza observar a minha própria trajetória como uma interpretação válida para se compreender as experiências e práticas de uma professora-educadora, pesquisadora em Geografia e em relações étnico-raciais. Em resumo, isto significa ser, essencialmente, uma observadora atenta das dinâmicas que decorrem nas práticas experimentadas por pessoas negras no Brasil.

Estar atenta a minha trajetória me possibilita observar que sou herdeira de uma movimentação política que se articula em torno da luta pela liberdade, reconhecimento e validação da existência negra no território nacional. Essa movimentação política desempenha, igualmente, um olhar minucioso sobre a contribuição negra africana para a produção do espaço e para a construção de políticas públicas que possam diminuir o abismo que existe nos acessos e oportunidades entre pessoas negras e brancas. A minha trajetória, vista desse lugar, evidencia um processo de luta que constrói avanços reais para que pessoas negras possam acessar a educação, alcançar o direito de viver com dignidade, assim como caminhar para a garantia de equidade. Ou seja, está sendo reivindicado o acesso a oportunidades justas para que, assim, possam nos oferecer subsídios para interpretação do caminho que se faz ao caminhar.

É importante ressaltar também que ao olhar para a trajetória de pessoas negras, talvez, não se encontre uma história linear que o ocidente tem nos ensinado a produzir e a escrever. São histórias que partem, justamente, de um lugar de distorção da experiência sócio-espacial de pessoas negras, posto que são atravessadas pelo racismo, pela estrutura de diferenciação pautada na racialização do corpo e pelo apagamento de sua africanidade. Mesmo que a centralidade neste estudo não seja em apresentar a dinâmica do racismo, é inevitável que ele não apareça como um elemento marcante nas escolhas e nas ações, na história e na narrativa; assim como a professora Geny Guimarães coloca na introdução de sua tese “Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial” (2015), as ditas confusões, incertezas e desordens, e que por serem justamente esses elementos

que aguçam a curiosidade científica, dá busca por respostas. Isso, porque nós não tivemos a oportunidade de aprender sobre as nossas experiências na sociedade de forma inteira, seja nas escolas ou em outros espaços de educação e sociabilidade. Sendo assim, que a gente retome a uma memória que nos oportunize fazer-falando, e se materialize por meio do desejo de construir a partir desses saberes e dessas narrativas, dessas escutas e dessas práticas. Neste caso, acredito que a busca é a pesquisa em si. Como diz Guimarães (2015), as respostas nem sempre são as esperadas, não correspondem a uma totalidade e, muito menos, a uma verdade única sobre o assunto; mas, quase sempre, se apresentam como aberturas para novas reflexões e pesquisas. Não obstante,

“acredito que podemos assumir que a nossa pesquisa tem uma linha que agrega perspectivas afrodiaspóricas em prol da desconstrução do racismo epistêmico antinegro e da ampliação de alternativas para uma sociedade intercultural e a não hierarquizada” (NOGUERA, 2014, p. 69).

A escolha feita, portanto, para o desenvolvimento dessa pesquisa está dentro dos paradigmas e abordagens de “afroperspectivas” e “afro-episteméticas” (WALKER, 2018). Isto significa dizer que, busco compreender as trajetórias de vida de pessoas negras contemplando as narrativas desde dentro desses saberes. Sabedoria essa que tem oportunizado em nossas narrativas uma autonomia de dignidade e muita luta, de resistência e resiliência. Caminhar, então, sobre os passos de mulheres negras e mergulhar nos detalhes da narrativa produzida por elas podem nos ajudar a compreender um pouco a dinâmica das relações raciais em suas dimensões de produção do espaço.

2. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa apresenta, substancialmente, a necessidade de seguir com alguma contribuição à luta de tantas pesquisadoras negras que, ao longo de décadas de resistência, têm se debruçado sobre estudos que localizam as experiências de mulheres negras. Com isso, partindo de um lugar de centralidade, sobretudo dentro da Geografia, esta pesquisa propõe nos oferecer subsídios que julgo fundamentais para a interpretação da realidade. Dessa forma, compele evidenciar um conjunto de vivências a partir do território, uma vez que nos possibilita refletir sobre uma experiência de reconhecimento e valorização das múltiplas maneiras que pessoas negras vivenciam sua ancestralidade. Por meio do cotidiano, é possível conceber uma narrativa mais preocupada em fornecer dados reais para a elaboração das histórias. Neste sentido, quero ressaltar de onde falo e por que falo – mulher negra, trançadeira, educadora, recém-formada em Geografia, filha de ‘empregada’ doméstica e auxiliar de serviços gerais, neta de costureira e lavadeira, cria da Baixada Fluminense e estudante da rede pública de ensino, desde a creche até a pós-graduação.

Tenho buscado refletir junto com meus pares e outras pesquisadoras a necessidade de existir produções acadêmicas que sejam narradas pelas personagens principais da pesquisa. Nós chegamos juntas até aqui, não há sentido em aceitar que dissertem por nós sobre nossas experiências, nossos corpos, nossas potencialidades e toda a sabedoria ancestral que tem alimentado a Terra Brasilis.

É crucial reconhecer que a academia e sua produção de conhecimento são um dos pilares para a manutenção da sociedade, e que sua estrutura foi projetada dentro dos mesmos moldes que sustentaram a colonização. Há mais de quinhentos anos se permitiu um sistema de escravidão para pessoas negras-africanas e indígenas. Por saber que essa organização escravocrata foi projetada para dar poder aos poucos representantes brancos do sistema capitalista que opera a vida social, é que se faz necessário uma transformação dentro desse espaço de saber sobre o que é relevante para a elaboração do conhecimento.

Estar na universidade há 10 anos me possibilitou tecer uma experiência de muita luta pelo básico, pelo direito de acesso, pelo direito de permanecer e chegar ao fim da graduação com expectativas reais de exercer a profissão de formação com dignidade e respeito. O meu empenho durante todos esses anos tem sido em favor de construir espaços possíveis para mim e para outras pessoas negras que enfrentam muitos desafios, como obter uma educação de qualidade e infraestrutura num território periférico. Esses obstáculos são construídos por um

sistema burocrático pautado em nos impedir, operando como uma atualização de um sistema colonial, visto que cria uma oferta incalculável de limitações para garantir a nossa desistência.

Em todo esse tempo de resistência e articulação, entendo que para a garantia de uma transformação da realidade social atravessada pelo racismo o poder de narrar precisa estar também sob a posse dos povos que têm sido vitimados por séculos pela tragédia que o sistema capitalista racial tem implementado no mundo. Para isso, me coloco à disposição da ciência e da Geografia para somar nesta disputa de um poder que é muito simbólico e tão determinante – o poder de falar.

A temática abordada nesta pesquisa é ainda pouco investigada e desenvolvida em estudos acadêmicos. No entanto, realizar este trabalho me desloca para reflexões que me parecem caras para a Geografia, como a relação da cultura com a formação e significação dos territórios e de suas vicissitudes. Escrever sobre mulheres negras trançadeiras vem sendo, desde a pesquisa para a conclusão da licenciatura, um objeto desafiador principalmente, por ser tão vivo no meu cotidiano.

Portanto, a escolha por um caminho metodológico frui de uma conexão de modelos que articulados dentro de uma pesquisa de cunho qualitativo me parece fundamental para organizar e ampliar possibilidades por futuras reflexões – a oralidade de mulheres negras. Os saberes construídos no cotidiano dessas mulheres alinhado aos seus saberes ancestrais adquirem centralidade para articular outros caminhos que possam nos levar aos nossos resultados e à organização de conhecimento. Ademais, é essencial a realização de uma escuta atenta às profissionais trançadeiras, posto que são elas as detentoras do cuidado de cabelos crespos. Além disso, denoto ser importante os registros fotográficos de mulheres que são atendidas pela Monay Tranças.

Em consonância com os dados-escrevivências coletados, busco realizar um levantamento teórico mais aprofundado sobre Geografias Negras, memória, cabelos crespos, tranças, racismo, lutas de resistência negra e mulheres negras. Dessa forma, o levantamento bibliográfico deste trabalho é um suporte fundamental para o intento da pesquisa, que é revelar a experiência ancestral da trançadeira como um elo potencial entre saberes e práticas que podem remontar o “quebra cabeça de osiris”. Essa expressão é apresentada por Sheila Walker em “Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias” (2018), cujos estudos são referências importantes para descrever a diáspora africana nas Américas.

Sendo assim, para a construção do aporte teórico deste trabalho, foram usados livros, frutos de dissertações e teses, dados em artigos, assim como filmes que serviram de muita

inspiração artística para dançar essa dança. E, por entender a importância de elaborar narrativas que sejam honestas com pessoas negras, escolhi por fazer um capítulo em imagens, usando fotos que foram retiradas do meu acervo de trabalho. Necessário ressaltar que essas imagens cumprem a função de registrar na história a imagem a qual o sistema racial de desvalorização tem incansavelmente tentado dismantelar. Sendo assim, os registros e memórias se articulam como uma proposta de um novo olhar sobre a experiência de ser descendente de africanas e africanos num território que foi projetado para nos apagar estruturalmente, então veremos sorrisos inteiros e cuidado com afeto.

Por fim, é relevante destacar que a pesquisa se situa dentro do recente campo de Geografias Negras, área que segue em desenvolvimento crescente e promissora, articulada por colegas que se dedicam aos estudos sobre raça, gênero, corpo e território. Isto posto, observo a necessidade de seguir aprofundando qualitativamente no objeto proposto.

2.1 Estrutura dos capítulos

Capítulo 1

O capítulo “Caminhando desde dentro das Geografias Negras: tramando perspectivas” tem a proposta de interagir com os conhecimentos desde dentro, apresentando um breve histórico de como tem caminhado as Geografias Negras, em um sentido *NTU* (ontologia) um apontamento filosófico sobre esse corpo mapa documento. Conjuntamente, irei dialogar com a obra organizada pela professora Sheila S. Walker chamada “Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias” (2018) e interagir com bell hooks em “Anseios: raça, gênero e políticas culturais” (2019). Além disso, apresentar ideias e concepções a partir de artigos e poesias de Beatriz Nascimento em “Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição” (2018), livro organizado pela UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanistas.

Capítulo 2

O capítulo “Amar radicalmente a negritude” irá apresentar a narrativa de mulheres negras trançadeiras. Somos raras, porque simbolizamos ancestralidade e resistência, estamos vinculadas à própria experiência, a uma noção de responsabilidade racial, de resgate, de avanço e novas possibilidades de ser e existir. Além disso, uma experiência ancestral marcada por uma noção de responsabilidade racial, um elo que conecta e dá sentido às narrativas da história, da memória, de características culturais e também informa lugares na estrutura de classe, representadas pela própria prática de cuidar e trançar cabelos crespos. O corpo, por meio do

Orí, é representação que organiza, carrega e traduz sentidos socioculturais africanos, afrodiaspóricos no Brasil afro-brasileiros que tem resistido a estrutura de um sistema-mundo que opera para seu apagamento. Neste capítulo, irei acessar a literatura de Luane Bento dos Santos em sua produção mais recente, a tese de doutorado intitulada “‘Trancista não é cabeleireira!’: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro” (2022), assim como trabalhar com Neli Gomes da Rocha em seu artigo “Crespos: cabelo como ícone da identidade negra. Memória e estética, a circulação de ideias e valores na realidade brasileira” (2016). Também vale ressaltar que a obra *Cabelos de axé, identidade e resistência* de Raul Lody tem grande valor nesta pesquisa, bem como a produção da professora Nilma Lino Gomes em sua obra “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” (2019). E, além disso, é importante para mim seguir costurando com bell hooks.

Capítulo 3

“Monay tranças – laboratório de memórias registradas” é um capítulo de imagens que se articula como uma cartografia de memórias fotografadas, anotações dos cadernos e publicações que me acompanharam. Não chega a ser um caderno de campo completo, mas tem sido meu aliado entre o cotidiano, os deslocamentos e atendimentos. Nele, consta as trajetórias trançadas narradas pelas entrevistadas que me chamaram a atenção, sobretudo, pela diversidade profissional, etária e territorial que podem apresentar; bem como as aulas e debates realizados nas disciplinas e palestras, as quais tenho participado durante essa formação na pós-graduação.

Também encontraremos como parte deste capítulo, o uso de imagens do meu acervo pessoal referente aos dias de atendimento e às trocas capturadas carinhosamente. Logo, esta pesquisa conta com narrativas que foram construídas em quatro anos de atendimento pela Monay Tranças a partir de imagens que tem a intenção de imaginar um sentido de beleza negra como categoria fundamental para interpretar o cotidiano e a geografia do saber ancestral de mulheres negras que cuidam e trançam cabelos crespos. Essas narrativas podem contribuir para a elaboração de perspectivas mais comprometidas com a dignidade das trajetórias de resistência.

Cabe dizer, portanto, que a proposta deste capítulo é dialogar sobre o que a imagem pode transmitir, uma vez que elas interagem com as narrativas de oralidade, prática em si do saber da trançadeira. Essa narrativa de oralidade é apresentada de forma dinâmica visto que interage com as histórias vividas, as memórias das mais velhas, o saber que é comunicado por meio do corpo e das marcas que possam vir a trazer. Penso que o sistema de racialização da vida tem operado a partir da distorção da imagem do negro africano e seus descendentes na

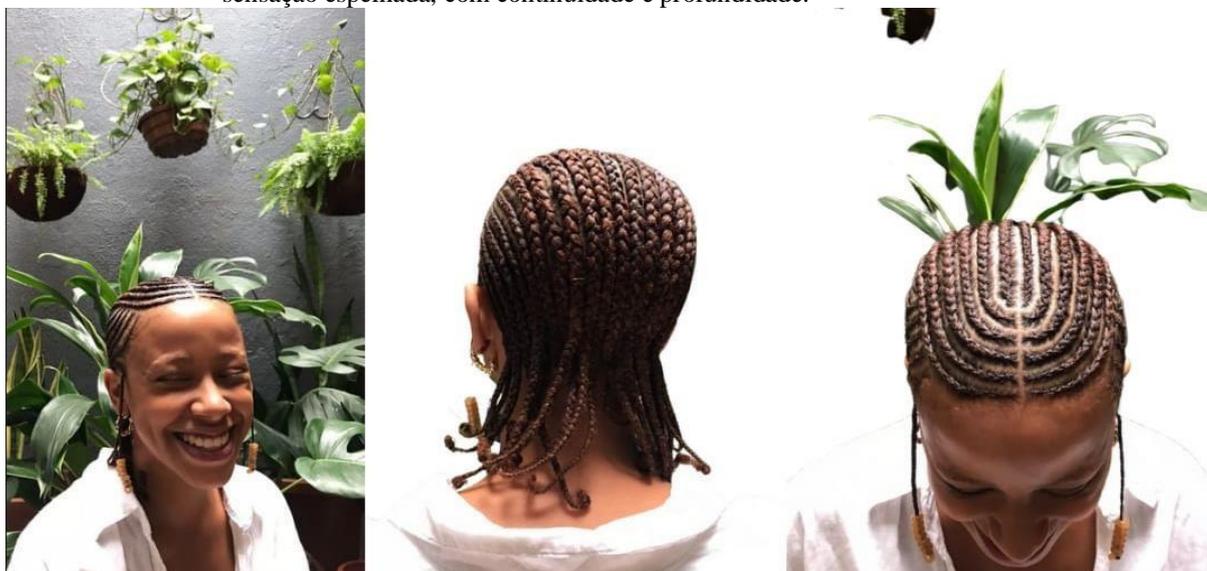
diáspora no intuito de desvalorizar e inferiorizar os saberes que sobreviveram à violência radical da escravidão. Isto é, construíram as Américas em um processo de colonização que se estende do corpo do indivíduo à mentalidade social. Aqui, gostaria de dialogar mais uma vez com a Beatriz Nascimento, que foi quem me fez estar em reflexão há anos sobre a política de imagem do negro. Uma fonte valiosa é o documentário “Ôrî” (1989), que me desperta muitas inspirações e desejo de poder contribuir com o que eu vejo a partir do belo, que aqui é revelado por meio do cuidado com os cabelos.

Capítulo 4

Pensando em um sentido de continuidade, no capítulo “Resultado das travessias, dos amores e das buscas: ação-resistência de trançar junto”, eu quero ampliar o olhar e as reflexões sobre as geo-grafias das trançadeiras – mulheres em grande parte, especialmente negras, de todas as idades, que possuem responsabilidades com o lar e a família. Quando me detenho a olhar para o que tem sido construído em torno do pensamento do que é a mulher negra, me deparo com uma infinidade de relatos; somos múltiplas. Ao falar dessa nossa multiplicidade, acredito estar indo em direção aos esforços de tantas intelectuais que abordam o debate sobre a política de imagem do negro, as tantas narrativas projetadas pela colonialidade vigente. Busco também me atentar às narrativas negras, mapeada desde dentro, no corpo e com o corpo. Sendo assim, gostaria de falar de tantas e marcantes experiências ancestrais herdadas por nós mulheres negras, agentes que criam a própria vida.

3. CAMINHANDO² DESDE DENTRO DAS GEOGRAFIAS NEGRAS: TRAMANDO PERSPECTIVAS - CAPÍTULO 1

Figura 3 – Registro de trança feita em Thuanny Reis. Este penteado é uma criação autoral realizada em estilo livre com tranças feitas em quatro tempos-partes, tendo o meio como ponto de partida. Ela ilustra o que nomeio de técnica espelho, pois o movimento das tranças é reproduzido na outra metade da cabeça, oferecendo uma sensação espelhada, com continuidade e profundidade.



Fonte: Arquivo pessoal.

*I know a place where we can carry on
We can carry on, we can carry on
Eu conheço um lugar onde nós podemos
continuar
Nós podemos seguir em frente, nós
podemos continuar*

I know a place - Bob Marley

Esta pesquisa é continuidade de um pensamento que teve início no meu trabalho monográfico durante a graduação em Geografia, em que busquei compreender Madureira enquanto um território negro educador. Parti das narrativas de mulheres negras trançadeiras para compreender como as trajetórias dessas mulheres poderiam ser responsáveis por territorializar e conferir ao bairro junto a outros elementos marcantes, como o Jongo da Serrinha ou o Viaduto Negrão de Lima. O intuito do meu trabalho foi pensar uma característica educadora por meio de uma ancestralidade africana, que resulta na identificação por parte da comunidade negra. Pela amplitude que os diálogos abriram, me deparei com um universo rico

² Nesta dissertação os leitores encontrarão muitas palavras no gerúndio, em referência a uma fala da professora Geny Guimarães, nossas histórias negras são narradas sempre da perspectiva da ação, nossas trajetórias dimensionam nossas epistemologias e estão em constante ação de reconhecimento.

em saberes diversos e uma conexão forte com a prática de trançar cabelos. O trançar poderia nos apresentar mais questões acerca do espaço de forma mais aproximada e sobre a história de vida dessas mulheres que trançam.

Por esse motivo, organizo uma pesquisa de continuidade, posto que me permite seguir em ‘observação’ e me aproxima das trajetórias percorridas pelas trançadeiras. Sendo assim, busco um sentido de ler suas Geo-grafias, “que seria justamente a leitura das grafias ou marcas (Geo-grafias Negras) que são deixadas nas sociedades no tempo espaço” (GUIMARÃES, 2020, p.302). Nesse caso, sendo traduzidas pelo trançado, pelas memórias desse corpo que trança e pelos caminhos que percorrem. A pesquisa busca ser um avanço ao pensar que mulheres negras trançadeiras podem compor metodologicamente as Geografias Negras.

Ao construir uma pesquisa em Geografia e sua interseção com as relações raciais no Brasil, sobretudo na análise decorrente da experiência de mulheres negras trançadeiras, me deparo com um cenário que revela uma amplitude para encaminhar uma compreensão sobre as Geografias Negras. Não sendo possível caminhar sozinha neste esforço de investigação, o uso da interdisciplinaridade se torna uma ferramenta metodológica que nos permite prosseguir sobre um chão construído por muitos esforços de pesquisadores.

Quando me debruço, portanto, em estudos interdisciplinares, conto com pesquisadores que analisam criticamente a produção do espaço e pensam de forma indissociável a relação sociedade e natureza. Eles trazem em suas discussões a relação polissêmica entre a racialização da sociedade e as metodologias de apreensão da realidade, o que resulta numa análise do pensamento social brasileiro. Ampliar o olhar por meio das produções de outras áreas do conhecimento científico, como também da arte e da literatura, e de todos os saberes que nos forem possíveis acessar, encaminha-nos para pensar uma transdisciplinaridade. Logo, é possível dialogar com a pluralidade da experiência de vida das pessoas negras em suas próprias individualidades e coletividades.

De modo mais aproximado com a minha experiência, entender o mundo partindo de uma multiplicidade é o que faz sentido, o que dá caminho. Aprendi que o viver era compartilhado. Durante a infância, esse ensinamento foi passado no quintal da família, dos vizinhos e amigos. Já na juventude, esse aprendizado é vivido no Candomblé. Essas vivências permitiram reconstruir o quebra-cabeça de uma existência africana em diáspora, individual e coletiva.

Henrique Cunha Junior (2021), pesquisador dos bairros negros e da africanidade, busca analisar a organização da sociedade Bantu na dinâmica filosófica sobre os valores que são tradicionais e transmitidos pela memória. O autor compreende que “a família entendida é um

valor social que decorre da ancestralidade e das associações realizadas na sociedade” (CUNHA JÚNIOR, 2010, p.86). Cabe destacar a semelhança entre os descendentes de uma população que tem grande influência das variadas línguas e culturas bantu e yorubá, assim como a diáspora brasileira. Sobretudo, a respeito dos modos de vida e estrutura familiar, o autor aponta para mais dois valores sociais importantes como a palavra falada e a ancestralidade.

Ao contrário do que o pensamento social construiu a respeito das famílias negras, “desorganizadas, incompletas e instáveis” (SANTOS, 2022, p.49), essas famílias têm sido responsáveis por guardar e gerir uma memória que é de ancestralidade africana de muitos territórios. Do Camarões ao Quênia, passando por todo o sul do continente, assim como os povos da Nigéria, todas essas nações são formadoras do povo negro das diásporas do Brasil. Os modelos de famílias que temos estabelecido aqui Brasil carregam um tanto dessa presença e memória que para nós é muitíssimo valiosa. Isto, por serem o principal espaço formador da trançadeira.

De acordo com Luane Bento dos Santos, pesquisadora-trancista, “a família é uma instituição essencial na formação das trancistas, na maioria das vezes, elas aprendem a artesanaria capilar de trançar no contexto familiar. A família é central para o processo de aprendizado e formação das trancistas” (SANTOS, 2022, p.49-50). Além de um importante marcador social, as famílias negras, da forma como existem, têm cumprido uma função de transmitir valores sociais, culturais e econômicos seja para o emprego da técnica, para gerar a economia familiar, seja para apresentar alternativas frente à imposição estética da hegemonia branca

No sentido de separar as ferramentas que possam nos auxiliar na retomada de uma narrativa autoral e comprometida com a produção de conhecimento que se estrutura na realidade, busco, nas Escrivivências de Conceição Evaristo, um dispositivo que acolhe e promove autonomia ao relato das trajetórias de mulheres negras. Consequentemente, me encoraja a falar, “tal como outras milhares de mulheres Marias do Brasil” (RODRIGUES, 2020, p.33). O quão valioso é para nós podermos ler sobre nós mesmas e nos conhecer de perto. Mediante essa trama de vidas-saberes o que faz mover é a memória, viva no corpo individual e coletivo. Como é possível sentir na poesia de Conceição:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2017, p.24 -25)

Iniciar com a minha escrevivência é parte significativa da metodologia que tem possibilitado construir caminhos dentro da ciência geográfica. Fazer sentido me parece ser a escolha na encruzilhada que vai na direção certa. Então, decidi escrever a minha trajetória com as tranças e com a Geografia para extravasar o que no cotidiano me conecta com memórias de experiências negras passadas e recentes, em transformação e renovação. Em certos momentos, sinto como se lembrasse de ter vivido as mesmas experiências outras vezes como uma cena repetida. Em entrevista dada ao “Nexo Jornal”, Conceição define o conceito de escrevivência:

A escrevivência seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (LIMA, 2017).

A narrativa, fruto da trajetória de mulheres negras, pode nos oportunizar conhecer espaços e vivências que não estão nas produções canônicas e que muito, provavelmente, não fazem sentido do alto das hegemonias dos saberes. Por isso, Evaristo (2007, p. 21) nos diz que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim

para incomodá-los em seus sonos injustos". Faz-se necessário que sigamos no esforço de escrever e viver nossas linguagens, nossos rituais de cura e nossa memória. Dentro do que é negociável sistematizar e expressar dentro das regras da produção acadêmica, nesta trincheira, a disputa é pelo poder de falar.

Seguindo no devir de organizar o que nos oportuniza pensar uma metodologia em Geografias Negras, a prática como trançadeira possibilitou uma imersão que nasce do fazer, das trocas e dos encontros que cada momento separado para cuidar do cabelo pode criar por ele mesmo. Ao criar a “Monay Tranças”, marca desenvolvida para cuidar e fortalecer pessoas negras por meio da valorização da autoestima com penteado trançados, mergulhei nas possibilidades de ser e vivenciar o cotidiano de mulheres negras que se dedicam a cuidar de cabelos crespos. Além de muitas dessas mulheres buscarem escutar e sentir a narrativa de outras várias mulheres; em suas multiplicidades, também inspiram o corpo-ouvido-sentido que busca conhecer. Em uma confluência dos desejos, querências e lutas por liberdade, o encontro de cuidado e afeto entre mulheres negras ganha um tom revolucionário. “Eu sou preta, penso e sinto assim.” (NASCIMENTO, 1974, p. 94). A antropóloga Denise Cruz (2019, p. 22) revela uma teoria a respeito dos saberes de mulheres negras, uma vez que a autora destaca que:

[...] os sentimentos, as emoções são parte de uma episteme negra e devem compor o trabalho sobre as mulheres negras que não são somente “objetos” de estudos, mas sujeitas que reivindicam para si o estatuto de humanidade. Ao falarmos de nós estamos fazendo outra ciência. Ciência menos centrada em uma oposição entre sujeito e objeto e mais focada no fazer-se sujeito.

É a partir do lugar do cuidado que estamos que tantas de nós têm conseguido caminhar em seus sonhos de narrar, o que considero elemento fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. E o ser, sentir e escutar são compreendidos aqui como métodos valiosos para o fazer Geografias Negras desde de dentro das vivências, dos saberes, do cotidiano, uma vez que revelado por meio da trajetória de mulheres negras trançadeiras.

Por fim, é neste balaio em que separo os instrumentos que foram fundantes para este resultado. É necessário que possamos nos comprometer, traduzir as trajetórias, caminhar por meio delas, escutá-las atentamente e ser sensível às nuances que podem percorrer diferentes sentidos. Afinal, se trata da vida. Nesta roda, já tem gente! Foi na escuta dos movimentos de tantas histórias que eu integro a trajetória neste processo como um aspecto central para conduzir a investigação.

Cabe destacar que, as trajetórias têm aparecido, em parte, nas referências abordadas ao longo da dissertação, assim como em cada cafezinho no intervalo de um penteado e outro. O

exercício que pratico é o de escutar cada história. Ora elas esbarram com a minha, ora me transformam. Em boa parte do tempo, é uma das formas como as pessoas negras têm praticado suas catarses individuais e coletivas.

Neste sentido, é importante considerar que os espaços de cuidado podem ser responsáveis por impulsionar a escuta. Pessoas negras poderem realizar a necessidade de separar um momento para cuidar de si e reconhecer a importância desse ato têm sido um desafio frente ao modelo de vida imposto; não só exaustivo por suas variadas cargas de trabalho, mas também pelos altos níveis de violência racial, física e subjetiva.

3.1 Corpo mapa documento: caminhar desde dentro das geografias negras.

O marco inicial deste capítulo nasce antes das palavras, nasce de incertezas e de inseguranças que tem ocupado parte dessa caminhada para assumir a intelectualidade que pulsa do pensamento. Houve muitas dúvidas, mas não a respeito da importância do que a pesquisa se propõe observar, mas de um lugar que fora construído para que minha corporeidade não tivesse agência do debate amplo e científico. Houve incertezas, porque quando decidi ser sujeito, estava sendo bem da forma como existo: preta!

Este capítulo se dedica à compreensão do caminho que percorremos até as Geografias Negras. Isto é, como ela pode ser apresentada e as possibilidades de pensar em ferramentas de observação da realidade e formas de interpretá-la, assumindo o interesse de poder contribuir para a elaboração de metodologias dentro do campo. Logo, entendo que a sociabilidade de mulheres negras trançadeiras acionam diversos elementos que podem compor este caminho para uma análise do espaço.

A fim de apresentar esta parte com nitidez e sobre os passos que inventam a caminhada, construir a Geografia de dentro das Geografias Negras é uma possibilidade de radicalizar o pensamento social com os sonhos dos ancestrais, com um amor atencioso e radical. Amar como nos disse bell hooks (2019, p. 63): “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras”. É neste sentido que apresentar a trajetória socioespacial da trançadeira pode nos ajudar a entender o posicionamento de indivíduos que, historicamente, foram apagados da história, mas seguem sendo agentes que produzem o espaço e a sociedade.

Inspirada em uma afirmação do professor Renato Nogueira, sinto que fazer geografias negras corresponde a um modo de geografar, forjado na presença da memória, material, subjetiva, no corpo, no patrimônio, nas linguagens, nas existências, nas resistências, na vida.

Por assim dizer, essa forma de fazer geografia precisa fazer sentido para ser praticada, ela nasce no meio da ausência, vive como possibilidade de mudar paradigmas racistas "que se mantiveram presentes na sociedade e nos seus respectivos estudos, e no caso da Geografia, na formação docente, nas pesquisas e no ensino" (GUIMARÃES, 2018, p. 67). Em outras palavras, a Geografia é alimentada pela demanda de um contingente de estudantes negras e negros que entraram nas universidades públicas por meio das ações afirmativas. Para a autora, em termos pedagógicos, vale destacar:

O avanço das políticas públicas afirmativas de cotas para universidades e a Lei 10.639/2003 (dois marcos legais nesta discussão). Sobre o sistema de cotas vale mencionar o conjunto de ações e políticas afirmativas adotadas para a garantia de ingresso de jovens nas universidades públicas (estudantes de escolas públicas, negros e indígenas), no intuito de diminuir as desigualdades socioeconômicas e reparar injustiças históricas. (GUIMARÃES, 2018, p.76)

Essa conquista mencionada por Geny é resultado de um processo de muitas lutas e resistência frente a uma série de violências históricas ocasionadas pelo colonialismo. Segundo Guimarães (2018, p. 73), "o Brasil é um país que ainda carrega as mazelas do período colonial e de escravização enquanto expressão máxima do racismo, por isso ainda são necessários os movimentos de resistência". Além disso, nos lembra que frente a todo processo de violência haverá resistência e, conseqüentemente, suas marcas. A autora segue dizendo que:

No passado, os movimentos de antirracismo eram representados pelas resistências em forma de fugas de escravizados, aquilombamentos, suicídios, banzo, revoltas, religiões africanas e letramento de alguns escravizados e libertos com, inclusive, marcantes produções literárias. Essas dinâmicas podem ser entendidas como '[...] resistências astuciosas: estratégias negras de liberdade' (MATTOS, 2008) ou podem ser denominadas de 'ações-resistências' (GUIMARÃES, 2014). Elas existem desde o continente africano '[...] no sentido de atitude de não aceitação da escravização' (GUIMARÃES, 2014, p.11) e se prolongam após a Abolição e ao longo do século XX com a continuidade das irmandades católicas e das casas de santo, manutenção das expressões das culturas negras ancestrais, das aglomerações coletivas negras políticas e econômicas e de moradias formadas principalmente nos subúrbios e favelas, ou seja, na configuração espacial de muitas cidades brasileiras e até nos recentes quilombos urbanos. (GUIMARÃES, 2018, p.74)

Seguindo a trama que conecta as lutas de resistência do passado ao processo da história que nos faz chegar até o agora, com a proposta de somar na elaboração de um campo do pensamento geográfico, é importante assumir que ficaram muitas marcas dolorosas diante das mazelas provocadas pelo racismo e violências coloniais. Ou seja, "assim como de tantas outras geradas por mitos que ainda persistem no presente – por exemplo a mestiçagem enquanto crença na possibilidade do branqueamento" (GUIMARÃES, 2018, p.74). Além disso, o mito

da democracia racial “que enfatiza que as desigualdades raciais não existiriam, pois a mestiçagem geraria equilíbrio entre as diferenças e, por conseguinte, uma suposta igualdade social, política e econômica” (GUIMARÃES, 2018, p.74). Estas políticas sustentam o pensamento social brasileiro, visto que tem feito a manutenção de um sistema de opressão que garante os privilégios de uma hegemonia branca e patriarcal. Inclusive, sob uma perspectiva ocidental de controle e avanço do capitalismo, que tem dado certo ao assegurar que se mantenham os lugares sociais de poder e dominação. Tal panorama passa a ser ampliado a nível dos debates, pois de acordo com Cirqueira e Santos (2023, p. 4):

A revisão crítica acerca dessas discussões tem sido estabelecida principalmente, mas não exclusivamente, por pesquisadores negros e negras, que buscam ir além da catalogação de desigualdades ao questionar lógicas e formas excludentes de produção do conhecimento.

É neste cenário de disputas, sobretudo em termos de narrativas e produção do conhecimento pelos novos agentes e sujeitos, que passam a se questionar onde está o negro nas pesquisas e produções da Geografia. Sendo assim, não apenas em estatísticas das mais diversas subcategorias da vida e da morte. Como parte de uma luta que tem sido organizada pelo Movimento Negro, desde às lutas pela liberdade do sistema escravagista até as organizações negras, essa conjuntura é abordada em diversos artigos que realizam o esforço de pensar as geo-grafias negras no espaço. Os autores Cirqueira e Santos (2023), neste empenho, corroboram acerca do comprometimento das lutas pelo acesso a uma educação formal para pessoas negras. Para isto, foram organizadas diversas as estratégias citadas pelos autores:

[...] a criação de escolas mantidas exclusivamente por entidades como a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada na década de 1930, as frentes de alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva popular organizada pelo Teatro Experimental do Negro na década de 1950, os cursinhos pré-vestibulares para negros e carentes (1980-1990) e, mais recentemente, a conquista de políticas de ações afirmativas para estudantes negros no ensino superior. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 7)

O fluxo desse movimento de reconhecimento de uma memória ancestral na produção da vida e do espaço faz com que esse contingente de trajetórias siga reivindicando também uma reparação sobre o lugar da produção de conhecimento. A continuidade da luta de militantes negros e negras em níveis geracionais tem avançado em diferentes frentes. Sendo eu, fruto dessa luta e, como tantos, seguimos conscientemente na projeção de outras perspectivas que estão comprometidas com a reformulação e ampliação das bases epistemológicas da Geografia.

Neste sentido, Cirqueira e Santos (2023, p. 4) tecem um panorama sobre as trajetórias desses pesquisadores a fim de garantir avanços:

uma parte dos geógrafos interessados nesse tema têm interpelado as instâncias representativas da ciência geográfica, como a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege), para que esse movimento seja reconhecido e valorizado. Nesse sentido, um marco recente é a publicação do manifesto “Por uma Geo-grafia Negra” durante o XIII Encontro da Anpege (Enanpege), em setembro de 2019.

Ao mergulhar na produção do pensamento científico, encontra-se uma confluência de pesquisas que articulam a produção do conhecimento geográfico com as lutas contra o racismo e as mazelas que decorrem de sua operacionalidade. A professora Nilma Lino Gomes faz parte dessa gama de pesquisadores que nos propõe pensar acerca do Movimento Negro Educador e a produção de intelectualidades comprometidas com os avanços da luta negra. Não obstante,

[...]no final da década de 1970, com a rearticulação nacional de diversas entidades negras para a formação de uma frente de luta, o Movimento Negro Unificado (MNU), originou-se uma geração de intelectuais negros que, atualmente, são importantes referências nos estudos sobre relações raciais. Na análise da autora, esse movimento causou consideráveis efeitos no campo da educação, tendo em vista que os intelectuais/militantes produziram estudos que não somente desvelavam o racismo presente nos diversos níveis de ensino formal, mas também apresentaram estratégias para promover a superação do racismo. (CIRQUEIRA; SANTOS, 2023, p. 7)

É importante ter em vista que muitas propostas foram criadas, e em diferentes sentidos, para a construção e reconhecimento de epistemologias próprias e de metodologias para pensar uma Geografia que “representa uma área do conhecimento do ser e estar da humanidade no mundo (sociedade) e planeta (natureza) com suas inúmeras relações” (GUIMARÃES, 2018, p. 69). O percurso dessas trajetórias mostra que não há projeto único de geo-grafias negras. Por meio de um manifesto, elas se nomeiam e auxiliam a tradução da amplitude de experiências que revelam uma dimensão racial na produção do espaço.

Em nosso entendimento, a racialidade, a etnicidade e a africanidade constituem o espaço em sua ontologia – na conformação das relações e das práticas sociais, raciais, étnicas, de gênero e sexuais –, o território em suas várias configurações e escalas de poder e os lugares qualificados pela diferença. As questões para uma geo-grafia negra podem ser observadas e acionadas no espaço urbano (na segregação, nos territórios e lugares, na espacialidade dos movimentos sociais; no rural (na terra, nos quilombos); nos estudos de população (nos percentuais populacionais, nos projetos de genocídio negro), no ensino, na educação e na escola (como conteúdo - a temática étnico-racial e africana, como metodologia - as pedagogias negras e africanas, como corpos - docente, discente e técnico e na relação escola - bairro ou comunidade); no ambiente (nas situações de vulnerabilização das terras indígenas e quilombolas, dos riscos socioespaciais e socioambientais e de racismo ambiental); nas trajetórias e

corporeidades de sujeitos individuais e coletivos em suas diferentes espacialidades e territorialidades. (MANIFESTO, 2019)

No ato de se localizar, colocam em prática um dos recursos metodológicos que constituem sua formação, por meio de uma afroperspectiva – “somos um movimento composto por geógrafos/as negros/as, em distintas trajetórias de formação e atuação, que dirigimos nossos estudos e pesquisas para as questões negras, raciais, étnicas e africanas, por vezes correlacionando-as com etnicidade, gênero e sexualidade em suas dimensões espaciais” (MANIFESTO, 2019). Em outras palavras, lutar para garantir que os avanços sejam de fato solidificados.

[...]reconhecer o estatuto epistemológico de um conjunto de saberes e conhecimentos negros, inclusive aqueles produzidos por mestres/as do saber e pela militância; ter como perspectiva, no horizonte das políticas de ações afirmativas, a implantação de cotas étnico-raciais e o aumento do número de geógrafos/as negros/as como docentes do ensino superior.(MANIFESTO, 2019)

Desmantelar as espacialidades do racismo é um caminho forjado pela própria caminhada de pesquisadores negras e negros dentro da Geografia que “reproduziu processos de subjugação, retificou desigualdades e naturalizou hierarquias, além de difundir ideologias de supremacia branca e do patriarcado” (CIRQUEIRA, GUIMARÃES, SOUZA, 2020, p. 4). A pensar o desenvolvimento da Geografia moderna, a partir do século XIX, podemos identificar modelos do colonialismo e do imperialismo na produção de ferramentas teóricas. Destacam os autores:

[...] desenvolveu metodologias que articulavam meio de raça de forma determinista e hierarquizante. Da mesma forma que a natureza foi compreendida como algo diverso e desigual por geógrafos, o humano inserido nas leituras geográficas não era um “humano universal”, mas, categorizado pelas lentes da raça. Assim, de maneira sobreposta os meios iam de degenerantes (os tropicais) aos meios propícios para o desenvolvimento de civilizações avançadas (o mediterrâneo) e as raças iam das inferiores (negros, indígenas e amarelos) às superiores (brancos). Igualmente, a própria metodologia de regionalização, o cerne da Geografia moderna, não se estabelecia como um procedimento simples de “separar por distinção e agrupar por similaridade”. De fato, o método regional moderno, como uma lógica de ordenação de heterogeneidades na superfície do planeta, conformou-se como uma metodologia de produção diferença hierarquizada, particularmente da diferença humana articulada a um ambiente natural. (CIRQUEIRA, GUIMARÃES, SOUZA, 2020, p. 4)

Reconhecer as limitações no sentido de interromper as violências é escolher ser crítico à Geografia que operacionaliza o sistema colonial moderno e contemporâneo. E, em paralelo, interagir com epistemologias próprias, a qual a construção se dá por meio do sentir, das vivências, da interpretação das memórias deixadas nos corpos e existências negras.

Em consonância com as pesquisas realizadas pelas professoras Sheila Walker e Geny Guimarães, o percurso feito é o de elaborar com a Geografia a partir do “desde dentro de culturas negras diaspóricas e africanas na produção do espaço” (GUIMARÃES, 2018). Sendo assim, é necessária uma possibilidade maior de aproximação com uma parte significativa da cultura e história negra africana. Além disso, são eles os responsáveis por (re)inventar social, cultural e economicamente o Brasil e as Américas, mesmo sob a régua do capitalismo racial e dos processos diversos de apagamento da memória das tradições dos povos que formaram as diásporas. A professora Walker (2018) nos informa que as trajetórias das pessoas negras “são fundamentadas nos saberes que trouxeram da África em sinergia com o que encontraram em sua nova terra, criações que marcaram com sua originalidade as sociedades de todas as américas” (WALKER, 2018, p. 15-16).

Alianças o pensamento de duas pesquisadoras importantes, dentro da produção do conhecimento, para conseguir apresentar de forma nítida a trajetória de formação dessa geografia negra, que caminha por Geo-grafias negras, essas podem ser entendidas “como as variadas possibilidades de leitura do mundo, proporcionadas pela interdisciplinaridade da Geografia com outras áreas do conhecimento e utilizando as mais diversas linguagens.” (GUIMARÃES, 2020, p. 304). Essas marcas ou grafias são as mesmas memórias que as famílias negras têm transmitido há gerações. Da mesma forma, acontece com os espaços de manutenção de uma identidade cultural africana como as casas de candomblé, representadas por tantas nações de matriz africana; os espaços dos Quilombos; como também as favelas em sua produção de espaços de cultura e educação. Esses saberes africanos, em toda dinâmica que o envolve, também são re-formulados e re-produzidos pelos povos que se re-inventaram na diáspora. Portanto, podem ser interpretados a partir de uma dimensão racial do espaço. É importante dizer a respeito de uma identificação de elementos que estão no espaço geográfico em uma perspectiva de dinâmica de construções (GUIMARÃES, 2018). É deste lugar que as trajetórias, quando interpretada desde dentro, emergem como ação. Como destaca Geny,

ênfatizá-lo [lugar] como uma forma de ser e estar no mundo (com todas as suas produções, percepções, vivências e experiências) de um grupo sociocultural, da população negra e sua maneira de traduzir o seu pensar e traduzir o mundo por meio de pesquisas, prática docentes e atividades pedagógicas ou de ensino (GUIMARÃES, 2018, p.68)

Essa dimensão racial do espaço geográfico em primeiro plano, sobretudo, em decorrência do racismo, “possui uma localização espacial que se dá por meio das limitações econômicas, subalternidades políticas, referências folclorizadas e populares de sua cultura e

marginalização de posição social, entre outras perspectivas ou aspectos” (GUIMARÃES, 2015, p.146). Esses aspectos aparecem de maneira recorrente na narrativa das trançadeiras que colaboraram com essa pesquisa, a citar a questão do racismo e da mobilidade urbana, uma vez que há baixa acessibilidade entre o centro e as regiões metropolitanas e periféricas. Além disso, faz-se presente a constante desvalorização do trabalho, tanto em referência ao valor simbólico, quanto pelo valor material, o que cria instabilidade e vulnerabilidade econômica.

Dessa forma, tantas são as experiências aptas para compor um mapeamento que nos permite fazer a leitura da dimensão racial do espaço. Logo, esse “lugar do negro” (GUIMARÃES, 2015; GONZALES e HASENBALG, 1982) pode ser lido a partir da corporeidade da trançadeira, o que destacará a naturalidade que o sistema social tem de olhar para o negro a partir de perspectivas racistas. Sendo assim, no sentido de compreender as dinâmicas de poder e violência que organizam as noções hegemônicas de organização do espaço, Guimarães aponta que:

incluir pensar o espaço geográfico formado imerso no fenômeno do racismo, capaz de promover a formação, transformação, das relações interpessoais no espaço. Perceber o racismo como elemento ativo, metamórfico e atemporal na sociedade é entendê-lo como capaz de elaborar contornos territoriais, territorialidades, paisagens, lugares, características locais, regionais, nacionais, internacionais e globais e como resultado gerar as desigualdades sócio-espaço-racial. (GUIMARÃES, 2015, p.223)

A Geografia se insere nesse contexto acima por meio de uma legitimação de desigualdades, ela também é atravessada por “categorias como diáspora, identidade, negro-africana e brasileira. Como também, são ‘ações e lugares-resistências’ são centrais para reflexões sobre poder e violência, mas não estão isoladas precisam dialogar com negritude, branquitude, negrura, brancura, embranquecimento e branquidade” (GUIMARÃES, 2015, p.223). Por consequência, a organização dos movimentos de resistência apresentou outras possibilidades. Guimarães faz o seguinte apontamento:

Na diáspora africana na América foram construídos os lugares resistências como consequência das ações-resistências ou práticas negras de autodefesa frente às opressões, violências coloniais, da escravatura e formadas territorialidades geradas pelo lugar do negro estipulado por si mesmo e do negro como lugar a partir de sua memória e corporeidade também designados “desde dentro”(GUIMARÃES, 2015, p.30)

Esses lugares e ações de resistência têm suas bases fundamentadas em valores que são afrorreferenciados por partir, exatamente, de onde “pensamos, vivemos, sentimos e experimentamos e pelo que nem sempre com palavras e/ou cientificamente podemos explicar”

(GUIMARÃES, 2018, p.68). A condição de viver a realidade sendo uma pessoa negra todos os dias, com as dores e as delícias, trata-se de mergulhar em uma “afrogênese” (GARCÍA, 2018), voltar pra casa, ou estar em um movimento Sankofa. Cabe destacar:

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. (FIOCRUZ, 2018, p. 1)

Existem aqueles que não estão nos livros, mas permanecem enraizados na trajetória de cada africano e de seus filhos na diáspora. Recuperar a nossa memória é, portanto, seguir exigindo o direito à existência. Jesús Chuco García, pesquisador negro venezuelano, explica sobre como podemos recuperar conhecimentos etnoculturais, ou “de um reconhecimento do desconhecimento”. (GARCÍA, 2018). O autor discorre sobre como esse processo de construção afroepistemológica refere-se ao que já está em nós:

Trata-se de reconstruir nossa etnogênese, a qual constitui a fonte de todo esse conhecimento segmentado através dos séculos, e que, por tradição oral, foi mantido vivo. Essa reconstrução pode começar por uma palavra, uma refeição, uma melodia, um signo ou símbolo religioso, um feito histórico proposto por uma cimarrona ou por um cimarrón, uma técnica de trabalho, um elemento estético expresso em um estilo de penteado, um objeto artesanal, entre outros elementos (GARCÍA, 2018, p.93)

Sendo assim, no encontro com o que não se sabe, mas se sente, é que foi possível chegar na compreensão da trançadeira como comunicadora de uma linguagem que nos é muito valorosa. Aqui, entendo o Orí como responsável por guardar a ancestralidade e projetar nosso futuro, tem sido por meio do sentir que temos atravessado um atlântico de estranhezas e silêncios, a qual a corporeidade da pessoa negra carrega diversos processos de apagamento do que é africano, dos nossos nomes, nossa fé, linguagens e os aspectos estéticos e culturais. É neste lugar, em algum ponto dentro de cada um e de cada uma, que o racismo corta. É no reconhecimento de onde dói que é posto o lugar de outridade³, é no ato de não aceitar mais ser agente nessa engrenagem de criar silêncios.

³ Em referência ao que a pesquisadora Grada Kilomba escreve como sendo a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (KILOMBA, 2019).

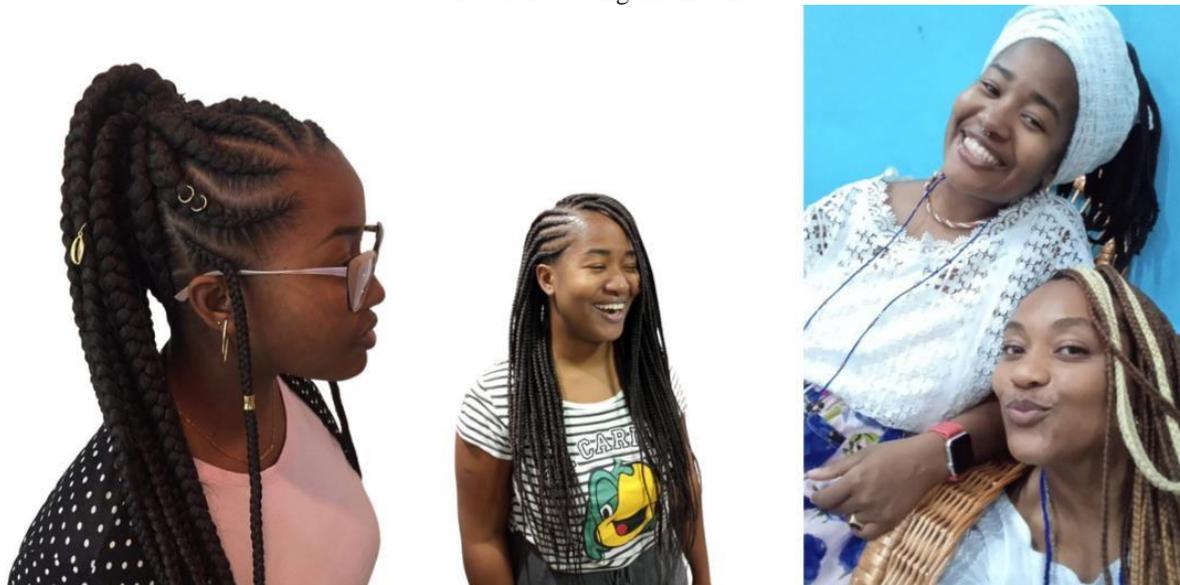
A ação do eco⁴ que entoamos como resistência, dos saberes-fazerem que estão em uma dinâmica constante de renovação, por essa memória que é viva, está intimamente conectada ao caminho que se encontra na oralidade. Sendo um aporte para troca de saberes, a oralidade é fundamentada como uma prática milenar dos povos da terra com os povos africanos que passaram pelo trauma do colonialismo e da escravidão.

Em referência aos escritos de Beatriz Nascimento, o ser humano tem um viés transformador. Ele é percebido pela ancestralidade e pelo pertencimento que estimula autonomia a diferentes tipos de epistemes, ou ainda, nossa afro-gênese (GARCÍA, 2018), a qual buscamos desenvolver em nossa caminhada. Essa narrativa revela o potencial transformador das vivências de mulheres negras, de suas trajetórias, lutas e ações-resistência. Referenciando a poeta e escritora Audre Lorde em sua obra “Irmã Outsider” (2020) – o nosso silêncio não tem nos protegidos e não nos protegerá das sistemáticas ações desestabilizadoras produzidas pelo racismo. Seguimos porque há muitos silêncios a serem quebrados desde dentro.

⁴ Em referência ao que a pesquisadora Geny Guimarães refletiu sobre o eco como resultado da resistência (GUIMARÃES, 2015).

4. AMAR RADICALMENTE A NEGRITUDE - CAPÍTULO 2

Figura 4 – Registro de trança feita em Raquel Rosário Monáyò, mãe-ekedi, cliente e amiga que os ancestrais proporcionaram encontrar e trocar. Nós nos conhecemos no salão que eu atendia em Madureira, na ocasião da gravidez de seu filho Gael, que hoje também é trançado por mim. Sutil como energia mágica e desafiadora como escolha de amor radical, eu me torno filha espiritual da casa de candomblé em que Raquel é nascida e criada, família que me acolhe e permite experimentar espaços-tempos de memórias, presentes nos rituais para os ancestrais de origem africana.



Fonte: Arquivo pessoal.

Agô
 É no Orí da minha irmã onde materializo o que
 sinto.
 em forma de amor
 conjugo palavras de força
 de esperança
 reúno memórias doces
 com intenção
 de diluir o amargor
 daquelas sensações de completa inadequação
 por que não querem nos deixar gozar
 em ser
 É no Orí da minha irmã
 onde intuo sonhos para o eu
 coletivo, de cuidado
 mútuo
 de expansão
 da alma
 É no Orí da minha irmã
 que planto coragem
 para enfrentar a sombra a qual tentamos fugir
 juntas
 Sentimos medo
 nesta sombra foram projetadas tantas dores
 que nos fizeram crer

*nos educaram a crer
 que a experiência da vida estaria limitada a
 subjugação
 silêncio.
 Mas é ... No Orí da minha irmã
 onde encontro caminho
 seguro, fértil
 Lá estão maturando os desejos-projetos-filhos-
 frutos-sementes
 que as mais velhas deixaram na terra.
 E com tanta revira e volta
 É no Orí da minha irmã que ficam guardadas as
 esperanças do caminho
 e me conduz de encontro com o que está vivo
 da memória
 Agô.*

Paloma Silveira, 2023.

Sou uma mulher negra, jovem, nascida em São João de Meriti, Baixada Fluminense, região metropolitana e periferia do Rio de Janeiro. Quando criança, a diversão era brincar na rua e andar de bicicleta, sentar na calçada, esperar a manga cair e sair com a sacola cheia com os amigos. Andei de skate uns seis anos e também pratiquei luta. Fui criada por muitas mulheres, elas marcaram a minha vida e a relação que tenho hoje com minha racialidade, com meu corpo e com meus cabelos. Exatamente, por esse motivo, é fundamental partir do fato de que eu amo as mulheres negras, as amo de um lugar de intimidade. Por minha mãe, por minhas avós, as que conheci, com relação sanguínea e de amor; à avó Regina, mãe de minha mãe, a qual sem ter conhecido, me identifico pelas memórias familiares e pelas semelhanças que marcam meu corpo e pelo trançado; e por minhas tias, amigas da juventude de minha mãe.

Eu amo a forma como as tranças me levaram à minha casa de axé, Ilê Erupê Ni-IKo Esã, tendo como sua matriarca, Yá (mãe) Vanilda D’Omolu, e nosso avô de santo, Sr Bambawara Wilson D’Òshún. Pelos fios de Monayó, Raquel Rosário surge em minha vida como uma cliente que trançei em Madureira e depois em seu domicílio. Tornou-se amiga, é irmã na espiritualidade e cuida de seu lugar de mãe/ekedi. Imersa nesta circularidade de cuidados matriarcais, eu me torno abyan (filha, não iniciada) nesta casa que tem me acolhido em vivências.

Em forma de roda, o xirê (roda em cânticos e danças aos ancestrais) nos permite acessar um espaço de reverência à memória, que em sua prática de cuidado e rituais de fé estabeleceram um sentido de conexão em um lugar dentro, no Orí – “uma palavra Yorubá, língua utilizada na religião dos orixás, que significa cabeça ou centro e que é um ponto chave de ligação do ser

humano com o mundo espiritual” (NASCIMENTO, RATTS, 2007, p. 63). É deste lugar que posso reconhecer mais uma peça desse quebra-cabeça, visto que se configura por meio do cuidado e que dimensiona uma experiência que é africana, reinventada e reconstruída nas diásporas.

A respeito dessa memória, cabe dialogar sobre a compreensão do tempo e do corpo de Leda Maria Martins, a autora compreende que espelhamos a trajetória de mulheres negras. Elas têm se constituído por meio de suas relações sociais, econômicas ou culturais a partir da memória que lhes pertencem; como um dom que fica no corpo, nas mãos, que se apresenta como sonho-possibilidade, como movimento que foi repetido ao longo de um tempo espaço que nos foge a compreensão da sua dimensão. Isto é, são gerações ao longo de séculos que usam as tranças como recurso de poder e beleza, de prosperidade e status social.

Helen, uma das trançadeiras entrevistadas para este estudo, explicita esse devir, o trançado que se revela por meio do sonho, mesmo sem contato com as tranças diretamente, mas presente nas mãos. Sobre seu processo de aprendizado, ela diz:

Sendo que um tempo antes de eu começar a trançar, eu penteava o cabelo da minha cunhada e ficava tentando fazer alguma coisa parecida com trança. Eu comecei a gostar tanto que eu passei a sonhar fazendo trança, sem saber fazer trança, e aí tudo que sonhava eu tentava colocar em prática no cabelo dela. Durante a noite, eu sonhava com uma mão fazendo trança, aí eu tentava executar no cabelo dela no dia seguinte. Até que um dia eu conheci a esposa de um tio do meu ex-marido e ela sabia, porque trabalhava com *megahair*, mas ela sabia um pouco de trança nagô. E aí ela olhou o cabelo da minha cunhada e falou assim: nossa que legal, na verdade era um flat Twist que eu fazia e achava que era trança. Ela falou assim: “– nossa! Que bonito! Você sabe fazer trança nagô?” Aí, eu respondi que não. “– Não sei fazer, fiz isso aqui porque sonhei e achei legal e quis fazer no cabelo dela”. Foi quando ela disse: “–vou te ensinar a fazer trança nagô, vou te ensinar a fazer o básico!” Foi a partir daí que ela me ensinou, e então eu fui criando outros designers, fui aprendendo. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

Este depoimento expõe que por meio da prática, das tentativas com seus erros e acertos, há uma “performance ritual por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo” (MARTINS, 2021, p. 48) e que, como continua Leda:

Em sua cosmo percepção filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o *corpus*, enfim, a memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. (MARTINS, 2021, p. 48)

A escolha de mergulhar na prática de trançar e na memória dos cuidados de meus cabelos na infância organizaram o meu amor pelas mulheres negras, sobretudo, por ter sido um

processo de realização e encontros que eu havia me negado a experimentar durante anos. No entanto, nunca deixou de fazer sentido. Então, pelo afeto e cuidado que me atravessa cotidianamente, que me nutre e expande, e me realiza, tenho amado a eu-mulher negra e também a negritude radicalmente, como uma resistência política (hooks, 2020), e operacionalizada pelo cuidado. O amor pela negritude está em minhas mãos, no fazer, na criatividade e na dedicação de movimentar em gestos que comunicam ancestralidade.

Dizer sobre os percursos que vivi é o que me inspirou para a escrita dessa pesquisa. Durante os atendimentos com mulheres negras, acessei lugares que me despertaram possibilidades para a compreensão da metodologia que escolhi abordar. Em síntese, uma perspectiva sobre uma dimensão da realidade espacial do fazer-saber de mulheres negras, que na projeção de sua técnica, por meio da ação de cuidar de cabelos negros, têm um potencial em interromper violências sistemáticas e criar alternativas de produzir outras imagens e narrativas acerca da negritude.

Mesmo em um processo de escrita permeado por cansaços e demandas de uma vida de responsabilidades, iniciei um caminho que se apresenta de duas formas – como retorno e como continuidade. Além de buscar não reconhecer o racismo como o elemento definidor na troca coletiva, mesmo sendo um marcador que direciona reflexões importantes. Sendo assim, retorno porque preciso voltar, preciso escutar e criar as oportunidades de sentir na prática como trançadeira, nas relações familiares e na revisão das rotas para o futuro; e continuidade, porque é no devir desta memória que tem fundamentado o caminho por meio do acolhimento a tantas travessias semelhantes, conectadas pelo que ficou.

Busco materializar na Geografia uma perspectiva de análise que está dedicada a enfatizar uma prática cultural africana. Com isso, julgo importante evidenciar que o ato de trançar e ornamentar os cabelos negros resistiram séculos de colonização, posto que tais práticas foram, intensamente, inferiorizadas no intuito de invisibilizar e degradar a imagem de pessoas negras de ascendência africana na diáspora.

Atualmente, é possível dizer que é de conhecimento amplo que o projeto colonizador atuou primeiramente no apagamento dessa memória que veio de lá. Em tantos artigos, dissertações e teses (GOMES, 2019; SANTOS, 2019; LODY, 2004), temos uma noção das diversas incursões do projeto de colonialidade racista de fazer desaparecer a memória que está dentro e fora de cada pessoa herdeira. A respeito dos cabelos, podemos refletir sobre os alisamentos, chapinhas, procedimentos “relaxantes”, os cortes na máquina zero e todo um arsenal de outras possibilidades que foram incutidas no ideal de cabelo. Precisavam estar dentro do limite de aceitação social.

Sendo assim, garantir que a narrativa de mulheres negras que trançam seja incorporada como um elemento desmobilizador de um pensamento social a respeito do cabelo negro⁵ pode revelar elementos que nunca tiveram a oportunidade de serem, reconhecidamente, atribuídos à uma interpretação da vida, dos saberes e da produção do espaço. Minha hipótese é que podemos elaborar uma geo-história que rasura parte do conto colonial sobre nossas existências, sendo assim reorientar perspectivas sobre o engendramento do espaço e das relações sociais, culturais, econômicas, afetivas, subjetivas, políticas, de cuidado e de transformações pedagógicas.

Tenho percebido que para avançar na compreensão deste universo inteiro que habita em mulheres negras trançadeiras eu preciso me debruçar no acolhimento da mulher negra que sou e todas as implicações que a minha existência imprime. Eu preciso assumir os fantasmas que me assustam e no que toca a minhas experiências desde o instante em que me entendo por gente. Quero dizer a partir de lugares dentro de mim que foram feridos intensamente pelo racismo e pelo desenrolar das relações estabelecidas com a sociedade e com a natureza.

Sempre morei em um bairro negro. Pelo menos, para mim, lá havia todas as pessoas que me foram fundamentais para minha formação pessoal. Cresci em um ambiente que havia todas as formas de manifestação de humanidade. Fui cristã boa parte da vida e ajustei-me a desencontros que se naturalizaram no cotidiano. Nele, estava a dissonância com minha imagem, uma menina negra e o desejo de ser e estar entre os tantos jovens que cresceram comigo. Fui uma menina negra e gorda com os cabelos, extremamente, penteados por minha mãe; eu era alegre, brincante e responsável. Na infância, eu fui a boneca que minha mãe não tivera a oportunidade de pentear os cabelos quando ainda era menina. Escolho dialogar com essas memórias, porque as identifico como a primeira marca que carrego na minha constituição mais atual, mulher negra que trança. Não havia um dia sem que minha mãe não penteasse o meu cabelo; puxava para o lado, partia ao meio, dava forma aos cachinhos e aos contornos. Esses relatos são memórias que vieram a se materializar como proposta de ação prática de resistência: amar radicalmente a negritude!

4.1 O epistemicídio como afluente do racismo e do projeto colonial

Na espiral que acessamos, o centro que pulsa a vida e nutre gerando força (axé) para as ações decorrentes são as mulheres negras em suas multiplicidades e formas de existir. No entanto, cabe destacar que realizar um estudo dentro dos modos de pesquisa da academia

⁵ Irei aprofundar este termo, criado por mim, no subcapítulo 5.2.

brasileira apresenta alguns desafios que, por vezes, apresentam limitações. A exemplo deste preâmbulo, é necessário levar em consideração que o epistemicídio tem operado, sistematicamente, na deslegitimação das produções e do pensamento de mulheres negras. Posto isso:

O epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação da legitimidade das formas de conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente de seus membros, que passaram a ser ignorados enquanto sujeitos de conhecimento (CARNEIRO, 2023, p. 87)

Em vista disso, esta é a construção de uma pesquisa que não está em concordância com as violências e apagamentos sistemáticos de epistemes e culturas. É uma pesquisa que se dedica a interpretar as encruzilhadas dos saberes e se aventura no compromisso de praticar a ação de transformar. Pesquisas que possuem esse mesmo caráter investigativo, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, citado por Sueli em sua tese, reflete o desenrolamento de um genocídio:

que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS apud CARNEIRO, 2023, p.88)

Os desdobramentos mais sensíveis deste projeto colonial custaram gerações de produções do pensamento negro, pois interferiu na possibilidade de que pessoas negras contribuíssem na produção de conhecimento científico e tivessem notoriedade por isso. O colonialismo fomentou uma desvalorização constante ao que se remetia ser negro. Logo, por meio de “construções discursivas, os europeus nos converteram em africanos abstratos, depois em negros, posteriormente em raças, imediatamente em escravos[...] até a reprodução tragicamente compulsiva introjetada em nós mesmos”. (GARCÍA, 2018, p.90). Conseqüentemente, um sentimento de insegurança é gerado, fruto desse processo de associar a imagem e produção negra como sinônimos de inferioridade, de uma não cientificidade. Com isso, afirmo que no lugar dos traumas poderíamos estar amando, como diz bell hooks.

Há uma certa incongruência que me desperta uma interrogação necessária a se fazer. Sendo a Geografia tão interessada na interação criadas entre a sociedade e a natureza em sua dinâmica espacial, como interromper a concepção hegemônica em torno da manutenção eficaz do epistemicídio e do racismo em produções e pesquisas negras que oferecem outras formas de olhar, de investigar, de sentir e construir o conhecimento?

É uma escolha política iniciar este tópico localizando a força que tem manipulado os alcances dos ecos das vozes negras, tendo em vista o quão custoso tem sido ser resistência nos espaços de disputa de poder; para tantas e tantos de nós tem custado suas vidas. Neste sentido, acredito que os desafios apontados ao longo desta pesquisa, em uma confluência de emoções, assemelham-se aos gravetos que servem de lenha para pôr na fogueira. Em razão disso, é necessário que possamos ampliar o olhar sobre o fogo; como ele é vivo, como dança no encontro com o ar-vida, como é inspirador sua essência transformadora em seus diferentes estágios de temperatura e o material orgânico que o alimenta. Dessa mesma forma, enxergo a africanidade, aquela que resistiu a travessia transatlântica sem volta. Assim, é também a luta de negras e negros na diáspora ao longo de séculos e, especificamente, a trajetória de mulheres negras, sobretudo, as que escolheram o cuidado como via de transformação e amor radical. Nossa via de análise parte da experiência da mulher negra que trança.

Quando buscamos enfatizar o ser e estar no mundo das trançadeiras e a negritude desde de dentro “a partir do que pensamos, vivemos, sentimos, experimentamos e pelo que nem sempre com palavras e/ou cientificamente podemos explicar” (GUIMARÃES, 2018, p. 68), temos a possibilidade de nos deparar com um universo onde todas as entrevistadas reconhecem a intervenção do racismo na construção das diferenças raciais. As disparidades de raça são articuladas em uma estrutura social hierárquica e burocrática, que se validam também por meio da discriminação e preconceito, assim como da violência simbólica, física e material nos corpos e nas subjetividades da população negra. Logo, constatamos que “a construção da diferença e sua associação com uma hierarquia (...) são [processos] acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, racismo é a supremacia branca” (KILOMBA, 2019, p. 76).

Grada Kilomba, em “Memórias da Plantação” (2019), segue em uma categorização sobre os tipos de violência racial e, aqui, cabe destacá-las: o racismo estrutural opera no apagamento de negras e negros nas estruturas sociais e políticas em prol de uma manutenção de privilégios para pessoas brancas. O racismo institucional remete ao reconhecimento do racismo na formação das instituições por meio da burocratização que estabelece tratamento desigual para negras e negros “em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça

criminal, etc.” (KILOMBA, 2019, p. 78). Enquanto o racismo cotidiano “refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como “Outro/a”, mas também como outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca” (KILOMBA, 2019, p. 78). Esse último, inclusive, fica expresso em uma das narrativas da trançadeira Karla Raimundo, de 37 anos, natural do Rio Grande do Sul, onde iniciou sua trajetória com as tranças.

Ao lembrar de casos de racismo cotidiano, Karla nos comunica uma série de injúrias deferidas em relação, sobretudo, aos seus cabelos crespos:

Eu acho que é uma das coisas que me faz não querer trançar pessoas brancas também. Eu sempre usei tranças, eu sempre recebi inúmeras ofensas das pessoas virem puxar o meu cabelo, de chamar de cabeça de Medusa. Isso eu tô falando a partir do cabelo, né... fora das outras coisas, das outras violências, de vir gente me chamar de cabelo de pobre, de cabelo de Bombril. Então, são um soco mesmo, né?! As marcas muito fortes, porque na minha infância no Rio Grande do Sul tinha muito branco e eu era atleta. Então, fazia esse movimento de andar por muitos lugares e muitos lugares brancos, lugares das pessoas te olhar, de falar as coisas. Porque eu era tida como revoltada. Se eu tivesse alguma reação do racismo que eu sofria, eu era colocada como uma revoltada, a baderneira. Nunca era vista a violência que eu tava sofrendo, e daí o cabelo e o olhar desse racismo que a gente sofre a partir do nosso cabelo é muito, muito forte. (Entrevista realizada com Karla em agosto de 2023)

O que o processo de colonialidade tem lapidado em nossa subjetividade, em nossa memória coletiva e ancestral? Ao rememorar traumas a partir das experiências cotidianas de racismo, pode-se notar uma linguagem racial violenta. Estas agressões são impressas por meio de ações, olhares e discursos racistas que usam as pessoas negras como “tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu” (KILOMBA, 2019, p. 78), do que não é desejável, incivilizado e marginal.

Durante a investigação com as trançadeiras, atentei-me para a necessidade de ouvi-las em suas falas-denúncias, pois é exposto um cotidiano que nos informa sobre uma espacialização das relações raciais e do racismo. A violência racial relatada anteriormente é um exemplo significativo de como se operam essas relações a partir da dimensão do cabelo crespo. Como vimos, o racismo vivido por Karla acontece, portanto, durante a sua juventude enquanto estava na condição de atleta em diferentes espaços no Sul do país.

Atravessando fronteiras, podemos encontrar o registro de Dayana Silva, trançadeira e professora de História, nascida e criada na Vila Kennedy, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Tal território é marcado, na atualidade, por guerras implementadas por forças criminosas e institucionalizadas por uma política deliberada contra as drogas, que mais se dirige

a corpos negros, favelados, moradores das periferias e zonas metropolitanas das grandes capitais do país.

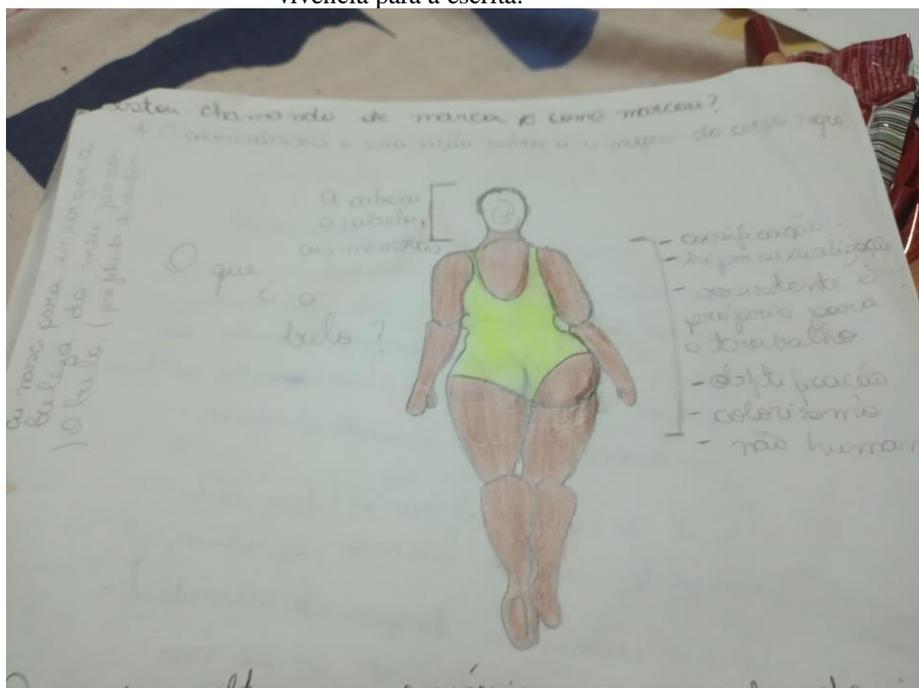
Em sua experiência cotidiana, Dayana relata mais uma das formas em que o sujeito branco confere ao sujeito negro o lugar de outridade – o que oferece risco constante à sobrevivência da hegemonia branca:

Eu tenho muitas experiências, né..., mas eu não sei qual me marca mais. Elas vão acontecendo e as que mais me marcam são quando eu não percebo, quando eu não me dou conta delas. Entendeu? Quando eu vou ver depois de um tempo. Uma vez eu fui no hotel e, aí, eu cheguei para fazer o check-in e o cara não me atendeu. E aí, foram outras pessoas chegando e sendo atendidas e sabe quando você não entende o que aconteceu? você não sabe... e, depois de muito tempo, eu fui atendida e eu cheguei no quarto e pensei assim: gente, não tava tão cheio assim, chegou uma pessoa branca e foi atendida. E eu não fui atendida porque, na verdade, quando tudo começou chegando no hotel, tava no táxi e aí apareceu uma mulher negra retinta em qualquer lugar de centro ou Zona Sul. A violência é sempre sutil, porém nem tanto, é passivo-agressiva. E aí eu pego táxi, né...e o taxista já pergunta: "–você trabalha por aqui?" E aí eu falo: "–ué! Como assim eu trabalho por aqui?". Eu não entendi quando eu desci. O cara: "–ah, você trabalha por aqui, as meninas sempre trabalham por aqui. Aí...ué! Demorei para entender. Aí, eu cheguei no hotel e tive de novo essa questão de não ser atendida e as pessoas brancas chegando sendo atendidas. Aí eu subi para o quarto e foi uma sequência de violências, e eu não reagi a nenhuma delas. Por quê? Será que eu estava desligada? Por que eu não vi? Por que eu não respondi? E quando vi, eu só tô aqui chorando dentro do quarto sem parar, sem conseguir reagir, porque eu não consegui reagir a essas violências de racismo e machismo de imediato. Aí, depois que passou, eu fico: gente, é racismo, é machismo; mas as questões de raça sempre me pegam mais, porque as pessoas sempre me veem primeiro como uma pessoa preta e depois que eu sou uma mulher. Por isso, que eu sempre questiono aquela frase que diz "eu não sou uma mulher?", porque aí pensam: será que uma pessoa preta merece ser tratada como uma mulher? Ela é forte, ela consegue lidar com isso, entendeu? E essas questões são tantas. Fiquei mais emputecida de não ter reagido de imediato. De ter percepções delas depois. E aí, depois, eu fico fragilizada e penso: gente, que mulher preta sensível, né? (Entrevista realizada com Dayana em agosto de 2023)

A violência sutil e desmotivadora descrita pela trancista nos dimensiona para o corpo como o primeiro lugar de ação das dinâmicas do racismo. Além disso, propõe uma percepção sobre as nuances da violência racial, como elas vulnerabilizam pessoas negras afetando a sua autoestima, suas concepções formadas sobre si próprio e a respeito do coletivo.

Como recurso de visualizar o pensamento, desenhei algumas considerações sobre a memória que guardo da infância, de um corpo inadequado. Mesmo que eu me sentisse à vontade comigo mesma, posso recordar os discursos como, por exemplo, “Você não é negra, é marrom bombom”; ou, ainda, em decorrência de estar sempre com os cabelos penteados, “nossa, seu cabelo nem é tão duro”.

Figura 5- Desenho realizado como parte do processo criativo desta pesquisa, como recurso de transpor a vivência para a escrita.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em uma tentativa de mapear o corpo, me atente para o dia em que uma enfermeira, uma mulher branca de meia idade, foi hostil em meu atendimento por eu precisar tirar os piercings que havia em meu rosto para a realização de um exame. O episódio me levou a uma sensação de desespero, tendo em vista que eu estava sozinha naquele momento.

Ser reprovada em uma disciplina na Pós-graduação é mais uma das situações de desamparo que me atravessam. Fui reprovada pela falta de recurso didático e sensibilidade das professoras por elas não desenvolverem uma prática flexível que acolhesse a perspectiva de estudantes trabalhadores. Não houve condescendência para que esses estudantes conseguissem cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega de trabalhos. Logo, a intervenção negativa da responsável da disciplina não considerou a realidade dos estudantes trabalhadores – majoritariamente negras e negros, pessoas que cursaram as aulas no modelo Educação a Distância (EAD), sem bolsa e durante o período em que éramos recomendados a ficar em casa por decorrência da pandemia de COVID-19. Tais estudantes permaneceram trabalhando sem a opção de proteger a si e suas famílias.

Por essa reprovação como avalanche, cursei as disciplinas em dois anos, estendendo a conclusão e me colocando, de novo, infelizmente, numa circunstância de vulnerabilidade gerada, principalmente, pelo risco de o prazo não caber na experiência que me foi possível viver. Classifiquei na ordem das memórias e das experiências um sentido de objetificação, de

inferiorização e subalternização em decorrência do racismo. No entanto, a direção de criar uma descaracterização do que é marcante e vivo, os símbolos da africanidade, que permaneceram como herança, estão no corpo e no Orí. Portanto, como recurso de visualidade, desenhar e mapear estão inseridos indiretamente no caminho de transpor a vivência para a escrita, tornando-se minha escrevivência.

5.2 UM PANORAMA POLÍTICO ACERCA DO CABELO NEGRO⁶ – ESTABELECEER DIÁLOGO COM AS MEMÓRIAS DE MULHERES NEGRAS QUE TRANÇAM.

“Tudo começa na infância, né?” é a questão que Dayana introduz em sua narrativa para este estudo. Respondendo essa pergunta retórica, escrever sobre o cabelo negro é dizer que sim, tudo começa na infância. Este cabelo que estudamos desde o Orí, que para nós está associado a um valor que é muito marcante dentro da religião de matriz africana, candomblé da nação Ketu e de onde tenho aprendido de perto, está alinhado com o valor do cuidado. Por cá, os cabelos estão em uma relação indissociável com o cuidado; que é ritual, que conecta, protege, estimula a sonhar e a criar como se fossem “elementos mágicos, de reconexão, eles representam elos de ligações com a ancestralidade da pessoa” (SANTOS, 2022, p.29).

Este cabelo cuidado e ritualizado comunica uma linguagem diversa, uma vez que se pode assumir diferentes formatos, contornos e penteados; como o cabelo *Black Power*, usado com os fios naturais e penteados; ou as torções e trançados realizados em diferentes contextos e ocasiões. Esses cabelos, portanto, que assumem um lugar-ação-resistência política são cabelos que “contam a história de nossa ancestralidade. Por essa razão, os adeptos do Candomblé têm suas cabeças e cabelos cobertos nos períodos de obrigação.” (SANTOS, 2022, p.29). O cabelo negro não apenas reage, mas cria as narrativas, é o elemento formador dos contextos familiares como descreve Day – carinhosamente, assim chamada por seus amigos. A trançadeira, cria da Vila Kennedy, favela da zona oeste carioca, nasceu em um lar de mulheres negras que tinham uma preocupação com a aparência e o cuidado com os cabelos, tais práticas de cuidado são partes formadoras dos laços e das memórias.

Tudo começa na infância, né? Eu venho de um lar que é formado em sua maioria por mulheres, então quando se trata de cabelo é um ponto muito importante para mulheres pretas. Então, a necessidade de estar sempre trançada com o cabelo que demonstre o cuidado, né?! De estar sempre penteada, sempre com o cabelo que para outras pessoas faz com que aquela criança seja cuidada. Então, para mim, veio de casa desde muito

⁶ O cabelo negro é uma fusão de uma compreensão política em analogia aos cabelos crespos de pessoas negras. Intuí chamá-lo assim nesta pesquisa tendo em vista que, aqui, o cabelo é trançado com perspectivas críticas a respeito do racismo e de sua interferência na sociabilidade e manutenção da memória da negritude. O cabelo negro, em minha compreensão criativa, faz alusão a perspectivas de luta, de cuidado, de afeto e de amor. A partir de um olhar apaixonado, o cabelo negro é a representação mais palpável da sabedoria da trançadeira, ele é o resultado.

pequena. Como vejo nas fotos, sempre trançada com *kanekalon* e “miojinho”. É onde eu começo a construir minha relação com o cabelo, começo a pensar e formar minha identidade. Também, construindo um cabelo, que eu fui mudando nas minhas fases e também mudando o cabelo. Às vezes, uma trança mais longa, uma trança mais curta. Eu escolhi as minhas tranças, o formato das tranças, tudo foi começado dentro de casa. A identidade do cabelo sempre é com pessoas e quem você é com a sua família, com a sua localidade. Foi assim que a gente começou lá em casa, todas as meninas. (Entrevista realizada com Dayana em agosto de 2023)

O cuidado está presente na memória das famílias negras, aparecendo como ritual e proteção. Com isso, é importante enunciar que “em um contexto de uma sociedade racista, para a negra e para o negro é preciso assumir o cabelo crespo, é preciso tornar o cabelo crespo um símbolo de orgulho racial” (SANTOS, 2022, p.142). Ao vê-lo no âmbito da beleza, acredito ser possível dismantlar o antigo olhar e construir um novo. Afinal, quem pode sonhar em meio a um contexto de violências e desconhecimento em relação aos conhecimentos de ancestralidade africana? Segundo Santos:

No contexto social afro-brasileiro, trançar cabelos é uma das heranças presentes e deixadas pelos nossos ancestrais africanos na memória coletiva (negra). Encontramos nas famílias negras a prática de trançar cabelos como um dos primeiros recursos estéticos a serem utilizados na manipulação dos fios, principalmente quando estes se apresentam crespos e em corpos femininos. Os penteados trançados na vida de mulheres negras fazem parte das intervenções corporais estéticas utilizadas sobre os cabelos ao longo da história de vida. Saber adornar o cabelo com penteados trançados não é nenhuma novidade para muitas mulheres negras, pelo contrário, estilizar os cabelos com tranças é uma prática do íntimo, normalmente aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras. (SANTOS, 2019, p. 64)

É desde dentro de casa, do seio familiar, nuclear ou estendida, carnal ou espiritual que se experimenta os primeiros encontros com o cabelo negro. Os “cuidados estão atrelados aos saberes/fazer, conhecimentos e modos de acolhimentos negros-africanos, isto é, ancestrais” (SANTOS, 2022, p.48). Os cuidados com os cabelos possibilitam espaços de manifestação artística e criativa sob a cabeça, sob o Orí. Entendo, portanto, que “os cabelos e os penteados africanos assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas” (LODY, 2004, p.64).

Karla relata sobre o seu cotidiano em Porto Alegre, no Sul do país, notabilizando a prática de cuidado como um ritual e proteção. A trançista recorda sensações marcantes, resgatadas da memória, que recontam uma juventude cercada de referência estética, afeto e modos de cuidados próprios.

Sou filha de uma mãe com 19 filhos (com várias mulheres e homens), todos com cabelos grandes. Lembro que, quando eu era muito novinha, por volta das 6h da manhã, minha mãe estava penteando nossos cabelos, esticando eles para fazer aqueles “pompons” grandes. Nós costumávamos usar tranças ou pompons, tínhamos o cabelo sempre trançado, a gente sempre usava tranças “raiz”. Aos domingos, que era o dia de folga da minha mãe, ela reservava o tempo para cuidar dos cabelos, lavar as cabeças, tirar piolhos e fazer de tudo. Lembro que ela fazia e usava o óleo de mocotó, tinha um creme chamado “lama negra” nos nossos cabelos, que era ótimo para hidratação e limpeza. Desde criança, aprendi a trançar, porque ficava observando minha mãe fazer o cabelo das minhas irmãs, enquanto esperava minha vez. Foi assim que aprendi a trançar. Aos nove anos de idade, eu me dei conta que a trança poderia ser meu ganha pão, foi aí que eu comecei a aprender mesmo: a trançar, a fazer traçado, a colocar kanekalon. Aprendi a colocar kanekalon um pouco mais velha e eu fazia muito nas minhas bonecas e no cabelo das minhas irmãs. (Entrevista realizada com Karla em agosto de 2023)

Dialogar com as memórias de mulheres negras trançadeiras nos possibilita compreender sobre alguns aspectos – a experiência com seus cabelos, a vivência do cuidado, ou a ausência de desconhecimentos, como os relatados por Helen:

Então, quando eu era criança eu nunca tive esse cuidado com o meu cabelo crespo, né?! Até porque, a minha mãe ela é negra, porém o cabelo dela não é crespo como o meu. O meu pai também era negro com o cabelo bem crespo e eu nasci com o cabelo do meu pai, bem crespo. Aí, a minha mãe não sabia fazer muitas coisas com o meu cabelo. Ela penteava, normalmente, porém quando ela teve a primeira oportunidade, alisou meu cabelo com a pasta e assim foi toda minha infância, o cabelo alisado de pasta. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

Não podemos perder de vista que a questão não está no cabelo em si, mas nas “representações coletivas negativas construídas em torno do negro no contexto da cultura e das relações raciais brasileiras” (GOMES, 2019, p. 352). No intuito de realizar uma ação contrária ao esquecimento, devemos lembrar que são diferentes desafios que marcam a experiência de ser negro em uma sociedade que preserva e atualiza a dimensão do alcance à violência colonial e do racismo.

Em um episódio relatado por nossa colaboradora, fica evidente que parte da estrutura social tem projetado também, no momento da infância, uma estratégia de apagamento. Em relação ao cabelo de pessoas negras como o foco da agressão, tem-se a intenção de alterar radicalmente a relação dessas pessoas com a própria negritude. Em síntese do lugar que faz doer é subjetivo, mas é materializado no corpo, especificamente, de pessoas negras.

A respeito do primeiro caso de racismo, vivido pela filha da entrevistada, como realizar aquela conversa dura? Como explicar para uma criança negra que inadequado é o racismo e as ações desmobilizadoras que o cercam?

(...)uma delas foi com a minha filha, ela tinha quatro anos e foi para escola, o primeiro ano dela estudando e ela era a única criança negra na sala. Ela sempre foi muito quietinha, nunca foi de ficar falando muito, mas sempre quando ela chegava da escola eu perguntava: “– e aí, filha! Como é que foi sua aula? Foi boa, foi legal?”. Ela sempre respondia: “– foi boa, foi legal...”. Só que, no final de semana, ela sempre ficava no quarto brincando e eu na cozinha fazendo coisas ou atendendo cliente. Aí, ela ficou no quarto brincando e eu acabei de fazer o que eu tava fazendo e fui no quarto ver o que ela estava fazendo, foi quando eu vi que ela tava sentada no chão e passando *liquid paper* na perna. Eu falei: “– minha filha, o que você está fazendo? Você vai ficar toda suja!” Ela falou: “– mãe, eu quero ficar branca, porque todos os meus amigos são brancos...” e ela começou a passar *liquid paper* na perninha dela e aquilo para mim foi muito triste. Eu senti uma dor, assim..., muito grande, fiquei bem desconfortável com aquela situação. Aí, foi a primeira vez que eu tive o diálogo com ela, falando sobre o racismo, conscientizando ela sobre o cabelo, sobre o tom da pele dela. (Entrevista realizada com Helen em agosto de 2023)

De acordo com Nilma Lino Gomes, em sua pesquisa fundamental sobre os salões afro, “a mulher e o homem negro convivem com o desafio de desconstruir o olhar negativo sobre seu corpo e seu cabelo” (GOMES, 2019, p. 353), é fundamental que também possamos nos atentar ao universo da criança negra em relação a esses desafios. No entanto, esses olhares que “rotulam o cabelo e a cor da pele como sinônimos de inferioridade e ausência de beleza” (GOMES, 2019, p.354) são parte da tradição ocidental e, conseqüentemente, da vivência de pessoas negras. Em um sentido radical, é preciso romper com o conhecimento que nos coloca no lugar do outro. Nilma (2019) evidencia que essa ação de transformação precisa alterar tanto as narrativas quanto a nossa autoimagem. A autora destaca que:

Para alterar a autoimagem e mudar essa imagem social, é preciso uma mudança profunda que vai além de ações individuais. Será necessário alterar radicalmente a forma como se estruturam as relações raciais na sociedade brasileira, superar o racismo que coloca empecilhos na mobilidade individual, social, política, econômica, e educacional dos negros e das negras. (GOMES, 2019, p. 352)

Encontro na trajetória das trançadeiras uma via fértil para construir novos olhares comprometidos com a realidade, isso significa que almejo me debruçar em perspectivas pautadas nas experiências dessas mulheres que nos apresentam o cuidado como via de amor. Sobretudo, um amor radical que não tem vergonha de voltar e buscar o conhecimento que foi deixado, que elabora “estratégias de sobrevivência e de resistência, no sentido de revalorizar a si mesmos e ao seu grupo étnico/racial, de aumentar a própria autoestima, de ‘invadir’ espaços sociais, políticos e educacionais” (GOMES, 2019, p. 353). Em suma, um amor que nasce a

partir dos encontros, por meio das trocas de afetos, bem como dos diversos rituais de cuidado com os cabelos e com os pensamentos.

É importante também pontuar que “ao manusear os fios crespos, as trançadeiras atuam como transmissoras da ‘memória ancestral’ no exercício de repensar o mundo, dinâmico e diferenciado daquele descrito pelos valores culturais e estéticos do ocidente, herdado pelo mundo moderno” (ROCHA, 2016, p. 86). A memória guardada em nossas mãos nos permite ser um elo que entrelaça o antes e o agora. A história ancestral que fora escrita no continente africano, hoje, é reescrita nas diásporas negras e, principalmente, na luta contra o racismo e as mazelas produzidas a partir dele.

Esta pesquisa visa demonstrar, portanto, que mulheres negras que trançam apresentam processos de autoconhecimento e uma projeção de descobertas que tendem a desmantelar certas violências hegemônicas.

Orí e os cabelos, assim como a linguagem, se comunicam por meio dos penteados e das tranças. Santos (2022) dimensiona que o cabelo crespo tenciona forças políticas que abarcam processos de dominação e conscientização. A autora segue em sua explicação entendendo que:

Em um contexto de uma sociedade racista, para a negra e para o negro é preciso assumir o cabelo crespo, é preciso tornar o cabelo crespo um símbolo de orgulho racial. Mulheres e homens negros aprendem a se tornarem pessoas crespas, em outras palavras, são ensinados e aprendem a assumir com orgulho e muito cuidado a textura dos cabelos quando crespos e cacheados. Esse movimento não ocorre sem conflitos e sem conscientização dos traumas raciais. (SANTOS, 2021, p. 142)

Por tudo isso, pelos traumas e amores, por vivenciar uma experiência intensa de trocas e de aprendizados refletidos no espelho que nos encontramos neste caminho de luta contra uma estrutura que nos aprisiona.

O cabelo negro é cuidado e protegido pela trançadeira, por sua família, por seus ancestrais que estão vivos em sua memória e no corpo. Podendo ser interpretado como o condutor do Orí, o cabelo negro é este lugar onde podemos sonhar. Tenho o nomeado dessa forma, pois apresento uma compreensão política acerca dos cabelos crespos de pessoas negras. Dessa forma, intuí chamá-lo assim nesta pesquisa tendo em vista que aqui o cabelo é trançado com perspectivas críticas a respeito do racismo e de sua interferência na sociabilidade e manutenção da memória da negritude.

Sendo assim, o cabelo negro, em minha compreensão criativa, faz alusão a perspectivas de luta, de cuidado, de afeto e de amor. A partir de um olhar apaixonado, o cabelo negro é a representação mais palpável da sabedoria da trançadeira, ele é o resultado. O resultado de um

amor que não dá para explicar, por isso escutar as trajetórias é fundamental. O acúmulo dessas narrativas e das ações-resistências têm transformado a vida de mulheres negras.

Em sua pesquisa sobre os cabelos e as mulheres negras de Maputo, comparando as realidades de Moçambique com as do Brasil, Cruz (2019) nos questiona: “como amar se na sociedade em que vivemos não há referências positivas sobre a nossa imagem? (CRUZ, 2019, p.129). É a partir do cuidado – por meio do ritual e da proteção de mulheres negras trançadeiras, pela via de reconstruir nossa afrogênese e criar metodologias desde dentro de trajetórias – que são constituídos reflexos de modos ancestrais de ser e estar no mundo.

Como ação-resistência, disponibilizo, a seguir, acompanhado do conteúdo de aula disponibilizado em imagens, um roteiro e orçamento simples do curso intitulado “Mergulho ancestral na América trançada”. Essa atividade está disponível para todos os espaços que se dedicam a pensar novos modos de construir o conhecimento:

Curso de tranças – Mergulho ancestral na América trançada 2023

Por Paloma Silveira – Monay Tranças

Público: até-----pessoas de faixa etária livre.

Introdução

- Quem sou, quem somos? Apresentação breve de nossos nomes, realizações, de onde falamos, em qual momento a trança, enquanto memória ancestral, em uma perspectiva preta e emancipatória entrou em sua vida? Esse momento pode ser agora?
- De onde estamos falando no mundo? Localizando a América Latina de Lélia Gonzalez, eu no mundo, cria de São João de Meriti.
- Apresentação da proposta do curso.
- intervalo para o lanche e as frutas

Desenvolvimento

- Apresentação dos materiais
- Introdução aos processos de alinhamento dos fios, divisão para box braids e primeiros movimentos para trançar

"Dê maneira mais didática e prazerosa, fazem com que a nossa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país como na de muitos outros das Américas.

Como a Noite da Beleza Negra se refere especialmente à valorização da mulher negra, eu não poderia deixar de lembrar aqui o trabalho de algumas companheiras que, individual e sacrificadamente, nos anos 1970 (isto é, da ditadura), iam de casa em casa fazer não só o cabelo como a cabeça de muitas mulheres negras (a grande maioria delas mais preocupadas com a moda afro do que com a opressão e exploração da sua comunidade). Seu trabalho de militância anônima não pode ser minimizado num momento como este, porque, à sua maneira, anteciparam o trabalho de muitas entidades do movimento negro. A elas também — Dai, Simone, Eliane, Vera de Ogum e muitas outras — cabem o nosso respeito e a nossa homenagem pelo muito que fizeram, e ainda fazem, para colocar a cultura negra no mesmo nível que as outras".

Odara Dudu: Beleza negra em Por um feminismo afro-latino-americano

Orçamento simples de material:

Jumbo varejo 25,99- 3 unidades = 77,97
Pente fino profissional 4,99 - 3 unidades = 14,97
Tesoura média 11,99 - 3 unidades = 35,97
Escova para pentear 4,99 - 3 unidades = 14,97
Borrifador 6,99 - 2 unidades = 13,98
Presilha 11,99 - 3 pacotes = 35,97
Lastex 50m 2,99 - 4 unidade = 11,96
Twist prontos 24,99 - 3 unidade = 74,97
Fio dourado e prata 50m 11,99 - 2 unidades = 23,98
Miçangas 21,99 - 1 unidade = 21,99
Pente garfo plástico 2,99 - 3 unidades = 8,97
Marley hair 30,00 - 3 pacotes = 90,00
Ecobag 20,00 - 1 unidade
Garrafa de água 11,99 - 2 unidades = 23,98
Pomada 29,99 - 1 unidade
Caderno simples 10,00 - 1 unidade
Anéis para enfeitar = 50,00

Total: 559,67

Orçamento mão de obra

Total: 2.440

*Orçamento realizado na loja Cassulinha Cabelos, localizada na Av. Dr. Arruda Negreiros, 105 - Centro São João de Meriti.

Figura 6 - Curso para trançadeiras – Mergulho ancestral na América trançada.



MONAY TRANÇAS CURSO NAGÔ

Mergulho ancestral na
América trançada.



TEMAS

1. Apresentação
2. Escolha sua playlist
3. Cabelos e organização
4. Nagô, trança base
5. Aplicação de material

**MEU
PROCESSO
CRIATIVO**

Proprietária da empresa autônoma Monay Tranças, onde busco desenvolver há 5 anos um trabalho comprometido com o fortalecimento de pessoas afrikanas por meio da valorização da autoestima com penteados trançados.

Por meio da pesquisa acadêmica mergulhei na história das tranças africanas, marcada por uma memória ancestral viva.




Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada.

TRANÇAR NAGÔ

Dispensando fórmulas prontas, a nagô assume um lugar central na vida da trançadeira. Ela é feita com variadas finalidades, desde base para outros penteados até ser a produção final, que geralmente ganha destaque pelo acabamento e movimento das linhas rascunhadas. Em muitos casos dispensa o uso de fibra, sobretudo quando se têm como objetivo o desenvolvimento de desenhos e tranças sem volume.




USO DA POMADA

A pomada é nossa aliada!
Ao preparar a mexa para iniciar o trançado, distribua bem o produto ao longo dos fios, nas laterais e no meio da mexa, caso seja necessário. Se atente para os excessos e aplique direto com o pente, evitando o contato direto com suas mãos.

SILÊNCIO E CONCENTRAÇÃO

Trançar é percepção!

Observe sua condição emocional e física para a realização do penteado.

Não existe pegada certa!

Não existe um padrão certo ou errado, compreenda os movimentos. O importante aqui é perceber cada tipo de cabelo, de cabeça, os contornos, o volume dos fios.

Crie e aproveite o momento!

Esse momento é seu transcista. Aqui você pode acessar sua criatividade e buscar movimentos harmônicos das linhas desenhadas, lembrando a referência escolhida e o espaço que têm para trabalhar. Não use sua força, mas tenha firmeza nas mãos ao segurar os fios

Beba água!

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada..

MOVIMENTO E SENTIDO

O movimento das linhas desenhadas é que dá o sentido da trança. Escolha movimentos possíveis dentro do espaço que têm disponível. Use o formato do rosto para realizar a divisão do meio e das laterais. Crie tranças limpas e presas bem próximas da raiz.



A aplicação de material precisa estar de acordo com o volume desejado para o penteado escolhido, comece a alimentar com mexas mais finas até chegar as mais grossas..

A alimentação é feita de um lado só, dê as duas voltas e retorne ao ponto de alimentação.



POSSIBILIDADES DE TÉCNICAS COM A NAGÔ

DESIGN COM OS FIOS 10-12 / 16 NATURIAS

Aqui a nagô incorpora a criatividade da trançista e pode tomar diferentes sentidos, desde desenhos simples até os mais elaborados.

DESIGN COM APLICAÇÃO DE FIBRA

Com a finalidade de aumentar o volume da trança e de adicionar comprimento, a trança nagô é produzida com a alimentação com cabelos sintéticos.

TRANÇA BASE

A trança nagô pode ser a base para aplicação de outros materiais e técnicas, cabe destacar a técnica crochê braids e entrelace, assim como a aplicação de laças.



Figura 9 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada.



Diversidade de trança nagô: aplicação de fibra, com rastafari e com a técnica entralace.



TAREFA DE AULA



O exercício da aula de hoje é elaborar uma trança nagô no formato escolhido juntas aqui, tranças finas, sem volume, com aplicação de extensão e finalização em cachos.

AGRADEÇO!



A boa arte vem das mãos, mas a grande arte vem do coração.



Fonte: Arquivo pessoal

Todo dia desperto com vontade de saber mais, conhecer mais, pois ao me jogar no cotidiano – marcado por muito trabalho, muitos dias de luta e muitas horas para a realização dos penteados trançados – é que consigo identificar o que me movimenta, o que me desafia, o que me motiva e quais são os meus limites. Tenho descoberto de onde emerge o meu amor e, com minhas próprias mãos, venho criando o sentido de liberdade e de amor que sonho para nós. Tenho buscado seguir o que bell hooks (2020) escreveu, valorizar quem somos como uma “intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação” (hooks, 2020, p.61). hooks nos encaminha, portanto, para uma proposição: “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2020, p.61). Comprometida com a minha liberdade de criar, é a partir deste lugar e dessas compreensões que tenho projetado o mundo que desejo.

5. MONAY TRANÇAS - LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS REGISTRADAS - CAPÍTULO 3

A proposta de um capítulo de registros nasce da insurgência de notabilizar uma organização, direção e projeção das imagens de mulheres negras, posto que é altamente necessário combater o imaginário racial estruturado em um sistema de poder racializado. O sistema social racista que vivemos tem se empenhado em manipular e desconfigurar as possibilidades de narrativas, escrituras e trajetórias. As feridas que atravessam somente corpos negros só podem ser curadas quando forem sistematizados esforços contundentes que interrompam a produção de uma política de imagem que degrada e desumaniza a população negra.

Em um sentido de constante ação-resistência, trançar cabelos negros tem me encaminhado a diferentes reflexões acerca de como compreendermos e construirmos novos olhares sobre essa dimensão racial do espaço. Mulheres negras trançadeiras têm articulado questões, formas de ver e criar o mundo que podem auxiliar na consolidação de uma metodologia em Geografias Negras, sobretudo, pelo potencial educador e o alcance dos ecos das vozes insurgentes de mulheres que não compactuam mais com o silêncio.

A nossa escritura é uma ação política, assim como os quilombos do Brasil. Em referência a bell hooks (2019), qual a perspectiva política que nós temos sonhado, olhado, criado e, sobretudo, agido? É necessário que possamos caminhar desde de dentro de nossas afroepistemologias e, a partir delas, criar as condições para desenvolver a nossa autodefinição, projetar nossos sonhos e ter a liberdade de experimentar a criatividade que decorre das memórias; que são reinventadas no cotidiano por meio de uma ancestralidade viva. Em ação, a resistência é insistir em construir narrativas e imagens em que mulheres negras são felizes.

Figura 10 - Logomarca Monay Tranças desenhada e projetada por Rebeca Síntique.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11 - Logomarca Monay Tranças desenhada e projetada por Rebeca Síntique.



Fonte: Arquivo pessoal.

A Monay representa os meus sonhos, representa o primeiro frio na barriga ao criar uma trança, o que eu sinto fazendo os meus cabelos e o que passei a ver no Orí de minhas irmãs. A Monay representa os momentos em que busquei outros caminhos pelas incertezas de como construir um futuro seguro. Ademais, tenho buscado respeitar o meu processo por compreender o cenário de precarização no acesso à vida digna para a população negra. Tem sido um processo de muita entrega, aprendizado e de respeito à memória que trago comigo. Hoje, estar completamente mergulhada em minha prática e nas reflexões que decorrem dela me sinto oportunizada de construir além.

Em referência à publicação da arte na rede social de principal veiculação do meu trabalho, o *Instagram*, compartilharei algumas das legendas que são textos propositivos e, às vezes, provocativos, mas que compõem minha metodologia de atendimento e de apresentação das tranças.

A Monay Tranças vem hoje fazer um agradecimento especial. Uma certa vez ouvi de Caroline Amanda @yonidaspretas sobre o amor de mil mulheres, sobre a força de mil mulheres... Ela desejou que essa força me erguesse pelos joelhos, disse também que sem essa força e esse amor nada seríamos. Pois bem.... Hoje, e todos os dias, sou grata às mil mulheres que me trouxeram até aqui, que todos os dias me inspiram e me instigam a ser uma pessoa melhor, mais sensível, mais honesta comigo e com meu trabalho, a ser criativa e sempre sorrir, mas respeitando o tempo de lágrimas.

Aqui tô lançando a identidade visual da Monay, que foi feita pelas mãos de @rebecaporci, artista negra da Baixada Fluminense, amiga linda e querida que ganhei nessa vida, que faz um corre autônomo e cheio de delicadeza, OBRIGADA!!!! Para conseguir fazer a Monay acontecer eu preciso agradecer às mil mulheres que me acolhem com tanto amor e força, a quem veio antes e me deixou como herança um saber ancestral, minhas antepassadas me presentearam com a possibilidade da autonomia, com a criatividade, sou grata!

A minha mãezinha que amo com muita força, que desde bem pequena me sentava numa cadeira pra ficar entrançando meus cabelos por horas... Nesses momentos, me sentia tão amada e tão cuidada, fui a boneca pretinha que minha mãe nunca pode ter na infância, senti cada movimento das mãos dela, aprendi com ele. Ela também é responsável por isso, gratidão mãe!

Às amigas-irmãs trancistas que me inspiraram e me ensinaram com muito amor, na luta cotidiana, mas com muito cuidado, obrigada @nayhsantoos e @pretanajo. Sou grata!

Às amigas-irmãs que acreditam em mim todos os dias e me convidam a ser e dar o melhor de mim, elas me regam e me possibilitam florescer @himariana @deveztemporana @vi_nas @flordechumbo @nunesdanik @sigourney_pereira @rosasemarcos. Sou grata! A todas que me viram começar lá trás e sempre me incentivaram, mesmo eu não querendo aceitar um dom tão bonito... Sou grata!

As amigas-clientes que acreditam em mim e no meu trabalho, confiam seus segredos e me cercam com amor, sou grata!

A Monay Tranças quer agradecer a todas vocês por existirem, por me erguem pelos joelhos, com força e amor. Sou grata! Laroye. (Publicação do dia 6 de maio de 2019)

Figura 12 - Registro de penteado trançado realizado em Zilda Chaves e registro de viagem à Salvador em ocasião da Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro organizada pela Reaja ou será morto em 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Zilda Chaves é Fundadora da Escola Quilombista Dandaras dos Palmares, moradora do Complexo do Alemão, escritora, poetisa, mãe da Bruna e do Saulo e avó das Anas. Ela é também responsável por diversas crianças no cotidiano da escola que funciona em dois turnos com atividades extracurriculares. Sendo assim, é gerado um espaço de auto-organização preta e pan-africanista que têm construído perspectivas de oportunidades para crianças negras. O nosso encontro se dá, em 2016, na luta contra a morte em massa da população negra. Desde o início, esse encontro prosperou. A trajetória da Zilda revela um amor radical à negritude e

cuidado com nossos irmãos e irmãs em nossa organicidade política e no reparo, no que é possível, do abandono do Estado aos territórios negros e periféricos nas cidades no Brasil, em especial o Rio de Janeiro. Mais conhecida como Dona Zilda, ela e os demais integrantes da organização foram responsáveis pela entrega de mais de 300 cestas básicas no Complexo do Alemão durante o período de reclusão por conta da pandemia de COVID-19.

Figura 13 - Registro de trança realizada em Thuanny Reis. Este modelo de trança foi realizado em estilo livre e teve inspiração em espiral, seguindo uma ordem espontânea e criativa que não apresenta uma ordem preestabelecida.



Fonte: Arquivo pessoal.

Thuany Reis, *stylist* de moda e mãe do Akin, é uma grande impulsionadora do meu trabalho. Em nossa troca, que começa antes da criação da Monay, tivemos a oportunidade de nos acompanhar em nossa juventude e organização preta e universitária. Boa parte dos penteados que faço na Thu são feitos em estilo livre, criações autorais que levam em média cinco horas para a realização.

Figura 14 - Registro de trança feita em Caroline Silva, minha prima mais nova e da família paterna.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15 - Registro de penteado trançado em Thayane, no ano de 2011.



Fonte: Arquivo pessoal.

Tranças realizadas no ano de 2011, minha prima Caroline na foto localizada a esquerda. E Thayane, foto à direita, penteado realizado para madrinha de casamento.

Figura 16 - Registro de penteados trançados nas irmãs Luciene e Daniele.



Fonte: Arquivo pessoal.

Luciene e Daniele, clientes moradoras de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. A figura acima registra as minhas primeiras nagôs (tranças feitas rente a raiz, por vezes também é chamada de trança raiz).

Figura 17 - Registro de aula no curso de tranças Esponja Magic em Madureira em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

Bom dia menines! 🥰🥰 Hoje quero compartilhar com vocês mais um passo da @monaytranças!! Há uma semana comecei a fazer um curso de trancista no @esponjamagic, onde compartilho com essas mulheres muito aprendizado, umas buscando aprimorar a arte de trançar, outras tendo contato pela primeira vez, tem sido uma experiência única. Meu objetivo é aprender com a troca novas formas de trançar, novas possibilidades e trazer tudinho pra vocês!!! Então tem novidades vindo aí ☐☐☐ Pretendo ir compartilhando aqui alguns desses encontros e contando como está sendo esse novo momento. Aprendendo sobre amor e negócios: Estudar e buscar aprimorar seu trampo faz com que ele cresça!

@shayy_andrade ♥♥♥♥♥♥ #monaytranças

#ancestralidade #tranças #twist #trançanagô #raiz #boxbraidsbrasil #black #boxbraids #bxd #hairstyle #jumbobraids #jumbotwist #style #novaiguaçu #moda #esponjamagic #madureira #esponjamagica #riodejaneiroinstagram

Figura 18 - Registro da formatura do curso de trancista Esponja Magic em Madureira 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

Dia da formatura.

Figura 19 - Registro de aula no curso de tranças Esponja Magic em Madureira em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

Memória do curso de trancista Esponja Magic, realizado no ano de 2019 em Madureira.

Bom dia meninas! 🥰🥰 Hoje quero compartilhar com vocês mais um passo da @monaytranças!! Há uma semana comecei a fazer um curso de trancista no @esponjamagic, onde compartilho com essas mulheres muito aprendizado, umas buscando aprimorar a arte de trançar outras tendo contato pela primeira vez, tem sido uma experiência única.

Meu objetivo é aprender com a troca novas formas de trançar, novas possibilidades e trazer tudinho pra vocês!!! Então tem novidades vindo aí ☐☐☐ Pretendo ir compartilhando aqui alguns desses encontros e contando como está sendo esse novo momento.

Aprendendo sobre amor e negócios: Estudar e buscar aprimorar seu trampo faz com que ele cresça!

@shay_andrade ❤️❤️❤️❤️❤️❤️ #monaytranças

#ancestralidade #tranças #twist #trançanagô #raiz #boxbraidsbrasil #black #boxbraids #bxd #hairstyle #jumbobraids #jumbotwist #style #novaiguaçu #moda #esponjamagic #madureira #esponjamagica #riodejaneiroinstagram (Publicação do dia 19 de março de 2019)

Figura 20 - Registro da preparação dos cabelos para realização do penteado trançado. A técnica utilizada é *blowout hair*, o termo “*blowout*” vem do inglês, é usado para referir-se ao uso do secador e de uma escova

rígida. A técnica não requer que você “alise” os fios, mas sim que os cabelos fiquem mais volumoso e menos definido, para que os fios fiquem alinhados.



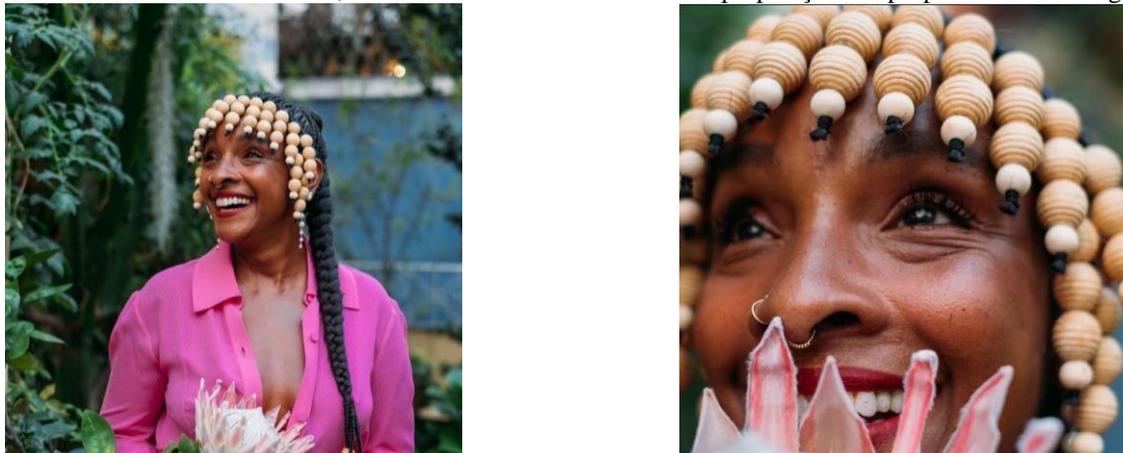
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 - Registro de penteado trançado em Ana Cláudia, cliente e professora da rede estadual do Rio de Janeiro. Resultado Nagô Afro Puff.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22 - Registro de penteado trançado em Cida Nogueira, maquiadora na empresa Farm Rio há 15 anos e responsável por articular equipes de beleza que são formadas por profissionais negras. Este penteado foi realizado em estilo livre, em harmonia com as referências e proposições da própria cliente e amiga.



Fonte: Arquivo pessoal.

Trança em estilo livre para Cidoca Nogueira.

Figura 23 - Registro do espaço de atendimento onde realizo os penteados, dentro de uma perspectiva de acolhimento e elaboração de possibilidades de materializar um cotidiano de atendimentos longos, que em muitas ocasiões atravessam o dia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Espaço de atendimento, a sala da minha casa.

Figura 24 - Registro de penteado trançado em Solange Miguel, referência e cuidadora de minha infância.



Fonte: Arquivo pessoal.

Solange Miguel, a Sol já fez a passagem e esse foi o único registro do único penteado que eu realizei nela. Ela representou em minha infância e continua representando até hoje, na vida adulta, uma figura de resiliência e força, de amor ao próximo e de cuidado. Solange foi vizinha da minha família desde antes de eu nascer, acompanhou a minha mãe em muitos momentos de dificuldade. Ela era a filha da Vó Nena e do Vô Zé, quem me criou junto a minha família em seus quintais cheinhos de plantas e frutas; como era bom ser criança na casa da vó Nena. E a Sol, como eu a chamava, era a que mais me cuidava. Sol era professora de Geografia e não teve filhos, mas teve muitas crianças que tiveram a sorte de seu cuidado. Escrever sobre a Sol é como uma breve homenagem a tudo que ela representa em minha vida, a todo amor e aos sucos de jenipapo que me fez guardar na memória.

Figura 25 - Registro de penteado trançado em Simone, amiga de juventude da minha mãe, minha tia e cuidadora na infância.



Fonte: Arquivo pessoal.

Simone Oliveira, minha tia, amiga de infância de minha mãe, cabeleireira e responsável por me levar pela primeira vez a um salão de beleza na zona sul da cidade. Simone também fez sua passagem, mas por tudo que simboliza em minha vida, deixou o cuidado como herança, a beleza como recurso de construir pontes. Em respeito a toda a memória dos pagodes e churrascos de família, a qual ela se dedicou. Em memória de Simone, salve a boemia.

Figura 26 - Registro do Workshop Flat Twist organizado pelo Trança Terapia, em ocasião em que Helen ministrou parte do curso.



Fonte: Arquivo pessoal.

Helen Alves, Trancista de Duque de Caxias, uma das entrevistadas nessa pesquisa e amiga de trabalho, nos conhecemos em um estúdio de tranças que atendemos em Madureira. Esta foto é em ocasião de um curso de especialização na técnica de twists que ela ministrou pelo Trança Terapia em 2021.

Figura 27 - Registro de *Flat twist* realizado em Sigourney Pereira em ocasião de treino e prática da técnica pesquisada. O workshop foi responsável por me proporcionar recordações dos movimentos que já eram lógicos, mas a troca de fato foi fundamental.



Fonte: Arquivo pessoal.

Este curso de especialização ocasionou em um aprofundamento da minha prática e avanços na pesquisa da técnica.

FLAT TWIST ✨

Bom dia princess 🌸

Hoje quero contar uma novidade pra vcs, como aqui na Monay somos apaixonadas por twists, comecei uma série de pesquisas para aprimorar a técnica e poder oferecer penteados exclusivos, alegres e práticos.

A pesquisa foi feita de forma online e no workshop organizado pelo @trancaterapiaoficial, com participação da @trancas_aotopo, @helentrancista e @baianabraids

O Flat twist é um penteado prático, também com sua história originada ainda em território africano, onde as torções planas simbolizavam há época identificadores sociais, como estado civil, posição social ou idade, assim como as tranças.

Enraizado, o flat twist pode ser todo reto até a nuca ou adquirir desenhos desenvolvidos por nós, estilistas de cabelos crespos!

Ao passo que mulheres e homens pretxs iniciam seus processos de aceitação dos fios naturais, é perceptível a popularização de técnicas para a proteção e estilização de cabelos crespos aqui na diáspora. Por conta de nossa conexão ancestral, refletimos aqui estilos diversos de penteados trançados e torcidos, e que querendo ou não também evidenciam os lugares sociais de quem pode ou não consumir tais serviços, mas isso é um assunto que podemos dialogar de maneira mais ampla depois.

O mais interessante dos twists enraizados é essa possibilidade de brincar com os fios naturais, evidenciando nossa africanidade e nossa beleza.

Detalhe mais que especial, os fios encrespados de 3a até o 4c são os queridinhos para esse tipo de penteado, pois aderem melhor às torções planas.

É também importante lembrar que para esse penteado o ideal é que os cabelos tenham um tamanho adequado, estejam limpos e alinhados. Assim garantimos esse resultado perfeito sim.

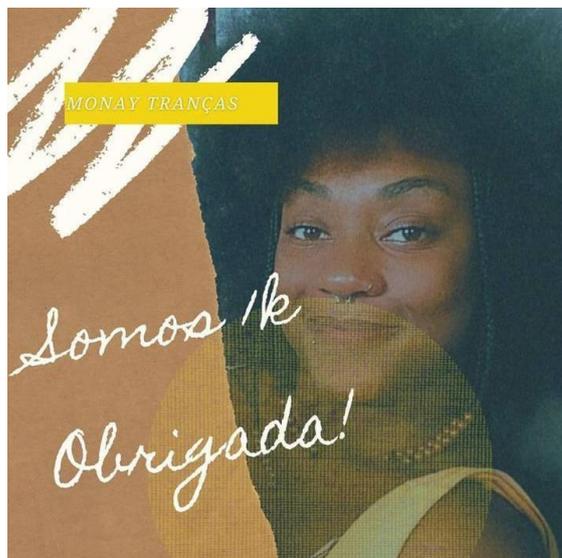
* E ah vamos ter promo de desenvolvimento em, para as interessadas em fazer o flat twist é só chamar na dm para saber as CONDIÇÕES.

***As primeiras 10 interessadas vão ter seus cabelos naturais estilizados por apenas R\$50,00 com o material de preparação incluso!!!

Tá no mundo galerinha! Vamos de flat twist bem plenas 🌍(publicação do dia 1 de abril de 2021)

Em comemoração e agradecimento às mil pessoas que passaram a me seguir no *Instagram*, realizei uma postagem a fim de homenagear e provocar a reflexão.

Figura 28 - Arte em comemoração aos mil seguidores na rede social Instagram.



Fonte: Arquivo pessoal.

Eu sou! Nós somos 1000 pessoas, de uma rede que foi sendo construída de maneira orgânica, cotidianamente nesses últimos dois anos. E foi sendo tecida em cada encontro com cada uma de vocês que apoiam meu trabalho, foi dentro de lares, com as suas famílias, comida gostosa e muito cuidado. Não tenho a intenção de romantizar, mas é que diante de tantas investidas desse sistema em construir imagens negativas e dolorosas em torno de pessoas negras, é muito bom ter um ofício que me coloca diante de famílias negras inteiras, cheia de amor, cuidado e o melhor e mais acolhedor, são famílias, em sua maioria, que se preocupam em resguardar tradições ancestrais.

São muitos desafios empreender num território em que ainda nem se reconhece ser trançista enquanto uma profissão regular, somos vistas aqui como “cabeleireira afro”. É igualmente desafiador me aventurar nas

ondas de fazer parte hoje dos mais de 40% de trabalhadores informais deste país. Também não é possível não ser crítica a essa situação.

Mas é que construir a Monay tem a ver com um resgate, é me comprometer todos os dias em olhar para mim e para vocês, minhas irmãs e irmãos, com empatia, com amor, com responsabilidade em poder cuidar de nossos cabelos, que é sempre o primeiro elemento a ser apagado em nossa africanidade, de poder cuidar junto da nossa autoestima. É uma honra construir com vocês até aqui, sou imensamente grata!

Vamos seguir juntas!

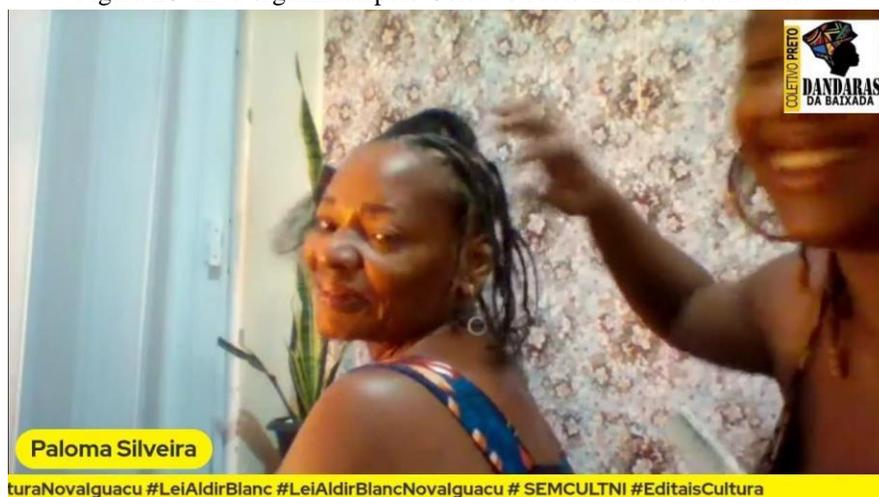
Obrigada! 🙏🌸🌺 (Publicação do dia 6 de março de 2021)

Figura 29 - Live organizada pelo Coletivo Preto Dandaras da Baixada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 26- Live organizada pelo Coletivo Preto Dandaras da Baixada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Live realizada no dia 30 de abril de 2021 com incentivo da Lei Aldir Blanc, disponível na plataforma digital *Youtube*. Esta foi uma iniciativa do Coletivo Preto Dandaras da Baixada que organizou um ciclo de *lives*, em que os integrantes e militantes protagonizaram seus

projetos de trabalho, luta e amor à negritude. Durante a *live* eu faço uma demonstração de tranças em minha mãe e conto um pouco do meu processo com as tranças e caminhada profissional. Disponível em: <https://youtu.be/r0mD-TX2o48?feature=shared>

Figura 30 - Arte criada para divulgação na rede social Instagram.



Fonte: Arquivo pessoal.

"O cabelo é a glória de uma mulher!" ✨

Maya Angelou em fala no documentário "Good Hair", idealizado pelo comediante Chris Rock para tratar a cultura do cabelo negro e abordar questões como o mercado de alisamento que tem um faturamento enorme no EUA.

Aqui no Brasil isso não é diferente né pessoal, tanto investimento de empresários longos anos na indústria do cabelo que foi responsável pelo processo de desvalorização do cabelo crespo.

Somando ao então projeto de apagamento de nossa identidade, estruturado pelo racismo.

Bom, é por isso que ainda hoje temos cenas tão desconfortáveis e violentas como a de Rodolfo do #bbb comparando o cabelo de João à peruca do monstro da semana.

É por isso também que a mulher que disparou ofensas racistas a Ludmila ganhou o processo, sendo interpretada como liberdade de expressão! São muitos os exemplos que poderíamos falar aqui...

No entanto, quero apenas destacar a importância de estudar as relações raciais no Brasil, ser sensível e responsável por esse processo de desconstrução.

Como disse a @ludmilla, maravilhosa e necessária, respeitem nosso funk, respeitem nossa cor e respeitem nosso cabelo! (Publicação do dia 4 de abril de 2021)

Figura 31 - Registro de oficina de tranças ministrada durante aula no curso de Letras da UFRRJ IM.



Fonte: Arquivo pessoal.

Oficina de tranças para o curso de Letras no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, a convite da professora Viviane Antunes.

Figura 32 - Arte feita para divulgação da live realizada em decorrência da contemplação do edital Cultura Presente nas Redes do Governo do Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital Cultura Presente nas Redes 2, apresenta: Entraçando Diálogos!

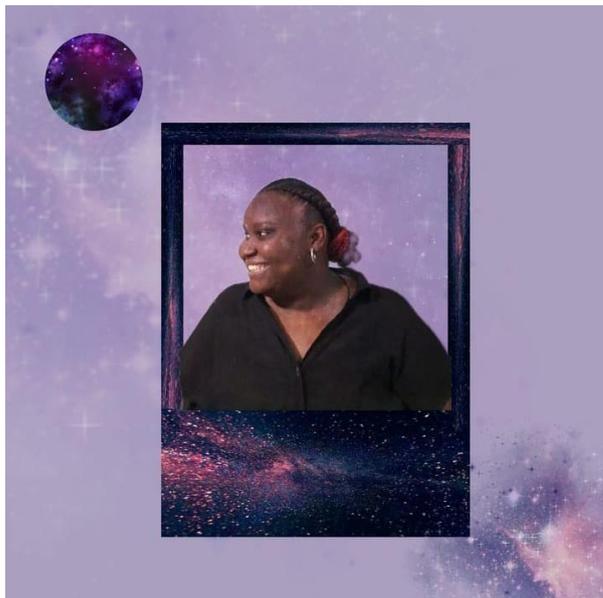
A proposta é trocar ideias sobre os encontros que tenho tido a partir da pesquisa em geografia sobre o fazer e o saber de mulheres negras que trançam!

Quero convidar a todes para participar dessa troca que acontecerá na próxima quarta-feira dia 30 de novembro às 9 horas, no meu canal do YouTube rs

O link eu vou disponibilizar na biooo

Gratidão 🙏🌟🌸

Figura 33 - Arte produzida inspirada no atendimento para Ionata, médica negra, de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ionata atuou intensamente nos plantões de combate à COVID-19 e é tem um sorriso que embeleza a alma.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nossa africanidade é nossa maior herança, falo do modo de enxergar o mundo, de encarar a vida. Nós podemos escolher olhar pelo melhor ângulo, pra ser mais leve, para ser possível! Penteados: boxeadora.

Figura 34 - Registro de penteado trançado em Caroline Lourenço, realizado em estilo livre, teve inspiração no Adinkra Sankofa.



Fonte: Arquivo pessoal.

Gosto de criar histórias... E depois de realizar esse penteado eu fiquei achando ele semelhante ao Adinkra mais conhecido por todes... Resolvi chamá-lo de SANKOFA!

"Esta palavra é proveniente da língua twi ou axante, sendo composta pelos termos san, que é "retornar; para retornar", ko, que significa "ir", e fa, que quer dizer "buscar; procurar". Pode ser traduzida como "Volte e pegue".

Ela surgiu com o provérbio ganês "Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi", que significa "Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)". " (Dicionário de símbolos)

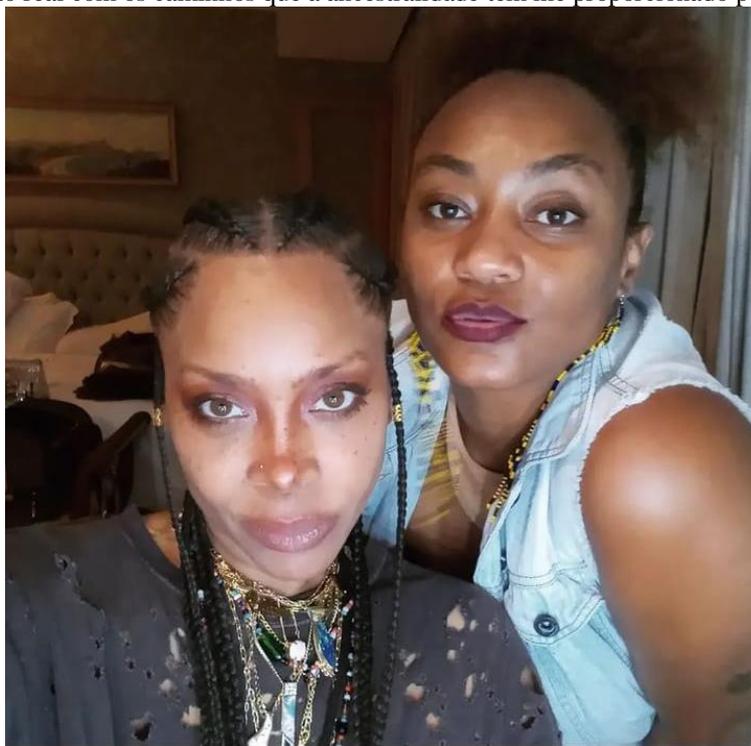
O que vcs acham?

Como um processo permeado por re-encontros, trançar também nos propõe voltar e pegar.

* Arte comprometida com a minha liberdade de criar e poder assumir o risco de encantar os olhos de quem vê!

Com Jumbo na cor nº 4 (Publicação do dia 10 de julho de 2022)

Figura 35 - Registro de penteado trançado em Erykah Badu em janeiro de 2023. Este evento foi responsável por proporcionar uma avalanche de bons caminhos profissionais, além de me proporcionar uma sensação de conexão real com os caminhos que a ancestralidade tem me proporcionado percorrer.



Fonte: arquivo pessoal

No início do ano de 2023, minha trajetória foi brindada pela realização de uma trança em Erykah Badu. Tenho compartilhado que essa experiência foi fruto de longos anos de dedicação de uma luta preta organizada a partir do cuidado e do amor radical à negritude, a qual tenho me empenhado cotidianamente, desde dentro de uma memória que acontece, que está no corpo, que dimensiona minha existência e me permite ser.

Hey Mrs. Badu ✨ ☐

Estou imersa em uma energia de realização e gratidão a ancestralidade por estar vivendo mágica!

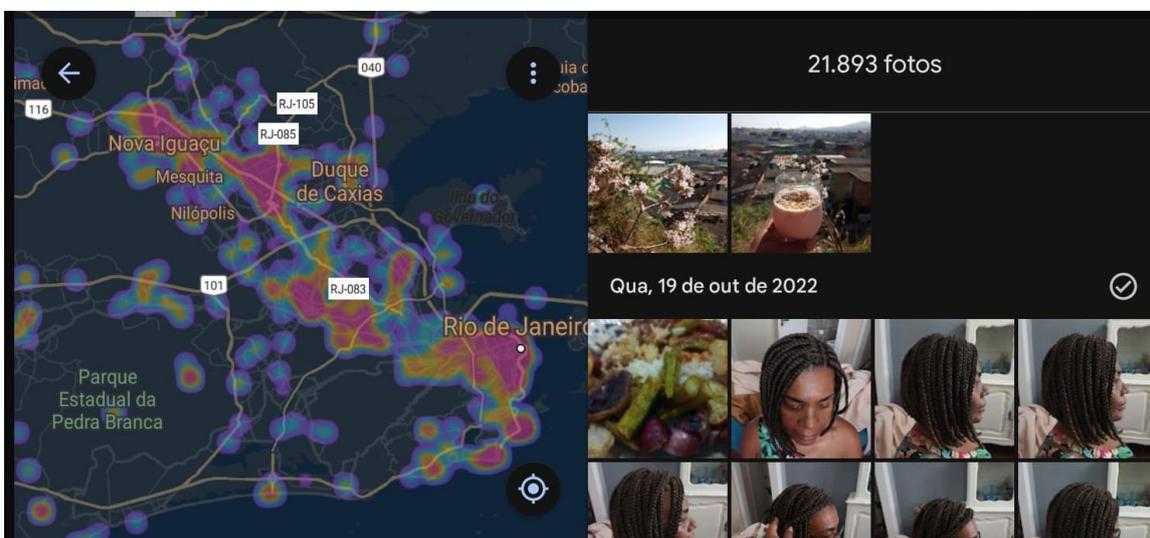
Já chorei, dei risada... A verdade é que em palavras não sei dizer a emoção de trançar @erykahbadu e estar diante de um sonho! A oportunidade de compartilhar este cuidado com você amplia as minhas possibilidades e expectativas de realização. Minha prática ancestral, trançar cabelos pretos, têm sido o maior amor e satisfação dos meus dias. Então, quando compartilho o grande amor dos meus dias com você dona Baduh, considerando o quão maravilhosa você é, uma referência artística, que me comove profundamente, sua música revoluciona minhas emoções e tantos momentos de cuidado aqui de casa, sinto-me fortemente conectada com as bênçãos do universo.

Cercada sempre de mulheres preciosas, preciso dizer que @cidocanogueira é um ser mágico, de presença e amor. Gratidão por me ver, por acreditar e por vibrar junto demais. Seu asè me fortalece ♀

Mais uma vez, só tenho a agradecer, obrigado pela confiança na Monay Tranças, ter a chance de cuidar do seu cabelo e o de sua filha @pumacurry é uma das maiores conquistas profissionais do meu negócio e muito especial, por que me faz sentir no meu caminho.

Saúdo seu Orí e seus ancestrais que nos permitiram participar deste momento. Que os ancestrais sempre dêem a você e sua família saúde e sorte. Eu me espelho em você. Asè. Laroye (Publicação do dia 26 de janeiro de 2023)

Figura 36 - Mapa dos deslocamentos para atendimentos no município do Rio de Janeiro e região metropolitana.



Fonte: Plataforma Google Maps

Figura 37 - Registro de penteado trançado em Mariana Costa, realizado pela trançadeira Karla Raymundo, em evento cultural organizado por mim em São João de Meriti em 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Evento organizado com a finalidade de proporcionar um encontro de cultura com artistas negros da Baixada Fluminense. O “Rolêzinho Pan-africanista” teve o apoio massivo dos integrantes do Coletivo Preto Dandaras da Baixada e a proposta foi homenagear o pan-africanista Marcus Mosiah Garvey. O evento ocorreu em agosto do ano de 2017, de forma autônoma.

Figura 38 - Registro Karla Raymundo trançando no Rolêzinho Panafricanista, evento cultural em São João de Meriti.



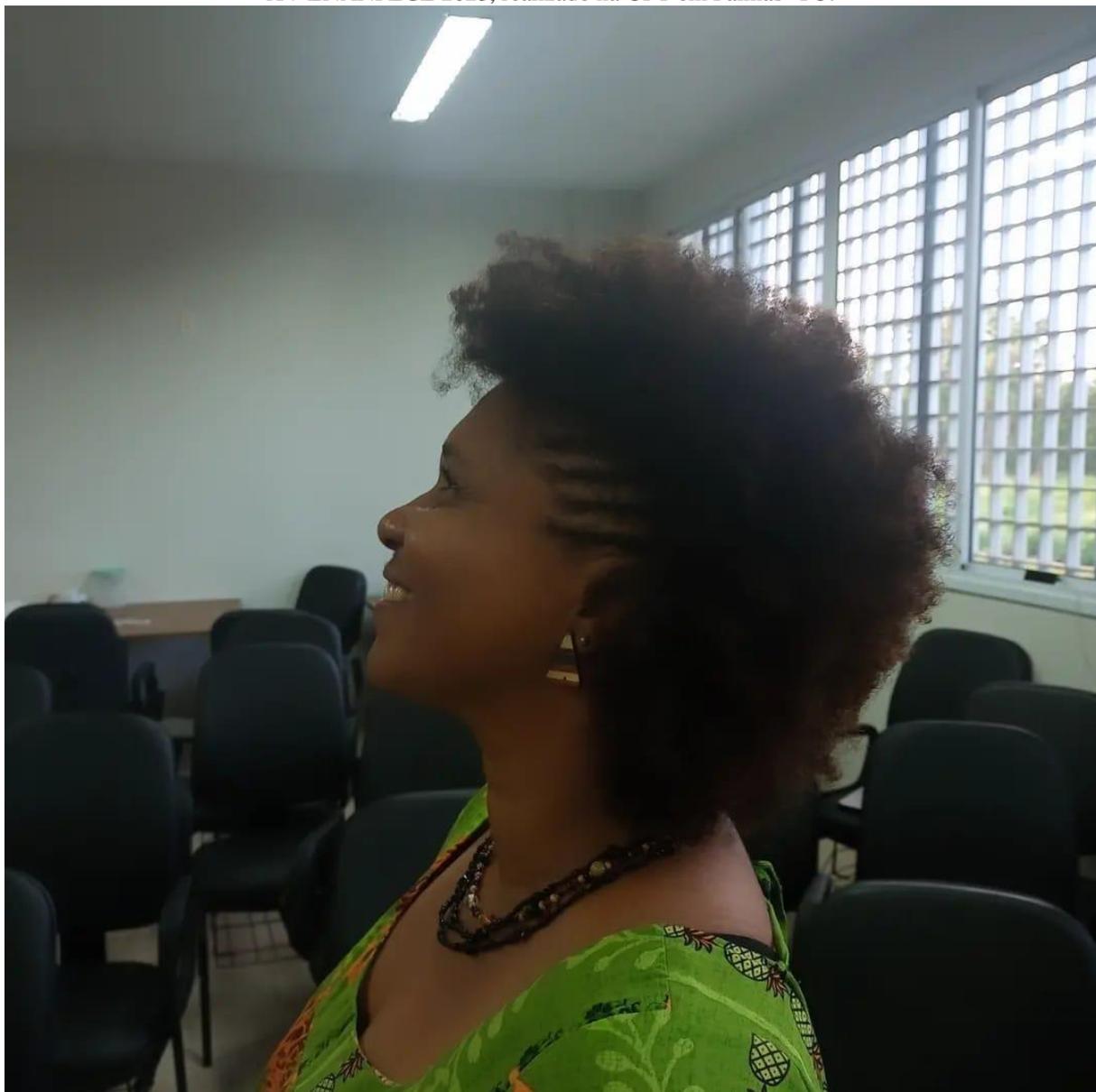
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 39 - Registro de penteado trançado em Geny Guimarães durante apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 40- Registro de penteado trançado em Geny Guimarães durante apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 41 - Registro de penteado trançado durante a apresentação de trabalhos acadêmicos no XV ENANPEGE 2023, realizado na UFT em Palmas- TO.



Fonte: Arquivo pessoal.

6. RESULTADO DAS TRAVESSIAS, DOS AMORES E DAS BUSCAS: AÇÃO-RESISTÊNCIA DE TRANÇAR JUNTO - CAPÍTULO 4

Figura 42 - Registro de trança feita em Ana Paula Patrocínio, amiga e companheira de luta negra universitária, produtora cultural e modelo internacional. São muitas travessias e carinho nessa troca que nasce nos anseios e embalos da juventude e caminham para o amadurecimento dos movimentos em sankofa que escolhemos retornar. Aninha capoeira, dona de uma beleza encantadora e responsável por desenvolver um trabalho comprometido com a organização pan-africanista de Capoeira Angola - Kubata.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa é a parte resultante das travessias, dos amores, das buscas, das dores e das marcas que delas ficaram. De maneira a tentar me reconstruir com os pedaços que fui achando por aí, daqui faço um retrato-sentido-falado-político da trajetória narrada pela trançadeira, propondo-me a dialogar com a o que Beatriz Nascimento chamou de política de imagem do negro. Assumindo a responsabilidade de incorporar nossa linguagem trançando, cuidando, escutando, proponho uma articulação entre a narrativa dessas mulheres negras que trançam e essa “nova corrente de pensamento sobre a África e a diáspora africana na América do Sul” (GARCÍA, 2018, p.88), considerando seus sentimentos e vivências, suas memórias.

Pensando em um sentido de continuidade, quero ampliar o olhar sob a experiência de mulheres negras trançadeiras, o método de ensinar a desaprender as estratégias coloniais, bem como interromper as violências e os silêncios, ainda que seja um percurso de muitas lutas. Ainda estamos na situação e responsabilidade de nos conhecer e reconhecer aquilo que já está aqui, que retorna por meio de sonhos, pela prática, pelo cuidado, que retorna pela família, que amplia as noções de afeto e rede de familiar e de apoio, que localiza a fé e amplia as possibilidades. Logo, levar em consideração que as religiões de matriz africana no Brasil passaram, assim como os filhos de lá, por um processo de reinvenção e adaptação à realidade da chegada. O candomblé e as nações que cultuam a espiritualidade africana são forças (asè

/axé) fundamentais na consolidação do que considero uma das primeiras elaborações afroepistemológicas, desde a estrutura da casa até a tecnologia do cuidar. É simples, a cura vem desde dentro.

Além disso, é notável a influência sobre a construção dos cabelos negros, por meio do cuidado esse Orí é ritualizado e protegido. Para Luane Bento, Iaô da Orixá Iemanjá, a cabeça e os cabelos são parte de uma cosmovisão que os torna, em primeiro plano, sagrados. Ela faz o seguinte apontamento:

Para a cabeça existe um ritual especial de cuidado nos espaços dos terreiros: o bori. A cabeça e os cabelos requerem inúmeros cuidados dos adeptos e ocupam uma centralidade no culto. A cabeça é vista como a parte mais importante do corpo dos adeptos. Nas cosmovisões africanas diaspóricas dos terreiros é perceptível a manutenção de alguns legados africanos, pois os fragmentos culturais de inúmeros grupos étnicos africanos estão presentes nos modos de tratamentos dados à cabeça e aos cabelos, ou seja, ao corpo nos terreiros. Chamo atenção, especialmente, para os penteados trançados e para os trançados presentes em vários artefatos religiosos dentro do terreiro. O mocan, cordão de palha da costa, usado pelos iniciados como os Iaôs, Vodunces ou Muzenzas é um trançado de palha, as umbigueiras e os contra eguns também são feitos de palha da costa e através de trança de três mechas. (SANTOS, 2022, p. 44)

O corpo como condutor desse Orí, ritualizado e protegido, é a representação que organiza, ele carrega e traduz sentidos socioculturais africanos, africano diaspórico e africano brasileiro no Brasil. O corpo, portanto, tem resistido à estrutura de um sistema-mundo que opera para seu apagamento.

Por trabalhar com cuidado de cabelos crespos, é um desafio, por exemplo, não entrar em uma lógica capitalista e mercadológica cada vez mais acelerada que segue seu intento de organizar as inteligências e saberes de mulheres negras em funções de “produtividade, eficácia, rendimento, trabalho em equipe” (GARCÍA, 2018, p. 94). O universo das trançadeiras é perseguido por uma lógica que esvazia o sentido de pentear os cabelos de pessoas pretas, um cuidado que nos custa tantas vivências. Além de tudo, é um processo que provoca em mim uma sensação de exaustão muito grande.

No entanto, ainda é sobre a escuta, sobre o momento único de cuidado que cada pessoa negra se oportuniza que eu tenho focado nos atendimentos como Monay Tranças. Em busca de valorizar esse momento, em uma perspectiva de que o meu trabalho está na via do cuidado mútuo, é possível vivenciar uma rede de cuidado a partir dos cabelos crespos. A trançadeira Day, ao relatar sobre a troca com outras mulheres negras que trançam, destaca:

Eu acho que principalmente o cuidado uma com a outra me chama bastante atenção. Eu acho que foi a primeira vez que eu, quando meu cabelo cresceu, porque eu era careca, foi a primeira vez que outra pessoa foi me trançar sem ser minha mãe. Tem uma outra trançadeira, que uma outra amiga foi me trançar. E aí me deu aquele estalo, gente...o cuidado terceirizou, né? Só que era muita atenção. E eu sempre procurei, minhas amigas também procuraram um atendimento com muito cuidado. E aí eu me senti muito cuidada naquele momento. Me senti protegida. A mesma ligação relacionada à infância, de um momento nosso, de um cuidado, de uma troca. Só que com uma outra mulher que até pouco tempo era uma desconhecida, mas agora a gente criou um vínculo de cuidado. Acho que esse é o ponto.

Falo sobre a nossa multiplicidade, pois desejo seguir na direção dos esforços de tantas intelectuais a fim de chegar a um debate sobre a política de imagem do negro. Na trilha desse caminho, venho entendendo as tantas narrativas projetadas pela colonialidade e as nossas próprias narrativas sentidas e mapeadas no corpo e com o corpo, primeiro território percebido.

A respeito do vínculo de cuidado citado pela trançadeira, destaco esse acontecimento como o responsável pela escolha de ser. Esse momento capturado, que confere o sentido de trançar e remete à infância de cuidados é o instante em que se escolhe cuidar como ação, que é resistência em muitos momentos e simboliza o encontro pessoal de cada mulher negra, ou seja, o momento do encontro com o que ama fazer. De acordo com as contribuições da pesquisa desenvolvida pela cientista social Luane Bento dos Santos, o trançado é apontado como “algo que escolhe”, o que indica o caminho. Ela aponta que:

ouvi que trançar cabelos é algo da ancestralidade negra, como se trançar cabelos fosse seguir um caminho ancestral ou trilhar os passos dos antepassados africanos(as). Percebi ainda que trançar cabelos ganha no campo o significado de algo inato, de ser um fenômeno externo e interno que acontece com as trançistas. Uma escolha ancestral sintetizada na frase: “A trança te escolhe”. Oração muito comum no campo e em alguns grupos virtuais da internet. Como se o ato de trançar cabelos fosse algo instintivo e não uma técnica corporal aprendida e aperfeiçoada através de muito treino como tenho observado. (SANTOS, 2022, p. 69)

Por ser escolhida, é a partir do Orí que reconheço a memória, Orí que para a cultura africana precisa ser ritualizado por meio do cuidado. Logo, “Ori, em sua metáfora, pode ser o repensar da identidade pessoal e coletiva, da idéia de negro e de território negro, ou seja, o espaço apropriado pelo corpo negro numa relação de poder” (RATTS, 2006, p. 63). Pelas agentes que criam a própria vida, as mulheres negras, gostaria de falar de tantas marcantes experiências ancestrais herdadas por nós. O cuidado se revela no modo de fazer, é a própria episteme de mulheres negras, dos espaços de sociabilidade negra, das casas de candomblé, dos Quilombos e dos movimentos de luta negras – que são vivos nas famílias negras em todos os formatos que podem existir. Day, menciona como aprendeu a trançar, revelando qual seu lugar

de partida – uma memória familiar afetiva, experimentada dentro de casa através do cuidado como ritual e como proteção:

Gente, eu sempre fico em dúvida nessa questão, porque assim, quando eu paro para pensar em todos esses anos, fico pensando que são só cinco anos, mas tem mais, né? Tem, tipo, sete, oito, que isso há muito tempo trançando e não perceber, porque tudo aconteceu de uma maneira orgânica, como eu falei ali. Eu comecei a trançar dentro de casa. Eu era uma criança que gostava de trançar, que gostava de ser trançada, porque eu achava que era um momento muito meu e da minha mãe. Aquele momento que ela sentava e me colocava entre as pernas dela era o nosso momento de conexão, sentar, e ela desembaraçar e pentear os meus cabelos, e a gente ia conversar sobre alguma coisa que eu quisesse. A partir daí, eu vou construindo essa noção de identidade a partir do meu cabelo. Dentro de casa, eu começo a aprender a trançar vendo minha mãe me trançando, vendo minha vó trançando com a minha mãe, minha tia, minha avó, sempre trançando. Minha tia e aí eu queria descobrir mais o que essas mulheres estão fazendo na cabeça e aí eu vou crescendo, vou adquirindo curiosidade, vou aprendendo a trançar. Então, foi uma coisa muito orgânica aprender a trançar em casa (Entrevista realizada com Dayana em agosto de 2023)

A experiência de ser trançadeira, que chama atenção pelo potencial educador desse saber-fazer, é majoritariamente praticado por mulheres negras. Por isso, então, navego pelas memórias de ancestralidade, atravessadas durante mais de quatorze anos de trançado e cinco anos de atuação como trançadeira enquanto atividade principal para subsistência. Embarco nessas trajetórias para construir uma narrativa em que as tranças africanas e as trançadeiras são responsáveis pelo desenvolvimento de narrativas políticas negras acerca do belo, da memória e da manutenção da identidade negra afirmativa. Essas trajetórias, sobretudo, indicam direções no sentido de reconhecer e nomear os modos como temos nos reconhecido e produzido uma dinâmica que pode ajudar a compreender outras formas de notar a dimensão racial da existência da pessoa negra na organização e produção do espaço, as peças para recompor essa história fragmentada pela colonialidade.

Deste modo, a possibilidade de articular os saberes das trançadeiras aos saberes produzidos por meio da pesquisa geográfica me desloca para um lugar especial, além de minha experiência ter percurso parecido com o de outras tantas mulheres negras que trançam. Pude experimentar cuidado por meio dos meus cabelos crespos, que mesmo permeada por muitas desinformações, foi fundamental para que eu caminhasse em direção a uma experiência onde o racismo não é o elemento definidor em minha troca coletiva e compreensão enquanto indivíduo, ainda que ele seja um marcador que direciona reflexões importantes.

As lembranças apresentadas nesta pesquisa são memórias de afeto e cuidado que me foram fundamentais ao longo da vida, porque ser trançadeira está, sobretudo, em um lugar de descoberta, por esse motivo as tranças e sua memória ancestral apresentam-se como elementos fundamentais.

Em outras palavras, o ato de trançar é responsável por conferir sentido à caminhada que tenho buscado fazer em direção ao sonho de liberdade.

A pesquisa foi realizada a partir de reflexões que dialogam com as Geografias Negras, campo que se destaca por evidenciar a contribuição de pesquisadores negras e negros na interpretação e na manutenção da ciência geográfica, bem como contemporânea e, como método, têm proposto compreender perspectivas que sempre estiveram à margem das análises do espaço geográfico hegemônicas e ocidentais. Em consonância com a investigação feita pela professora Geny Guimarães, o meu interesse maior é refletir a Geografia a partir do “desde dentro de culturas negras diaspóricas e africanas na produção do espaço” (GUIMARÃES, 2018). Sendo assim, parto da realidade que é parte significativa da cultura e história negra africana, as responsáveis por (re)inventar social, cultural e economicamente o Brasil e as Américas; mesmo sob a régua do colonialismo, do capitalismo racial e também dos processos diversos de apagamento da memória das tradições dos povos.

A fim de mergulhar em meu interesse metodológico, que tem caminhado por geo-grafias negras, vale destacar que para a professora Guimarães (2018) os saberes (re)produzidos pelos povos na diáspora podem ser interpretados enquanto uma dimensão racial do espaço. Isto é, “o reconhecimento de elementos que fazem parte do espaço geográfico em uma vertente dinâmica de construções” (GUIMARÃES, 2018, p.) podem evidenciar experiência de mulheres negras trançadeiras. Logo, parte dessa vertente dinâmica de construções e portadoras de elementos-saberes, em sua ação e movimento, tem significado a experiência do negro na sociedade.

O ato de referenciar a trançadeira como um elo raro nesta pesquisa tem o objetivo de interpretar as experiências de ancestralidade e suas relações com os territórios, as resistências e lutas que, por meio da geografia, podem nos conduzir a uma reelaboração da narrativa que evidencia uma dimensão racial da produção do espaço. Ou seja, que repensa discursos e transmite memórias ancestrais “no exercício de repensar o mundo, dinâmico e diferenciado daquele descrito pelos valores culturais e estéticos do ocidente, herdado pelo mundo moderno” (ROCHA, 2016, p. 86).

A memória guardada em nossas mãos nos permite ser um elo que entrelaça o antes e o agora. Em tanto tempo de resistência e articulação entendo que para a garantia de uma transformação da realidade social atravessada pelo racismo, o poder de narrar precisa estar sob posse dos povos que têm sido vitimados por séculos pela tragédia que o sistema capitalista racial tem implementado no mundo. Para isso, me coloco à disposição da ciência e da geografia para somar nesta disputa de um poder que é muito simbólico e tão determinante, o poder de falar.

Por fim, é relevante destacar o fato de a pesquisa estar dentro das Geografias Negras, área que se dedica a “Repensar a Geografia por meio da construção de métodos e metodologias para que as histórias, culturas e conhecimento de grupos sócio raciais colonizados e escravizados possam ser inseridos em perspectivas de análises espaciais afirmativas.” (GUIMARÃES, 2020, p. 295). Este trabalho, portanto, tem sido responsável por sistematizar reflexões de geógrafos negros que se dedicam aos estudos dos saberes produzidos desde dentro de sociabilidades ancestrais da negritude e sua relação com a produção racial do espaço.

No tocante a essa herança, a esses modos de cuidar, ritualizados e protegidos, o cabelo negro, naturais ou trançados, informam sobre questões de gênero, raça e classe, como também podem dimensionar uma certa amplitude de alcance de encontros que atravessam tanto as mulheres que trançam, quanto as que são trançadas. Trançar cabelos é ferramenta que transforma, a começar pela própria trançadeira que é pelas experiências que são compartilhadas durante os procedimentos de cuidado com o cabelo. Day descreve a composição de sua clientela, composta majoritariamente por mulheres negras:

Pretas e pardas, de 23 a 40 anos, classe média. A maioria são independentes, solteiras, assim, sem filhos. Eu também acho esse ponto interessante de serem mulheres independentes financeiramente e sem filhos. Aí eu fico pensando, será que é por isso que elas conseguem investir mais nos cuidados? Pagar R\$500 em uma trança, porque ela não tem uma criança, então, ela pode gastar mais. E aí esses locais onde ela tá, no centro, na Zona Sul, mostra também que a renda dela e que o trabalho dela e as vivências e as experiências dela são diferentes. Como se trabalhassem na zona oeste, na Baixada teriam outras prioridades e mudariam aí o destino do seu dinheiro. Eu também acho curioso esse lugar. (Entrevista realizada com Dayana em agosto de 2023)

Nesse entremeio, um marcador muito relevante para pensar a trajetória das trançadeiras, enquanto modo de pensar e fazer geografias negras, é refletir acerca da geração de renda e economia para as trançadeiras. É importante pensar a relação que essas mulheres negras possuem com o dinheiro, uma vez que pessoas negras já ocupam um cenário de exploração de sua mão de obra e baixas remunerações. Sendo assim, essa discussão também se apresenta como um desafio a ser gerido pelas trançadeiras.

Day apresenta uma questão que atravessa a experiência de mulheres negras. O acesso aos serviços pode ganhar diferentes sentidos, tanto de pessoas que tem e/ou não tem o acesso aos recursos para fazer os cabelos. Há um processo que desenrola para uma desvalorização da mão de obra desse cuidado, que extrapola o espaço da casa e adquire contornos de empreendimento. Tais circunstâncias levam essas mulheres que trançam a buscar variados instrumentos, isto é, uma profissionalização dos seus saberes. Santos (2022, p. 225) enfatiza:

Portanto, para ser trançista é preciso saber bem a técnica de entrelaçar os fios, ter noções de gestão, saber manusear as redes sociais com todo marketing digital possível, entender que o trabalho das trançista é um negócio como outro qualquer (GIACOMINI, 2021) e, fundamentalmente, compreender que neste ofício não basta saber trançar, é preciso estar disposta(o) a aprender outras aptidões e conhecimentos.

Até este momento, as trajetórias de mulheres negras que trançam podem fornecer questões que nos dimensionam a muitas reflexões, em uma escala individual, que nos localiza por meio de um imaginário racial racista desde a infância. Ainda que haja todo um empenho em que as famílias negras têm gestado e organizado coletivamente, as dinâmicas de controle e apagamento se assumem como um sentido de subalternização e vulnerabilidade destinadas à população negra.

A respeito dos direitos a serem conquistados pelas trançadeiras, ainda que sejam muito básicos, não garantem segurabilidade e muito menos oportunizam que se alcance rendimentos maiores do que as responsabilidades com gestão financeira de suas famílias e empreendimento. Logo, essa mulher fica em um lugar de ocupação de diferentes funções para conseguir equilibrar os passos de uma trajetória.

É isso que eu tava falando antes, até aposentar tem o MEI, mas eu não acho o MEI uma parada muito segura assim. Até porque você não sabe se vai ter dinheiro pra pagar o MEI, você não sabe usar esse mecanismo, não são todas que sabem. Eu acho que a gente precisa ter um aporte seguro, de segurança para a galera preta se organizar. Nós, como trançadeiras, mesmo temos que organizar. Ter um lugar, ter um fundo, porque tem muita trançadeira que é mãe, que não tem onde deixar suas crianças, não tem como fazer, tem que levar a criança, tem que trançar junto. É importante pensar, o que a gente precisa organizar nesse lugar, a gente precisa criar um mecanismo de cuidado e defesa dessas mulheres, porque até aposentar, não dá pra ficar trançando sem parar. E a gente trabalha com arte, é arte africana, tem muita matemática ali. As pessoas têm que entender que trança é etnomatemática. A trança é o caminho do deslocamento, ela dá um deslocamento, elas dão o direcionamento, e elas dão até hoje, então é um processo... (Entrevista realizada com Karla em agosto de 2023)

O sentido de organização apresentado pela trançadeira carrega o mesmo sentimento de organizar os modos como articulamos os conhecimentos ancestrais em torno de modo de construir um sentido de autonomia e poder, que conduza a população negra para o lugar de condutor de sua história. Abordadas sobre como foi o momento de pandemia de COVID-19, momento em que o mundo precisou estar em estágio de atenção para que pudesse frear os altos índices de contaminação pela doença, que ainda segue sendo pesquisada e o que ocasionou em um longo período de isolamento social, as trançadeiras relataram momentos de dificuldade e vulnerabilidade. Esse período fez com que muitas precisassem enfrentar o medo, que atravessou todo o mundo, para continuar os atendimentos. São sob essas condições que estão organizadas as dinâmicas de trabalho de pessoas negras. Dayana relata o período de quarentena:

Assustador, né? Principalmente quando você é responsável pela sua renda e aí você não pode mais sair para trabalhar. E aí você fica pensando: quais são as soluções? Como eu vou me manter agora se eu não posso ir trabalhar, se eu não posso ganhar o meu sustento? Algumas pessoas poderiam trabalhar de casa e se adaptaram, mas no nosso ofício não dá, né? Não dá para trançar você daí, e eu daqui. A gente não tem manejo para isso. Por mais que a pessoa diga "abre as mechas e oriente", agora a pessoa não vai conseguir. Eu acho que a pandemia, para qualquer pessoa que é autônoma, foi assustador. E por mais que eu estivesse no salão, é isso, eu não poderia ir para o salão trabalhar e logo o salão não tinha como me manter também, né. Então, foi um momento de muita incerteza. Será que eu vou continuar nesse trajeto, nesse caminho? Como eu vou me manter? Como eu vou fazer para continuar tendo uma renda? Foi um momento de incerteza. Mas deu tudo certo.

São muitas as incertezas que têm atravessado a experiência das pessoas negras, o tempo tem sido o grande condutor dos caminhos por aqui. Quando comecei a atender como trançista, desejava poder criar os meus penteados de forma livre, eu me inspirava na representação do que são as mulheres negras que cuidam, confidentes e mágicas, as mulheres revolucionárias que produzem cabelos negros.

Em relação à proposta de criar um curso em que se tem como objetivo construir um sentido de valorização da autoestima das pessoas negras, de revisar o que se tem abordado como saber ancestral, apresentando uma proposta de ação pedagógica, é necessário salientar que as trançadeiras entrevistadas também fazem parte dessa construção. Estamos construindo práticas de enaltecimento a partir do nosso cotidiano pela necessidade que dele decorre em amenizar os sintomas dos traumas provocados pelo racismo. Existe uma necessidade urgente de auto-organização entre essas mulheres que tem coordenado modos de sistematizar os saberes, tantos os avanços em relação às técnicas trabalhadas, quanto aos trabalhos educativos propostos. Além disso, estes são resultados e demandas do público em conhecer mais a respeito da história das tranças, assim como o interesse em construir ferramentas que possam operacionalizar o cotidiano marcado pelo racismo cotidiano e estrutural.

A seguir, destaco registros do curso “Mergulho Ancestral na América Trançada”, este resultado cabe mais como proposta de analisar o que é comunicado a partir das imagens, assim como os registros do capítulo anterior. Esta pesquisa é, portanto, uma oportunidade de concentrar partes de uma trajetória que não tem como proposta ser uma autoetnografia, porque se trata de escrever uma trajetória que não é somente singular, mas que faz parte de uma rede de memórias que se repetem como no xirê, como no movimento de trançar e na existências de mulheres negras que têm se dedicado à ação de cuidar.

Figura 43 - Ação para mulheres atendidas pelo CRAS Nova Iguaçu.



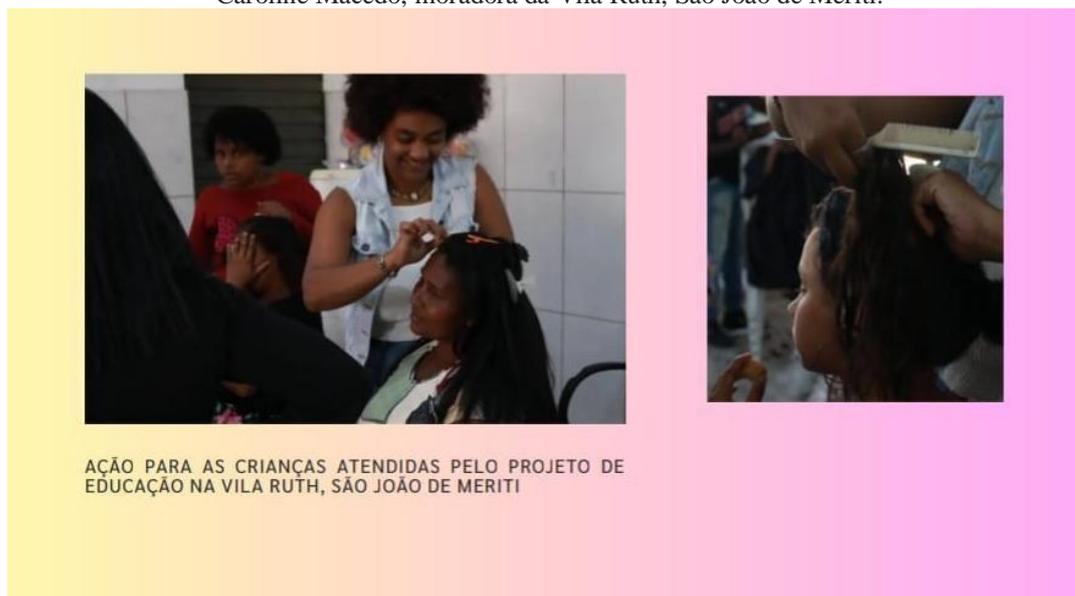
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 44 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada, Casa Ewa, Botafogo, Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 45 - Ação para crianças atendidas pelo projeto de educação desenvolvido pela professora de geografia Caroline Macedo, moradora da Vila Ruth, São João de Meriti.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 46 - Curso para trançadeiras- Mergulho Ancestral na América trançada, Jornada Pedagógica do Colégio Estadual Guadalupe, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando participo desses momentos de encontro em espaços de resistência, constato o cuidado como um aspecto que organiza a nossa metodologia. Além disso, temos exercido “um importante papel na contribuição de outras imagens sobre a estética corporal negra” (SANTOS, 2019, p. 35), a ação da trançadeira está alocada em um eixo fundamental de transformação de um imaginário racial negativo, em que os discursos e as práticas são marcados pelo racismo. Santos (2019) elucida que:

Elas são responsáveis pela reconstrução estética e afirmação identitárias de muitos indivíduos negros (as) que buscam outras formas de concepção sobre si em contraponto ao padrão branco universal. Neste sentido, elas operam como outras fontes de informação estética de cuidado, além de exercerem o papel político. (SANTOS, 2019, p. 35)

Assim, o fazer da trançadeira se destaca na luta contra o racismo, justamente, por sua ação. Não há como ser trançadeira e não refletir sobre a herança africana e responsabilidade racial. Santos (2019, p. 36) segue nos informando:

Na sociedade brasileira, cujo contexto social é marcado por práticas e discursos racistas, expressivos de outras formas de discriminação, e ainda de exclusão social sobre a população negra (e demais grupos considerados minorias), o ato de fazer tranças tornou-se um meio de sobrevivência laboral e identitária. Recurso político de parte de uma cultura relegada ao status de folclórica, exótica, selvagem e tantos outros adjetivos que a diminuem. Adicionalmente, trançar também representa, de certo modo, uma ação contestatória.

Além de transformar a técnica de trançar cabelos em um produto de trabalho, também somos agentes da prática de manutenção da autoestima de negros e negras. Isto é, soma-se “o fazer cabelos em estilo “afro” com toda a reprodução de discursos positivos sobre o corpo e cabelo negro” (SANTOS, 2019, p. 37). O labor da trançadeira revela a dimensão política da memória, agindo num ponto crucial de desmantelamento da estrutura racista, potencializando a autonomia de pessoas negras em sua imagem e discursos sobre si. Nesta continuação, é valioso o encontro com a narrativa da trançadeira Karla Inunjara:

Quando comecei a dar as oficinas foi um processo e entrei em recrudescimento muito forte. E aí tentava o tempo todo resolver as questões das meninas que falavam nesse processo do trabalho das tranças, dos processos, das africanidades, de amor e cuidado, de respeito consigo, tudo através das tranças. Mas, ao mesmo tempo, vem uma demanda muito grande. Tem uma hora que você fica pensando o que que vou falar? Não tem como não conversar. Você vai ficar duas horas na cabeça da pessoa, muda não vai, não existe. Até porque, o hábito da trança é esse também, é o cuidado. E o cuidado vem de muitas mulheres pretas, mulheres e homens também, mas muito mais mulheres que estão em processo de transição de violência do corpo. Pegar uma mulher que está com a cabeça queimada e aí você tem que conversar com ela, pesquisar material, pesquisar um creme, um óleo, um chá, um alecrim que é bom, um chá que é bom para tomar que vai ajudar também na vitamina. Não é só trançar, e muitas pessoas acham que é só isso. Eu sempre falo, trançar não é só trançar, ser trançadeira não é só ser trançadeira. Ser trançadeira é uma parada muito grande. Eu vejo isso, mas nem todo mundo vê isso. Para mim, foi um processo de educação, de reencontro, de conquista, de buscar por si. Eu sempre falo que a gente está levando a África para tudo quanto é canto, quando a gente está trançando alguém, porque a gente está colocando um traço, dirigindo um traço, colocando rotas, mapas, caminhos, sabe? Na cabeça das pessoas. É um processo que, além de ser belo, é a identidade e é ancestral. É tudo que a gente tem que estar cuidando, não só como profissional, mas como pessoa. A história que a gente está carregando, que a gente está levando, o que a gente escuta. A gente escuta muita coisa... (Entrevista realizada com Karla em agosto de 2023)

“A gente escuta muita coisa...” (INUNJARA, 2023), por essa razão é que escolho navegar nas trajetórias de mulheres negras como uma medida radical de construir o amor “naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando.” (bell hooks, Geledés, acesso em: 10/11/2023). Esse amor que é travado pelas constantes ações desestabilizadoras que a violência racial provoca. Podemos nos deparar com muitas barreiras nesse processo, não é fácil escolher o amor. Até aqui foi preciso ir atrás das memórias para lembrar que, mesmo feridas, o que permanece como linguagem é o cuidado – traduzido por meio da realização das tranças e desse ritual de cuidar dos cabelos negros. O cabelo negro é resultado do amor de mulheres negras por elas próprias e por nós. hooks nos explica que:

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.

Por assim dizer, o resultado dessas travessias tem sido o encontro com mulheres raras, porque em nossos corpos-territórios que circulam e (continuam), simbolizamos ancestralidade e resistência. Em nossas trajetórias está vinculada uma noção de responsabilidade racial, de retorno, continuidade e novas possibilidades de ser e existir. Não estamos paradas esperando que se preocupem com a nossa existência; estamos, nós mesmas, imaginando e criando o amor... Quando amamos “é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor” (bell hooks, Geledés, acesso em: 10/11/2023). O amor cura.

8. CONCLUSÃO

Caminhar para o desfecho deste estudo parece muito com a sensação de chegar naquela última trança – o coração a mil, as emoções navegando em uma confluência de sentimentos, de alegria, de alívio, de fôlego e desejo de mais, a mecha final que permite fechar o ciclo. Aquelas últimas impressões de que poderíamos continuar debatendo e construindo a partir dos saberes de mulheres negras trançadeiras. Elas são quem nos permite mergulhar e inspirar em suas trajetórias no sentido de interromper parte significativa de uma violência colonial que se atualiza por meio de um reforço do lugar do negro na sociedade.

Com toda certeza, o sentido mais marcante na construção dessa pesquisa para mim é o atento para as questões que atravessam a forma como penso a construção do conhecimento a partir de um olhar que busca ver com amor, um amor radical. Existe, aqui, um esforço para construir um pensamento de metodologia em Geografias Negras, mas que também busca nadar nas águas de filosofias e modos de enxergar e decifrar o mundo africano.

As questões mais vulneráveis da trajetória da trançadeira, como a desvalorização que enfrentam e a falta de um reconhecimento que as dê algum respaldo jurídico e ou profissional, também se apresentam neste trabalho como uma denúncia urgente. É necessário que consigamos debater o total descomprometimento do Estado brasileiro em se comprometer com os trabalhadores informais, são as faltas e as ausências de compromisso e uma estrutura que dimensiona e acolhe, revelando que “ser empreendedora por necessidade parece ser uma realidade cruel para muitas mulheres negras que buscam ter oportunidades na sociedade brasileira” (SANTOS, 2022, p.223).

Na diáspora brasileira, as tranças africanas seguiram sendo referência da estética negra africana e reconfiguram o ideal de beleza imposto pela estrutura racial e desigual. A nossa estrutura social é, portanto, fundada no ocidente que, por meio da institucionalização de um imaginário racial pautado na inferiorização de homens e mulheres negras, atuou sistematicamente contra os símbolos africanos que estavam atribuídos ao corpo negro. Por conseguinte, o cabelo sob o Orí — “palavra Yorubá, língua utilizada na religião dos orixás, que significa cabeça ou centro e que é um ponto chave de ligação do ser humano com o mundo espiritual” (NASCIMENTO, RATTTS, 2007, p. 63) torna-se um dos elementos centrais nesse processo de marginalização.

Acredito que a missão da Geografias Negras é articular as linguagens negras e as trajetórias que elas percorrem. Sobretudo, encontrar ferramentas para trocar esses saberes entre nós mesmos de forma criativa, organizada, comprometida e com um amor radical. Acredito

que nosso maior desafio é compreender que nós precisamos cuidar individualmente de nossos orís e nos despir de nossos egos para que, então, nós possamos nos escutar, sentir nossas memórias, viver nossas memórias e assim poder encaminhar um projeto mais concreto para quem não teve e não terá a oportunidade de construir sua própria liberdade.

Nesse balaio de geo-grafias que forjam a vida e o espaço, fica em destaque a reflexão sobre a identidade negra, que em sua dinâmica conflitiva, nos enriquecem em *insights* e diálogos com mais pares que pensam deste lugar de refletir a construção das imagens-identidades sociais. A professora Nilma Lino Gomes encaminha-nos para a complexidade de ler as experiências a partir dos processos identitários, que não é exclusivo à construção da identidade negra:

Qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para me afirmar como um “eu” diante de um “outro. A forma como esse ‘eu’ se constrói está intimamente relacionada a maneira como é visto e nomeado pelo ‘outro’. E nem sempre essa imagem social corresponde à minha autoimagem e vice-versa. Por isso, o conflito identitário é coletivo, por mais que se anuncie individual. (GOMES, 2019, p. 28)

A autora segue destacando que a elaboração da identidade negra solicita um olhar para dentro da construção de uma narrativa que nasça do olhar do próprio negro sobre si (elemento que ganha destaque nesta investigação), como “também na relação com o olhar do outro, do que está fora” (GOMES, 2019, p. 28). Concluo, deste lugar que “o cabelo do negro, visto como ruim, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito” (GOMES, 2019, p. 29).

Aqui, destaco como um não-lugar o fazer trançadeira, uma vez que é a figura que interage diretamente com essa expressão da cultura africana – que é o cabelo – também a partir da não valorização e reconhecimento, da invisibilidade e apagamento articulado por uma matriz colonial de poder. Esse sistema de violência se “expressa em múltiplas formas de dominação material e subjetivas violentas que engendram e perpetuam desigualdades étnico-raciais, de gênero, classe e socioespaciais dentre outras” (VAZ, 2020, p. 393).

A professora Nilma Lino Gomes nos auxilia na compreensão de que a identidade negra é fruto de um processo construído historicamente e que “para entender o ‘tornar-se negro’ num clima de discriminação, é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico[...] aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem” (GOMES, 2019, p. 28). Cabe, portanto, destacar:

Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, p. 28, 2019)

E ainda,

No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo de escravidão até às formas sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às formas de resistência negra num processo - não menos tenso- de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão, desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro no Novo Mundo, até os impactos do branqueamento. (GOMES, 2019, p. 29)

E é especialmente desse lugar que gostaria de destacar, em consonância também com Santos (2022), que é notável a ausência de referências de cuidados com o corpo e com os cabelos crespos, sobretudo, a partir de narrativas de dentro, pois os processos de apagamento histórico cultural produzido pelo colonialismo criaram barreiras e mecanismos para a manutenção do sistema de diferenciação social, econômica, espiritual, especialmente racializada. Abordo a beleza negra e a figura da trançadeira a partir do orí, que para Beatriz Nascimento se expressa:

Como relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra, correlação adequada para se interpretar numa única visada restauradora a desumanização do indivíduo negro e suas possibilidades de reconstrução de si, como parte de uma coletividade. (NASCIMENTO e RATTS, 2006, p. 63)

Aqui, também, como agente mobilizador de consciência racial, tanto quanto de responsabilidade em dar continuidade e recriar elementos simbólicos que foram fragmentados pela violação do racismo, pode nos possibilitar revelar outras imagens do e para o negro de dentro de suas memórias que são marcadas por diversas formas de resistência. É a partir do Orí que reconheço a memória. Orí que para a cultura africana precisa ser ritualizado por meio do cuidado, pois significa:

Uma inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a sua origem e com o seu momento (1989). (NASCIMENTO e RATTS, 2006, p.63)

No livro “Eu sou atlântica” (2006), coletânea realizada pelo professor Alex Ratts com os escritos da grandiosa mestre Beatriz Nascimento, é compreendido que a cabeça, “Ori, em sua metáfora, pode ser o repensar da identidade pessoal e coletiva, da ideia de negro e de território negro, ou seja, o espaço apropriado pelo corpo negro numa relação de poder” (RATTS, 2006, p. 63). Com o Orí, que nos revela a trançadeira e a gente que cuida, tem poder justamente pela permissão que têm de estar e ser. Quero seguir na trama desse emaranhado que posso sentir e elaborar.

Chego até aqui com poesia e desejos-sonhos. Finalizo este momento da discussão metodológica com poesia, que nasce nesse processo de encontro comigo, porque “eu sou preta, penso e sinto assim” (NASCIMENTO, 1974).

Eu faço casa
Onde quer que o corpo esteja
Eu habito em
mim
e
ao caminhar
às vezes me deixo.
Vou deixando eu
em forma de risada
choro.
Afeto,
qualquer que seja ele
foi tecido no âmago
dessa alma, orí
que segue
fazendo casa
no mundo.

Paloma Silveira, 2022, Osasco - SP.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser.** 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** 1 ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal (no prelo). **Raça e relações raciais na Geografia brasileira: abordagens e Perspectivas.** Disponibilizado para a disciplina “Geografias Negras: conceitos, métodos, processos educativos e linguagens”, Outubro de 2021.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; GUIMARÃES, Geny Ferreira.; SOUZA, Lorena Francisco de. Introdução do caderno temático “Geografias Negras”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. I.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 3–11, 2020.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; SANTOS, Mariza Fernandes dos. Considerações sobre as Geografias das Relações Étnico Raciais e as Geografias Negras no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Mato Grosso do Sul, v. 19, n. 38. p. 3-31, 2023

COSTA, Denise da. Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre a lida do cabelo crespo no Brasil e em Moçambique. Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. I.], ed. 108, p. 81-92, 2010.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

FIOCRUZ. **Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais.** Portal FIOCRUZ, 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>
Acesso em 20/11/2023.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. A Geografia desde dentro das relações étnico-raciais. In: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo (Orgs.). **Geografia e Ensino: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente.** Salvador: Eduneb, 2018, p. 67-94.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras e geografias negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. I.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 292–311, 2020.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial.** Salvador, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 3 ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2019.

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. **Lugar do Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

hooks, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. Vivendo de amor. Geledés, [S. l.], p. 1-8. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 10/11/2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Juliana Domingues de. **Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’**. NEXO, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-demulher-negra%E2%80%99>. Acesso 16/10/2023

LODY, Raul Giovanni da Mota. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias de destruição**. [S. l.] Editora Filhos da África, 2018.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Milton A **Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017

SANTOS, Luane Bentos dos. **“Trancista não é cabeleireira!”: Identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Meryelle da, et al; O ensino de geografia e a apreensão do patrimônio afroarquitetônico no Cariri cearense. *Perspectiva*, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 1–20, out/dez. 2021.

WALKER, Sheila S; ANTUNES, Viviane C (org.). **Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

10. APÊNDICE

10.1 Roteiro de entrevista

Esta pesquisa é continuidade de um pensamento que teve início com o estudo realizado para a conclusão da graduação em Geografia, em que busquei compreender Madureira enquanto um território negro educador. Neste momento, parti das narrativas de mulheres negras trançadeiras para compreender como suas trajetórias poderiam ser responsáveis por territorializar e conferir ao bairro junto a outros elementos marcantes como o Jongo da Serrinha ou o Viaduto Negrão de Lima. Procuo entendê-los como uma característica educadora por meio de uma ancestralidade africana, que resulta identificação por parte da comunidade negra. Pela amplitude que os diálogos abriram, me deparei com um universo rico em saberes diversos e a conexão com uma forte prática de trançar cabelos e que, além disso, poderiam nos apresentar a mais questões.

Neste sentido, as histórias de vida dessas mulheres nos possibilitaram compreender o espaço e “de tal modo cremos que o espaço, da mesma forma que a sociedade, influenciam as trajetórias” (MARÇAL, 2021, p. 43), o que acaba por evidenciar uma dimensão socioespacial. Em outras palavras, como o professor Diogo Marçal argumenta em seu texto apresentado à turma de Geografias Negras, ofertada pela pós-graduação da UFF em 2021, “as trajetórias possuem uma dimensão socioespacial” e “elas envolvem a história de vida dos indivíduos, suas experiências” (MARÇAL, 2021, p. 43). Por isso, neste desdobramento, acaba assumindo um lugar de centralidade, justamente, porque podem ser interpretadas como parte de um caminho que nos ajuda a observar que são variadas as experiências que compõem uma dimensão racial do espaço, “ou seja, o reconhecimento de elementos que fazem parte do espaço geográfico em uma vertente dinâmica de construções” (GUIMARÃES, 2018), Sobretudo, que é fundamental que possamos observar que essas trajetórias podem ser interessantes tanto para a ciência geográfica, quanto para um esforço que considere as trançadeiras como portadoras de elementos-saberes que em seu dinamismo têm significado a experiência do negro na sociedade. Além disso, essas mulheres negras podem ser alicerces para uma apreensão que venha a contribuir para a uma metodologia em Geografias Negras.

É valioso para esta pesquisa que as narrativas dessas mulheres tomem a centralidade do percurso, uma vez que é o cotidiano laboral desse ofício que encaminha parte da inspiração que conduz esta análise do espaço. Com este estudo, tenho interesse em destacar a escrevivência como sendo uma metodologia substancial para a condução de uma formulário de perguntas semi-estruturadas que serão direcionadas a mulheres negras que atuam como trançadeiras, em diferentes condições, localidades, vivências, etc. Além disso, tem como objetivo realizar uma

apresentação desse saber-fazer como elo raro, fundamental para conectar experiências de ancestralidade à territórios, resistências e lutas. O interesse maior é, dessa forma, refletir a geografia a partir do desde dentro, observando a prática das culturas negras diaspóricas e africanas inteiradas com o espaço (GUIMARÃES, 2018), bem como apresentar uma possibilidade maior de aproximação com a realidade de parte significativa da cultura e história negra africana, os responsáveis por (re)inventar social, cultural e economicamente o Brasil e as Américas. Isso, mesmo sob a régua do colonialismo, do capitalismo racial e também dos processos diversos do apagamento da memória que está dentro das tradições dos povos e que formaram as diásporas. Logo, esta pesquisa tem o intuito de nos conduzir para uma reelaboração da narrativa a respeito da contribuição negra na produção do espaço e no engendramento das sociedades que se constituíram no novo mundo.

Acredito que de alguma forma essa vivência narrada pode nos conduzir não apenas pela compreensão de um saber ancestral que se realiza no cotidiano, mas ao caminhar que faz o caminho. Quais os aspectos da trajetória de vida de mulheres negras trançadeiras podem interessar para uma interpretação geográfica da realidade e do espaço?

10.2 Formulário

Dados pessoais

1. Nome e idade (opcional)
2. De onde você é e em que região do Rio você mora atualmente?
3. Qual sua identidade de gênero?
4. Qual seu estado civil?
5. Tem filhos? Quantos?
6. Você professa/tem alguma religião? Qual seria?
7. Como se identifica no quesito raça/cor?
8. Qual sua escolaridade?
9. Quais memórias de cuidado com o cabelo você experimentou ao longo da vida?
10. Poderia me contar mais sobre como aprendeu a trançar? Há quanto tempo atua como trançadeira?
11. Onde você realiza seus atendimentos? Em quais regiões você mais atende/atendeu?
12. Toda a sua renda vem da atividade de trançar cabelos? Caso não, qual sua outra atividade e como você concilia sua prática como trançadeira com ela?
13. Você estabelece alguma relação com outras trançadeiras? Como funciona a troca entre vocês? Poderia compartilhar alguma memória que tenha te marcado nessa relação?
14. Como foi ser trançadeira durante a pandemia de Covid-19?

15. Você acredita na existência de racismo, discriminação racial, preconceito, machismo, sexismo, homofobia e intolerância na sociedade brasileira? Se sim, gostaria de compartilhar alguma experiência que tenha lhe marcado?
16. Pensando marcadores de raça e gênero, como você caracterizaria a sua clientela?
17. Você acredita que sua prática contribui para a elevação da autoestima de seus clientes? De que forma?
18. Você acredita que sua prática contribui para um fortalecimento da consciência/identidade étnica/racial dos clientes? Como?
19. Poderia descrever alguma experiência que lhe foi marcante na sua trajetória enquanto trançadeira?
20. Para você, quais são os principais desafios enfrentados em seu cotidiano?
21. Para você, quais direitos as trançadeiras precisam garantir?
22. Poderia me contar o que significa ser trançadeira para você?
23. O que você faz te realiza? Como?
24. Gostaria de falar mais alguma coisa?